

Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Janeiro 2012

Volume 6 | Número 1



Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Janeiro 2012
Volume 6 | Número 1



ISSN 2175-9278
CNPJ 00.038.166/0001-05

Boletim Regional do Banco Central do Brasil	Brasília	v. 6	n. 1	jan.	2012	p. 1-98
---	----------	------	------	------	------	---------

Boletim Regional do Banco Central do Brasil

Publicação trimestral do Banco Central do Brasil/Departamento Econômico.

Os textos, as tabelas e os gráficos são de responsabilidade dos seguintes componentes do **Departamento Econômico (Depec)** (*e-mail*: depec@bcb.gov.br):

Região Norte – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Belém (*e-mail*: pa.depec@bcb.gov.br);

Região Nordeste – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Fortaleza (*e-mail*: ce.depec@bcb.gov.br),
Núcleo Regional do Departamento Econômico em Recife (*e-mail*: pe.depec@bcb.gov.br),
Núcleo Regional do Departamento Econômico em Salvador (*e-mail*: ba.depec@bcb.gov.br);

Região Centro-Oeste – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Belo Horizonte (*e-mail*: mg.depec@bcb.gov.br);

Região Sudeste – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Belo Horizonte (*e-mail*: mg.depec@bcb.gov.br),
Núcleo Regional do Departamento Econômico no Rio de Janeiro (*e-mail*: rj.depec@bcb.gov.br),
Gerência Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo (*e-mail*: sp.depec@bcb.gov.br);

Região Sul – Núcleo Regional do Departamento Econômico em Curitiba (*e-mail*: pr.depec@bcb.gov.br),
Núcleo Regional do Departamento Econômico em Porto Alegre (*e-mail*: rs.depec@bcb.gov.br).

Informações sobre o Boletim

Telefone: (61) 3414-1009

Fax: (61) 3414-2036

É permitida a reprodução das matérias, desde que mencionada a fonte: Boletim Regional do Banco Central do Brasil, v. 6, n. 1

Controle Geral de Publicações

Banco Central do Brasil
Secre/Comun/Cogiv
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 1º andar
Caixa Postal 8.670
70074-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3414-3710 e 3414-3565
Fax: (61) 3414-1898
E-mail: editor@bcb.gov.br

Convenções estatísticas

- ... dados desconhecidos.
 - dados nulos ou indicação de que a rubrica assinalada é inexistente.
- 0 ou 0,0 menor que a metade do último algarismo, à direita, assinalado.
- * dados preliminares.

O hífen (-) entre anos (2004-2006) indica o total de anos, incluindo o primeiro e o último.

A barra (/) utilizada entre anos (2004/2006) indica a média anual dos anos assinalados, incluindo o primeiro e o último, ou, se especificado no texto, ano-safra, ou ano-convênio.

Eventuais divergências entre dados e totais ou variações percentuais são provenientes de arredondamentos.

Não são citadas as fontes dos quadros e gráficos de autoria exclusiva do Banco Central do Brasil.

Divisão de Atendimento ao Público

Banco Central do Brasil
Secre/Comun/Diate
SBS – Quadra 3 – Bloco B – Edifício-Sede – 2º subsolo
70074-900 Brasília – DF
DDG: 0800 9792345
Fax: (61) 3414-2553
Internet: <<http://www.bcb.gov.br>>

Sumário

Apresentação	5
Sumário executivo	7
Região Norte	9
Região Nordeste	15
Bahia	19
Ceará	23
Pernambuco	27
Região Centro-Oeste	31
Região Sudeste	37
Minas Gerais	43
Rio de Janeiro	47
São Paulo	51
Região Sul	55
Paraná	61
Rio Grande do Sul	67
Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais	73
Boxes	
O Desempenho das Exportações Brasileiras de <i>Commodities</i> : uma perspectiva regional (2006-2011)	77
Distribuição Regional da Produção Agrícola Brasileira	85
Evolução Regional das Operações de Crédito por Atividade Econômica	89
Apêndice	93
Siglas	97

Apresentação

O “Boletim Regional do Banco Central do Brasil” é uma publicação trimestral do Banco Central do Brasil que apresenta as condições da economia por regiões e por alguns estados do país. Sob o enfoque regional, enfatiza-se a evolução de indicadores que repercutem as decisões de política monetária – produção, vendas, emprego, preços, comércio exterior, entre outros. Nesse contexto, a publicação contribui para a avaliação do impacto das políticas da Autoridade Monetária sobre os diferentes entes da Federação, à luz das características econômicas locais e das gestões políticas regionais.

As análises e informações do “Boletim Regional” buscam oferecer à sociedade – em particular, a gestores de política econômica nas esferas subnacionais, pesquisadores e integrantes do meio acadêmico, empresários, investidores, e profissionais de imprensa – elementos que contribuam para identificar a forma e, especialmente, a magnitude de repercussão, no âmbito regional, das políticas implementadas. Ao mesmo tempo, a publicação contribui para dar à sociedade conhecimento dos critérios analíticos da Instituição.

O “Boletim Regional” analisa as economias das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul e dos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. A disponibilidade de estatísticas econômicas, bem como a distribuição geográfica das representações do Banco Central, influenciou a escolha dos estados. Assim, para as regiões que possuem apenas uma representação institucional – Norte e Centro-Oeste –, optou-se pela análise agregada regionalmente. Para as regiões em que existem mais de uma representação, são apresentadas, além da análise regional, as análises para os estados nos quais se encontram as representações.

Homogeneidade, abrangência e regularidade foram os principais critérios de escolha das estatísticas e das fontes. Dessa forma, em sua maior parte, os dados têm como origem

os órgãos e os institutos de âmbito nacional, destacadamente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e os entes da administração direta. Em alguns casos, foram utilizadas, complementarmente, informações de entidades regionais. Dados sem tratamento das fontes foram dessazonalizados pelo Departamento Econômico do Banco Central do Brasil (Depec).

Sumário executivo

A moderação na atividade econômica do país registrada no segundo semestre de 2011 se refletiu nos indicadores regionais, mas em intensidades variadas.

Na região Norte, os principais indicadores evidenciaram, nos meses recentes, moderação na atividade econômica. O menor dinamismo registrado na produção industrial – a atividade cresceu 0,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se expandira 2,4%, no mesmo tipo de comparação – e nas vendas varejistas se traduziu no desempenho do IBCR-N, que aumentou 0,7% no trimestre, expansão 0,9 p.p. inferior à assinalada no trimestre finalizado em agosto. Considerados períodos de doze meses, o indicador variou 4,8% em novembro, ante 5% em agosto.

As trajetórias das três principais economias da região Nordeste, embora registrassem dinamismo mais acentuado do que o observado em âmbito nacional, revelaram menor vigor no decorrer do segundo semestre de 2011. Nesse cenário, o Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia, do Ceará e de Pernambuco registraram aumentos respectivos de 1,2%, 0,1% e 1% no trimestre encerrado em setembro, em relação ao finalizado em junho, quando haviam variado 3,9%, 1,1% e 2,3%, respectivamente. No mesmo sentido, o IBCR-NE cresceu 0,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando aumentara 0,6%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

A economia da região Centro-Oeste registrou expansão moderada, na margem, no trimestre encerrado em novembro. Esse movimento esteve associado, em especial, ao menor dinamismo da indústria, excepcionalmente elevado no trimestre finalizado em agosto, em função de especificidades das indústrias farmacêuticas de Goiás, que recuou 11,8% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se expandira 16,1%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. Nesse cenário, a expansão trimestral do IBCR-CO recuou 1,2 p.p.,

para 1%, no período, considerados dados dessazonalizados. A variação do indicador acumulada em doze meses recuou de 5,3% em agosto para 4,3% em novembro.

A atividade econômica na região Sudeste, mesmo em ambiente de crescimento das vendas varejistas, registrou menor dinamismo no trimestre encerrado em novembro, quando o IBCR-SE recuou 0,2% em relação ao trimestre finalizado em agosto, período em que registrara estabilidade, na mesma base de comparação, considerados dados dessazonalizados. Esse movimento evidenciou, em especial, o recuo trimestral de 3,4% na atividade industrial, impactado por decréscimos na produção em 15 dos 23 segmentos industriais analisados. Considerados períodos de doze meses, o IBCR-SE cresceu 4,1%, em novembro, ante 5,3% em agosto.

O menor dinamismo registrado pela economia da região Sul no último semestre de 2011 refletiu, em especial, a retração do setor industrial e a desaceleração do crescimento do emprego e das vendas varejistas. Nesse cenário, o IBCR-S cresceu 0,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando havia aumentado 1%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador aumentou 4,2% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante expansão de 4,8% em agosto.

Os principais indicadores econômicos evidenciaram, nos meses recentes, moderação no ritmo de crescimento da região. O menor dinamismo registrado pela produção industrial e pelas vendas varejistas se traduziu no desempenho do IBCR-N, que aumentou 0,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se elevara 1,6%, na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados. Considerados períodos de doze meses, o indicador variou 4,8% em novembro, ante 5% em agosto.

As vendas do comércio varejista aumentaram 0,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam crescido 2,1%, no mesmo tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), do IBGE. Esse desempenho, favorecido pela continuidade da expansão do crédito às famílias, embora em ritmo mais moderado, refletiu, em grande parte, o aumento das vendas em Roraima, 4,1%, Tocantins, 1,1%, e Pará, 0,3%. O comércio ampliado, incluídas as vendas de automóveis e motocicletas e de materiais de construção, recuou 0,3% no período, ante elevação de 3,6% no trimestre encerrado em agosto.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista da região cresceu 9% em novembro, em relação ao período correspondente de 2010, ante 11,9% em agosto, destacando-se os aumentos respectivos de 28,2% e 12,1% nos resultados de Tocantins e Rondônia. O comércio ampliado, evidenciando a menor expansão das vendas de veículos, cresceu 6,9% no período.

A produção industrial da região elevou-se 0,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se expandira 2,4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do IBGE. A indústria de transformação cresceu 1,9% e a extrativa recuou 1,1%, no período.

Gráfico 1.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Norte

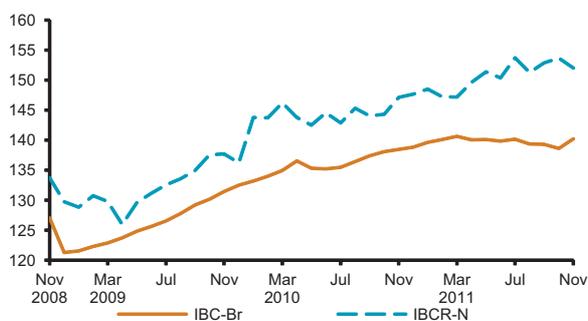


Tabela 1.1 – Produção industrial – Amazonas

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2011	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	1,9	0,3	4,3
Indústria extrativa	2,2	-0,3	2,5	0,2
Indústria de transformação	97,8	0,7	2,0	4,4
Material eletrônico	27,4	-1,4	-6,2	1,2
Alimentos e bebidas	22,9	11,8	18,8	-7,7
Equipamentos transporte	13,7	2,1	0,4	18,2
Edição e impressão	7,7	8,0	-8,9	-2,4

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 1.2 – Produção industrial – Pará

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2011	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	5,4	-0,8	3,3
Indústria extrativa	48,5	10,8	-1,8	8,4
Indústria de transformação	51,8	0,9	-2,4	-1,4
Metalurgia básica	33,3	2,0	-2,1	0,7
Alimentos e bebidas	9,2	3,0	11,6	-0,1
Celulose e papel	5,1	0,8	-4,7	1,4
Minerais não metálicos	4,9	4,4	-9,9	-2,0

Fonte: IBGE

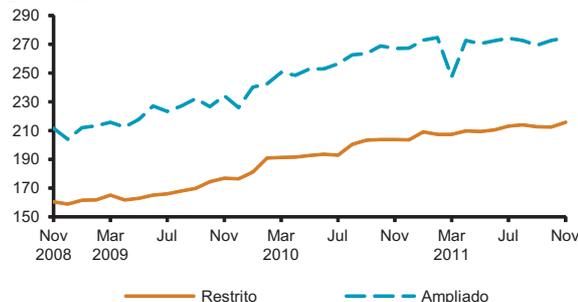
1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 1.2 – Comércio varejista – Norte

Dados dessazonalizados

2003 = 100

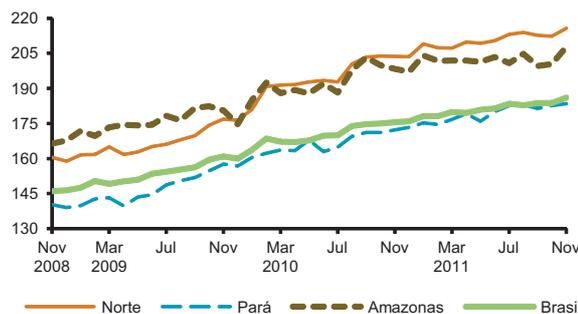


Fonte: IBGE

1/ Dados dessazonalizados.

Gráfico 1.3 – Índice de volume de vendas no varejo

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

A indústria de transformação do Amazonas registrou crescimento de 2% no trimestre, com ênfase nos aumentos respectivos de 18,8% e 0,4% nas atividades alimentos e bebidas e equipamentos de transportes, que detiveram participação conjunta de 36,6% na indústria do estado. Em oposição, ocorreram recuos nas indústrias de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 6,2%, e de edição, impressão e reprodução de gravações, 8,9%.

A produção da indústria paraense decresceu 0,8% no trimestre, resultado de recuos respectivos de 1,8% e 2,4% na atividade extrativa, que responde por 48,5% da produção industrial do estado, e na indústria de transformação.

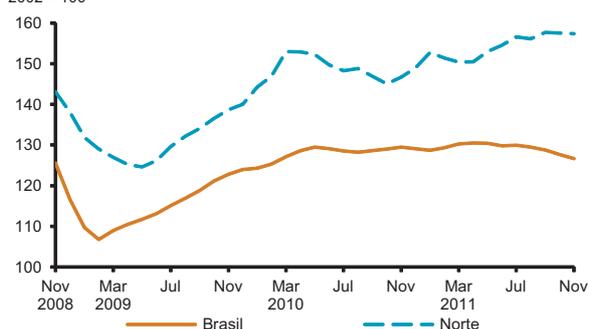
Considerados períodos de doze meses, a indústria da região registrou expansão de 4% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, ante 3,6% em agosto, resultado de aumentos de 7,6% na indústria extrativa e de 3,5% na de transformação. Ocorreram elevações nos segmentos outros equipamentos de transportes, 18,2%, máquinas e equipamentos, 8,5%, refino de petróleo e álcool, 7,5%, e material eletrônico, 1,2%, no Amazonas, e metalurgia básica, 0,7%, no Pará.

As vendas da indústria amazonense aumentaram 14,4% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual período de 2010, ante 15,3% em agosto, de acordo com a Federação das Indústrias do Estado do Amazonas (Fieam). Adicionalmente, o nível de utilização da capacidade instalada (Nuci) da indústria de transformação atingiu 82,7% em novembro, ante 81,7% em agosto e 81,2% em novembro de 2010.

As operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na região totalizaram R\$66,8 bilhões em novembro, elevando-se 6,5% no trimestre e 22,4% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas, com destaque para as modalidades financiamentos habitacionais e de veículos, e crédito consignado, atingiram R\$33 bilhões, aumentando 4,1% e 22,7% nas bases de comparação mencionadas. No segmento de pessoas jurídicas, em que prevaleceram as operações de adiantamento sobre contratos de câmbio, de capital de giro e de aquisição de bens, o saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil atingiu R\$33,8 bilhões, elevando-se 9% no trimestre e 22,2% em doze meses.

A inadimplência nessas operações de crédito atingiu 3,7% em novembro, ante 3,6% em agosto, reflexo de variações de 0,5 p.p no segmento de pessoas físicas e

Gráfico 1.4 – Produção industrial – Norte
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 1.3 – Produção agrícola – Norte

Itens selecionados

Discriminação	Em mil toneladas		
	Produção		Variação %
	2010	2011 ^{1/}	2011/2010
Grãos	4 014	4 385	9,2
Arroz (em casca)	1023	986	-3,7
Milho	1 296	1 347	3,9
Soja	1 612	1 862	15,5
Outras lavouras			
Mandioca	7 305	7 575	3,7
Banana	846	828	-2,1
Abacaxi	302	316	4,5

Fonte: IBGE

1/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2011.

Tabela 1.4 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Norte		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	15 111	20 861	38,1	26,8
Básicos	10 378	15 794	52,2	35,8
Industrializados	4 733	5 068	7,1	19,0
Semimanufaturados	1 848	2 216	19,9	27,7
Manufaturados ^{1/}	2 885	2 852	-1,1	16,7

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 1.5 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Norte		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	12 744	14 701	15,4	24,5
Bens de consumo	3 853	4 414	14,6	28,3
Duráveis	3 585	4 109	14,6	33,4
Não duráveis	268	306	14,2	24,1
Bens intermediários	4 860	5 894	21,3	22,5
Bens de capital	3 619	3 569	-1,4	16,0
Combustíveis e lubrificantes	412	824	100,2	41,4

Fonte: MDIC/Secex

de -0,1% p.p no de pessoas jurídicas, que registraram taxas respectivas de 5,4% e 2,2%.

A safra de grãos da região Norte totalizou 4,3 milhões de toneladas em 2011, de acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) de dezembro, do IBGE, registrando aumento anual de 7,5%. As safras de soja e milho registraram acréscimos respectivos de 15,5% e 3,9%, enquanto no âmbito das demais culturas ocorreram aumentos respectivos de 4,5% e 3,7% nas relativas a abacaxi e mandioca, contrastando com a retração de 2,1% na produção de banana.

Os abates de bovinos realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo Serviço de Inspeção Federal (SIF) registraram aumento anual de 9,3% em 2011, de acordo com estatísticas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). As exportações de carnes desossadas de bovinos, frescas ou refrigeradas cresceram 148,4% no ano, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

O superávit comercial da região totalizou US\$6,1 bilhões em 2011, de acordo com o MDIC. O acréscimo anual de 159,3% traduziu os aumentos de 38,1% nas exportações e de 15,5% nas importações, que atingiram, na ordem, US\$20,9 bilhões e US\$14,7 bilhões.

O aumento das exportações, decorrente de variações de 23,8% nos preços e de 11,2% no *quantum*, refletiu, em especial, a expansão de 52,2% nos embarques de produtos básicos, que, representando 75,7% da pauta da região, concentraram-se em minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados e em outros grãos de soja mesmo triturados. As vendas de semimanufaturados aumentaram 19,9%, com destaque para as relativas a alumínio não ligado em forma bruta, e para as relativas a manufaturados decresceram 1,1% no ano. As exportações direcionadas à China, Japão, Alemanha, Coreia do Sul e Estados Unidos da América (EUA) corresponderam, em conjunto, a 58,8% das vendas externas da região, ressaltando-se que as direcionadas à Coreia do Sul elevaram-se 92% em relação a 2010.

A evolução das importações, resultante de variações de 21,8% nos preços e de 1,1% no *quantum*, refletiu as elevações observadas nas compras de combustíveis e lubrificantes, 100,2%, bens intermediários, 21,3%, e bens de consumo, 14,6%, e o recuo de 1,4% nas relativas a bens de capital. Por produtos, ressaltam-se os aumentos nas aquisições de gásóleo, 123,5%, outras partes e acessórios

Tabela 1.6 – Evolução do emprego formal – Norte

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010	2011			
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	23,4	-1,5	17,0	39,7	27,4
Extrativa mineral	0,7	0,8	1,3	1,1	0,4
Indústria de transformação	3,9	1,4	4,9	12,0	2,5
Comércio	12,2	-0,8	1,8	4,7	10,3
Serviços	7,9	3,0	9,6	6,8	13,5
Construção civil	-2,3	-5,0	-0,6	12,8	1,3
Agropecuária	1,2	-0,4	-0,4	2,3	-0,9
Outros ^{2/}	-0,2	-0,4	0,4	0,1	0,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais, administração pública e outras.

Tabela 1.7 – Evolução do emprego formal – Norte

Novos postos de trabalho

UF	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010	2011			
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Região Norte	23,4	-1,5	17,0	39,7	27,4
Acre	-0,7	-0,9	-0,3	1,6	-0,2
Amapá	0,7	-0,5	0,6	1,9	2,1
Amazonas	7,8	0,6	11,2	13,6	7,2
Pará	11,3	-0,6	2,7	17,6	16,1
Rondônia	3,8	1,2	3,3	3,0	-1,3
Roraima	1,1	0,2	-0,9	0,5	1,4
Tocantins	-0,8	-1,6	0,5	1,4	2,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

Tabela 1.8 – IPCA – Belém

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2010	2011		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,85	0,50	1,29	4,74
Livres	74,7	7,29	0,66	1,76	5,49
Comercializáveis	40,8	7,12	0,15	2,30	4,65
Não comercializáveis	33,9	7,53	1,27	1,12	6,53
Monitorados	25,3	5,60	0,03	-0,05	2,57
Principais itens					
Alimentação	33,3	10,38	0,14	3,21	5,59
Habitação	9,3	9,14	-0,62	-0,85	0,42
Artigos de residência	4,3	0,54	1,13	-0,72	0,15
Vestuário	9,2	6,97	1,08	1,01	7,95
Transportes	12,9	4,72	0,40	0,15	4,03
Saúde	12,2	3,80	1,44	1,18	4,34
Despesas pessoais	9,9	6,39	1,16	1,02	7,59
Educação	5,2	6,06	0,63	-0,14	7,31
Comunicação	3,8	-0,09	-0,33	0,15	-0,48

Fonte: IBGE

1/ Referente a dezembro de 2011.

para motocicletas, 64,9%, e outros circuitos integrados monolíticos, 17,2%. As importações originárias da China, EUA, Coreia do Sul, Japão e Taiwan representaram, em conjunto, 73,2% das aquisições externas da região em 2011.

Em relação ao mercado de trabalho, estatísticas do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e Emprego (Caged/MTE) revelam a criação de 27,4 mil empregos formais na região no trimestre encerrado em novembro, ante 23,4 mil em igual período de 2010, dos quais 16,1 mil no Pará, 7,2 mil no Amazonas e 2,1 mil em Tocantins. Por atividade, ressaltem-se as vagas geradas nos setores de serviços, 13,5 mil, e no comércio, 10,3 mil, contrastando com a eliminação de 0,9 mil postos na agropecuária.

O nível de emprego aumentou 1% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando crescera 0,9%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, com destaque para os aumentos respectivos de 2%, 1,3%, 1,1% e 0,9% assinalados em Roraima, Pará, Tocantins e Amazonas.

A inflação na Região Metropolitana de Belém (RMB), medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), atingiu 1,29% no trimestre encerrado em dezembro, ante 0,50% naquele finalizado em setembro, movimento decorrente de aceleração nos preços livres, de 0,66% para 1,76%, e de reversão, de 0,03% para -0,05%, na variação dos preços monitorados.

A evolução dos preços livres traduziu, em especial, a aceleração de 0,15% para 2,30% dos preços dos bens comercializáveis, com ênfase nas elevações respectivas de 10,12% e 5,17% nos preços dos itens carnes e açúcares e derivados. A variação dos preços dos bens não comercializáveis, que recuou de 1,27% para 1,12%, no trimestre, foi impactada pelos aumentos nos itens pescados, 12,73%, feijão carioca, 6,83%, e produtos farmacêuticos, 1,28%. O índice de difusão registrou média de 60,0% no trimestre finalizado em dezembro, ante 61,6% naquele encerrado em setembro.

O IPCA da RMB aumentou 4,74% em 2011, ante 6,85% no ano anterior, representando patamar 1,76 p.p. inferior ao registrado pelo indicador nacional. Ocorreram reduções nas variações anuais dos preços livres, de 7,29% para 5,49%, com ênfase na moderação dos aumentos nos grupos alimentação e habitação, e dos preços monitorados, de 5,60% para 2,57%, esta associada, em especial, ao recuo de 1,03% no item energia elétrica residencial.

As perspectivas de curto prazo sugerem que a economia nortista deverá seguir apresentando resultados positivos em 2012. A continuidade do crescimento do emprego e da renda e os efeitos defasados das ações de política monetária serão determinantes para a manutenção do crescimento ao longo do ano, que também será favorecido pelo impacto do aumento do salário mínimo.

Gráfico 2.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Nordeste

Dados dessazonalizados
2002 = 100

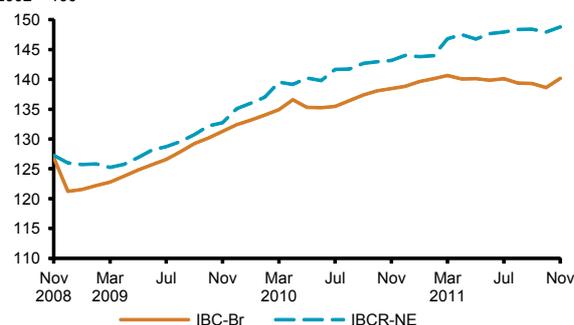
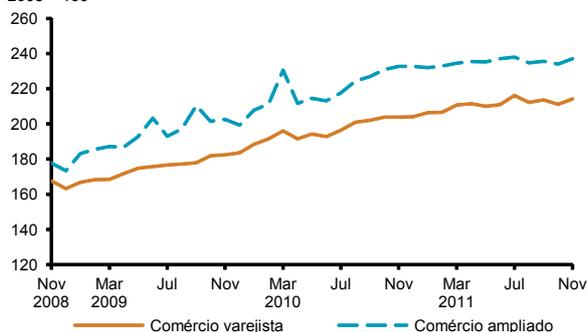


Gráfico 2.2 – Comércio varejista – Nordeste

Dados dessazonalizados
2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.1 – Comércio varejista – Nordeste

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2010	2011		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	12,3	1,1	0,0	7,9
Combustíveis e lubrificantes	6,3	3,0	1,1	6,4
Híper e supermercados	10,4	1,3	-1,0	2,9
Móveis e eletrodomésticos	21,5	2,2	-1,3	21,3
Eq. e mat. p/ esc., inf. e com.	13,9	-1,2	12,9	6,7
Comércio ampliado	13,5	0,6	-0,4	7,5
Automóveis e motocicletas	17,4	-2,2	-1,2	7,3
Material de construção	13,9	2,2	0,5	3,9

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

1/ Os dados relativos à região foram obtidos a partir da agregação do índice do volume de vendas de cada unidade da Federação, ponderados pela participação da variável receita bruta de revenda de cada unidade da Federação na receita bruta total da região, constante da Pesquisa Anual do Comércio do IBGE.

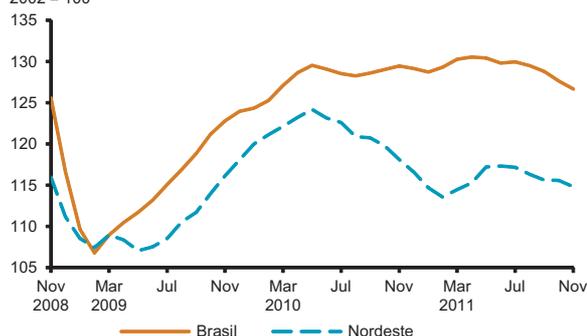
O desempenho das três principais economias da região Nordeste registrou moderação no terceiro trimestre de 2011, mas manteve dinamismo mais acentuado do que o observado em âmbito nacional. Nesse cenário, os PIBs da Bahia, do Ceará e de Pernambuco registraram aumentos respectivos de 1,2%, 0,1% e 1% no trimestre encerrado em setembro, segundo dados dessazonalizados, em relação ao finalizado em junho, quando haviam variado 3,9%, 1,1% e 2,3%, respectivamente. Por sua vez, o IBCR-NE cresceu 0,3% no trimestre encerrado em novembro, considerados dados dessazonalizados, refletindo, sobretudo, a continuidade de expansão da atividade de serviços, evidenciada no crescimento da ocupação no setor.

As vendas varejistas na região Nordeste¹ registraram estabilidade no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 1,1%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC, do IBGE. O comércio ampliado recuou 0,4% no trimestre, com aumento de 12,9% nas vendas de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação e redução de 1,2% nas relativas a veículos, motos, partes e peças.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista da região cresceu 7,9% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante 9,8% em agosto. Registraram-se aumentos nas vendas em todos os segmentos considerados na pesquisa, destacando-se os relativos a móveis e eletrodomésticos, 21,3%, e a livros, jornais, revistas e papelaria, 17,4%. Incorporadas as elevações respectivas de 7,3% e 3,9% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de material de construção, o comércio ampliado da região registrou crescimento de 7,5%, no período.

A produção industrial da região Nordeste recuou 1,3% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao

Gráfico 2.3 – Produção industrial – Nordeste
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

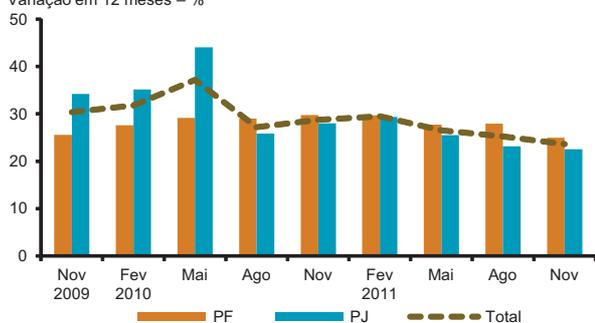
Tabela 2.2 – Produção industrial – Nordeste
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2011	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-0,8	-1,3	-4,8
Indústria extrativa	7,7	-1,3	-2,6	-1,8
Indústria de transformação	91,9	-0,5	-2,1	-5,0
Alimentação e bebidas	25,0	-2,5	3,1	1,1
Química	19,6	11,3	-2,1	-8,7

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Nordeste^{1/}
Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 2.3 – Produção agrícola – Nordeste
Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/} (%)	Em mil toneladas		Var. % 2011/2010
		Produção ^{2/} 2010	Produção ^{2/} 2011	
Produção de grãos		11 779	14 734	25,1
Soja	13,8	5 304	6 230	17,5
Milho	7,6	4 145	5 106	23,2
Feijão	4,5	597	869	45,4
Outras lavouras selecionadas				
Cana-de-açúcar	17,1	69 255	72 833	5,2
Mandioca	6,7	8 127	8 322	2,4

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2009.
2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2011.

terminado em agosto, quando decrescera 0,8%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF) do IBGE. Ocorreram retrações em sete das onze atividades pesquisadas, destacando-se as relativas às indústrias de refino de petróleo e álcool, 8,9%, e de calçados e artigos de couro, 7,4%.

A análise em doze meses revela que a indústria nordestina recuou 4,8% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante 3,7% em agosto, registrando-se decréscimos de 1,8% na indústria extrativa e de 5% na de transformação.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil atingiu R\$218 bilhões em novembro, elevando-se 6,1% no trimestre e 23,6% em doze meses, maior percentual entre as regiões do país nessa base de comparação. O total contratado no segmento de pessoas jurídicas somou R\$122 bilhões, expandindo-se 6,7% e 22,6%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas, com ênfase nos créditos às atividades transmissão e distribuição de energia elétrica, indústrias químicas e refino de petróleo. Os créditos destinados às pessoas físicas totalizaram R\$96 bilhões, aumentando 5,4% no trimestre e 25% em doze meses, com destaque para as modalidades crédito consignado, financiamento a veículos e financiamentos habitacionais. A inadimplência atingiu 3,59% no trimestre encerrado em novembro, elevando-se 0,19 p.p. em relação a agosto.

A produção de grãos da região Nordeste cresceu 25,1% em 2011, segundo o LSPA de dezembro do IBGE, atingindo 14,7 milhões de toneladas e passando a representar 9,2% da safra nacional. As culturas de feijão, milho e soja assinalaram aumentos anuais respectivos de 45,4%, 23,2% e 17,5%. Além de grãos, ressaltou-se o crescimento nas produções de mandioca, cana-de-açúcar e castanha de caju, na ordem, de 2,4%, 5,2% e 124,8%. O IBGE divulgou, adicionalmente, prognóstico de aumento anual de 7,9% para a produção anual de grãos da região em 2012, destacando-se os acréscimos previstos para as safras de feijão, 11,1%, milho, 12,4%, e soja, 6,3%.

A balança comercial da região Nordeste registrou, de acordo com o MDIC, déficit de US\$5,3 bilhões em 2011, resultado 210% superior ao do ano anterior. As exportações totalizaram US\$18,8 bilhões, e as importações, US\$24,2 bilhões, com crescimentos anuais respectivos de 18,7% e 37,4%.

Tabela 2.4 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	15 868	18 830	18,7	26,8
Básicos	4 467	5 100	14,2	36,1
Industrializados ^{1/}	11 401	13 730	20,4	19,4
Semimanufaturados	4 622	5 709	23,5	27,7
Manufaturados ^{1/}	6 780	8 021	18,3	16,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.5 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Nordeste		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	17 586	24 156	37,4	24,5
Bens de consumo	1 782	2 250	26,2	27,5
Duráveis	1 314	1 595	21,4	29,7
Não duráveis	468	655	39,9	24,4
Bens intermediários	8 274	10 826	30,9	21,5
Bens de capital	3 067	3 499	14,1	16,8
Combustíveis e lubrificantes	4 462	7 581	69,9	42,8

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.6 – Evolução do emprego formal – Nordeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	196,4	-28,9	-1,9	127,0	139,4
Indústria de transformação	76,8	-25,7	-51,2	34,6	59,5
Serv. ind. de utilidade pública	0,5	0,8	1,1	1,6	0,2
Construção civil	23,5	-13,7	10,2	17,0	13,7
Comércio	48,0	7,5	6,9	13,8	34,1
Serviços	42,3	21,6	27,0	30,9	36,8
Agropecuária	4,2	-19,5	3,5	28,1	-5,5
Outros ^{2/}	1,0	-0,1	0,7	1,0	0,6

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

O desempenho das exportações, traduzindo variações de 24,3% nos preços e de -4,5% no *quantum*, refletiu expansões assinaladas nas vendas em todas as categorias de fator agregado, com ênfase na relativa a semimanufaturados, 23,5%. EUA, China, Argentina, Holanda e Antilhas Holandesas adquiriram, em conjunto, 45,6% das exportações da região em 2011.

O crescimento das importações, decorrente de aumentos de 22,9% nos preços e de 11,8% no *quantum*, evidenciou expansões nas compras em todas as categorias de uso, destacando-se as referentes a combustíveis e lubrificantes, 69,9%, e a bens de consumo não duráveis, 39,9%. As importações provenientes dos EUA, Argentina, China, Índia e Chile representaram, em conjunto, 49,8% do total adquirido pela região, em 2011.

De acordo com estatísticas do Caged/MTE, na região Nordeste, foram gerados 139,4 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em novembro de 2011 (59,5 mil na indústria de transformação e 36,8 mil no setor de serviços), ante 127 mil no trimestre finalizado em agosto e 196,4 mil em igual período do ano anterior. A retração na geração de postos de trabalho na comparação interanual refletiu, em especial, o menor dinamismo da indústria de transformação, do comércio e da construção civil.

O nível do emprego formal cresceu 0,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, considerados dados dessazonalizados. Ocorreram aumentos em seis das oito atividades pesquisadas, com ênfase nos aumentos respectivos de 1,2% e 1,1% no setor de serviços e na indústria extrativa.

A inflação, medida pelo IPCA, atingiu 6,35% na região em 2011, ante 5,86% no ano anterior, patamar inferior à média nacional. Os preços livres cresceram 6,65%, e os monitorados, 5,62%, ante 7,05% e 3,01%, respectivamente, em 2010, ressaltando-se, no âmbito dos preços livres, a menor variação anual no grupo alimentação e bebidas e, em relação aos monitorados, os reajustes nos itens transporte público, 10,98%, e plano de saúde, 7,67%.

Na margem, a variação do IPCA da região Nordeste atingiu 1,63% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,12% no finalizado em setembro, aumento decorrente de aceleração dos preços livres, de 1,08% para 2,02%, e desaceleração dos monitorados, de 1,20% para 0,66%, essa evidenciando, em parte, os recuos respectivos de 1,00% e 0,10% nos itens gás de botijão e energia elétrica residencial.

Tabela 2.7 – IPCA – Nordeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2010	2011		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	5,86	1,12	1,63	6,35
Livres	71,3	7,05	1,08	2,02	6,65
Comercializáveis	37,5	6,80	1,11	1,91	4,49
Não comercializáveis	33,8	7,34	1,06	2,14	9,07
Monitorados	28,7	3,00	1,20	0,66	5,62
Principais itens					
Alimentação	25,8	9,57	0,51	3,24	6,51
Habitação	11,9	3,55	1,53	0,89	6,71
Artigos de residência	3,8	2,61	0,86	0,63	2,55
Vestuário	8,2	10,21	2,89	2,53	10,39
Transportes	16,6	2,43	1,19	0,54	4,78
Saúde	12,4	4,93	0,76	1,03	4,91
Despesas pessoais	9,2	5,77	2,18	2,23	9,98
Educação	6,9	7,75	0,53	0,16	7,99
Comunicação	5,2	0,64	0,09	0,41	1,51

Fonte: IBGE

1/ Referentes a março de 2011.

No âmbito dos preços livres, ocorreram acelerações nos preços dos itens comercializáveis, de 1,11% para 1,91%, ressaltando-se as elevações no item carnes, 7,64%, e no grupo vestuário, 2,53%; no dos itens não comercializáveis, de 1,06% para 2,14%, associada às elevações nos grupos alimentação e bebidas, 3,24%, e despesas pessoais, 2,23%. O índice de difusão atingiu 58,3% no trimestre encerrado em dezembro, ante 58,2% naquele finalizado em setembro.

A economia nordestina manteve dinamismo superior ao da economia do país em 2011. As perspectivas favoráveis para 2012, de acordo com estimativas do Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste (Etene), do Banco do Nordeste do Brasil S.A. (BNB),² e dos institutos de pesquisa estaduais das três maiores economias da região Nordeste, consideram a concretização dos investimentos programados na região, bem como a manutenção do crescimento do mercado doméstico, apoiado pela expansão da massa salarial ampliada, por sua vez, favorecida pelo aumento do salário mínimo e continuidade dos programas de transferência de renda do governo federal.

2/ O BNB/Etene prevê expansão de 4,1% para 2011 e 5,04% para 2012.

Bahia

Gráfico 2.5 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Bahia
Dados dessazonalizados
2002 = 100



Gráfico 2.6 – Comércio varejista – Bahia
Dados dessazonalizados
2003 = 100

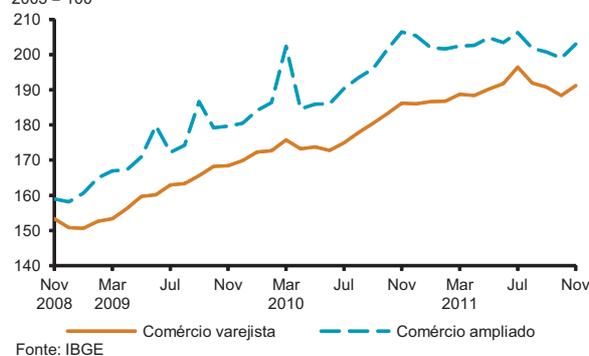


Tabela 2.8 – Comércio varejista – Bahia
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011			
	Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	1,4	2,3	-1,7	7,8
Combustíveis e lubrificantes	2,1	3,8	-1,5	6,5
Híper e supermercados	3,7	1,2	-0,5	1,9
Tecidos, vestuário e calçados	3,3	0,7	-2,1	8,3
Móveis e eletrodomésticos	-1,2	3,4	-4,1	20,5
Livros, jornais, revistas e papelaria	-2,7	10,3	0,1	17,6
Comércio ampliado	0,1	0,3	-1,5	6,0
Automóveis e motocicletas	-2,5	-5,1	-1,5	2,1
Material de construção	1,2	0,7	-2,2	1,3

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB da Bahia recuou 1,2% no trimestre encerrado em setembro, em relação ao terminado em junho, quando, de acordo com dados dessazonalizados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), havia aumentado 3,9%, nesse tipo de comparação. Esse movimento foi ratificado pela evolução do IBCR-BA, que decresceu 0,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia aumentado 1,2%, no mesmo tipo de análise, ressaltando-se os impactos da retração na produção industrial e da desaceleração nas vendas do comércio varejista. Considerados períodos de doze meses, o crescimento do indicador recuou de 3,9%, em agosto, para 2,6%, em novembro.

As vendas varejistas na Bahia recuaram 1,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 2,3%, na mesma base de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ocorreram, no período, decréscimos nas vendas em cinco dos oito segmentos considerados na pesquisa, com destaque para o relativo a móveis e eletrodomésticos, 4,1%. Em sentido contrário, as vendas de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação aumentaram 45% no trimestre, recuperando o patamar vigente no início do ano. Incorporadas as reduções de 1,5% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de 2,2% nas de material de construção, o comércio ampliado baiano assinalou retração trimestral de 1,5% em novembro.

A análise em doze meses revela que as vendas do comércio varejista aumentaram 7,8% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante 9,3% em agosto, com ênfase nos aumentos nos segmentos móveis e eletrodomésticos, 20,5%, e livros, jornais, revistas e papelaria, 17,6%. O comércio ampliado, incorporando as expansões nos segmentos veículos, motos, partes e peças, 2,1%, e material de construção, 1,3%, cresceu 6% no período.

A produção da indústria baiana decresceu 3,4% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando aumentara 3,4%, no mesmo tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A indústria extrativa mineral recuou 4,4%, e a de transformação, 3,7%, ressaltando-se as retrações nos segmentos veículos automotores, 55,4%, e refino de petróleo e produção de álcool, 10,4%, influenciados, respectivamente, pela concessão de férias coletivas e pela paralisação técnica parcial em unidades produtivas durante o trimestre. A indústria química, principal

Gráfico 2.7 – Produção industrial – Bahia
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

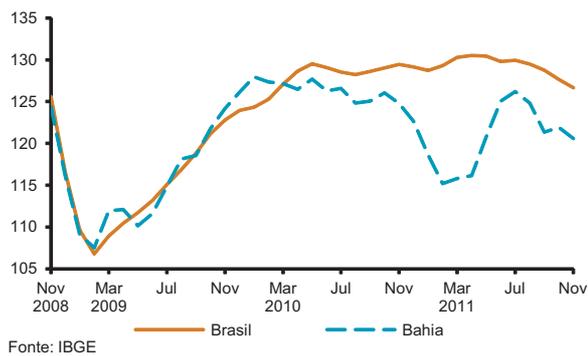


Tabela 2.9 – Produção industrial – Bahia
Geral e setores selecionados

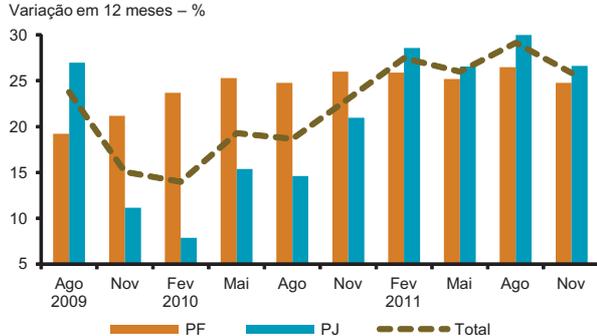
Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2011		Acumulado
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/} em 12 meses	
Indústria geral	100,0	3,4	-3,4	-4,9
Indústria extrativa	5,3	-2,5	-4,4	-1,2
Indústria de transformação	94,7	3,5	-3,7	-5,1
Produtos químicos	30,2	15,4	-2,9	-10,7
Ref. a petróleo e prod. de álcool	23,8	-4,8	-10,4	-7,0
Alimentos e bebidas	14,1	0,4	1,1	7,3
Celulose e papel	10,9	5,5	3,7	-1,0
Metalurgia básica	8,3	-10,0	12,0	-12,2

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.8 – Evolução do saldo das operações de crédito – Bahia^{1/}
Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

atividade industrial do estado, recuou 2,9% no trimestre, interrompendo sequência de seis resultados positivos, nessa base de comparação, contrastando com os impactos positivos exercidos pelos crescimentos respectivos de 12% e 3,7% nas indústrias metalúrgica básica e de celulose e papel.

Considerados períodos de doze meses, a indústria do estado recuou 4,9% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, persistindo a trajetória descendente iniciada em novembro desse ano. Seis dos nove segmentos pesquisados apresentaram resultados negativos, destacando-se as retrações de 12,2% na metalurgia básica e de 10,7% na indústria química. Em sentido oposto, a produção de alimentos e bebidas cresceu 7,3% no período.

O Indicador de Confiança do Empresariado Baiano (Iceb), estimado pela SEI, atingiu 124,8 pontos em novembro, ante 123,4 pontos em agosto, permanecendo na zona definida como de otimismo moderado.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na Bahia somou R\$61,6 bilhões em novembro, elevando-se 4,3% no trimestre e 25,8% em doze meses. Desse total, R\$35,9 bilhões foram contratados no segmento de pessoas jurídicas, que registrou expansões respectivas de 3,1% e 26,6% nas bases de comparação mencionadas, ressaltando-se o dinamismo das operações direcionadas à construção civil, à indústria de papel e papelão e ao comércio. As operações de crédito no segmento de pessoas físicas totalizaram R\$25,7 bilhões, registrando expansão trimestral de 6% e anual de 24,8%, com destaque para as modalidades financiamento habitacional, financiamento de veículos e crédito consignado.

A taxa de inadimplência nas operações de crédito no estado atingiu 3,73% em novembro, registrando variações de 0,27 p.p. em relação a agosto e de -0,04 p.p em doze meses. A evolução trimestral decorreu de elevações respectivas de 0,30 p.p e 0,22 p.p. nas carteiras de pessoas físicas e de pessoas jurídicas, nas quais a taxa situou-se, na ordem, em 5,40% e 2,58%.

A produção de grãos da Bahia aumentou 13,1% em 2011, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE, totalizando 7,7 milhões de toneladas e correspondendo a 50,3% da produção nordestina. Esse desempenho refletiu, principalmente, o crescimento de 58,6% na safra de algodão herbáceo, impulsionado pela expansão de 53,4% na área

Tabela 2.10 – Produção agrícola – Bahia

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação %
		2010	2011 ^{2/}	
Grãos				
Soja	15,6	3 113	3 515	12,9
Algodão herbáceo	9,0	996	1 580	58,6
Milho	7,4	2 223	2 105	-5,3
Feijão	5,4	307	241	-21,7
Outros grãos ^{3/}	1,2	208	305	46,7
Outras lavouras				
Cacau	7,4	149	155	3,6
Banana	5,8	1 079	1 145	6,1
Café	5,3	185	160	-13,7
Mandioca	5,3	3 211	3 359	4,6
Cana-de-açúcar	3,5	4 976	6 543	31,5

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Segundo o LSPA de dezembro de 2011.

3/ Amendoim, arroz, mamona e sorgo.

Tabela 2.11 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	8 886	11 016	24,0	26,8
Básicos	1 749	2 669	52,6	36,1
Industrializados	7 137	8 348	17,0	19,1
Semimanufaturados	2 605	3 012	15,6	27,7
Manufaturados ^{1/}	4 532	5 336	17,7	16,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.12 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Bahia		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	6 706	7 767	15,8	24,5
Bens de capital	1 129	1 221	8,1	16,8
Bens intermediários	4 062	5 011	23,4	21,5
Bens de consumo	1 082	1 256	16,0	27,5
Duráveis	1 007	1 155	14,7	29,7
Não duráveis	75	101	34,8	24,4
Combustíveis e lubrificantes	433	280	-35,3	42,8

Fonte: MDIC/Secex

plantada, em ambiente de aumento do preço internacional do produto. A produção de sorgo cresceu 85,6%, e a de soja, 12,9%, contrastando com os recuos nas safras de feijão, 21,7%, e de milho, 5,3%, prejudicadas pelo excesso de chuvas no ano.

De acordo com o terceiro prognóstico do IBGE, a safra de grãos do estado deverá decrescer 1,1% em 2012. A estimativa incorpora retração nas culturas de arroz, 16,8%, soja, 2,4%, milho, 0,9%, e algodão, 0,6%, e aumento de 26,7% na lavoura de feijão, esta fundamentada na expectativa de normalidade climática.

O superávit comercial da Bahia totalizou US\$3,2 bilhões em 2011, aumentando 49% no ano, com as exportações somando US\$11 bilhões, e as importações, US\$7,8 bilhões.

O aumento anual de 24% nas exportações baianas, decorrente de aumentos de 22,7% nos preços e de 1% no *quantum*, evidenciou as elevações registradas nas vendas em todas as categorias de fator agregado, ressaltando-se a expansão de 52,6% nas relativas a produtos básicos. Os embarques de produtos industrializados, que representaram 76% da pauta, cresceram 17%. Argentina, EUA e China adquiriram, em conjunto, 39,7% dos embarques anuais do estado.

O crescimento anual de 15,8% nas importações, evidenciando igual expansão nos preços, refletiu, em especial, o aumento de 23,4% nas referentes a matérias-primas e produtos intermediários, que corresponderam a 65% das aquisições externas anuais baianas. Argentina, Chile e Argélia constituíram-se nos mercados de origem de 38,8% das aquisições anuais do estado.

O mercado de trabalho formal baiano gerou 63,3 mil postos nos onze primeiros meses do ano, ante 108,7 mil em igual intervalo de 2010, de acordo com o Caged/MTE. Essa redução refletiu, em especial, o menor dinamismo nas contratações na construção civil e na indústria de transformação. Foram criadas 6,7 mil vagas no trimestre encerrado em novembro, ante 28 mil em igual trimestre do ano anterior, com ênfase nos cortes registrados na indústria de transformação, 0,5 mil, e na agricultura, 7,9 mil. Na margem, o nível do emprego formal cresceu 0,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando aumentara 1,2%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados.

De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego

Tabela 2.13 – Evolução do emprego formal – Bahia

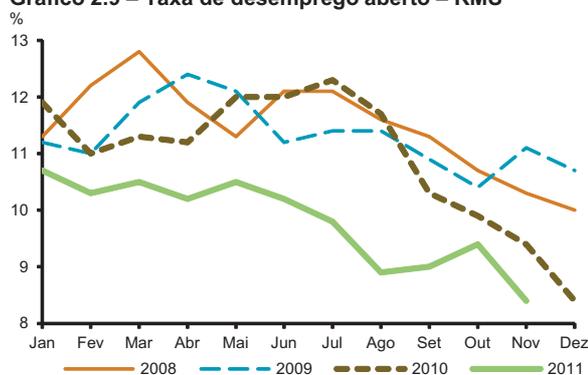
Novos postos de trabalho

Discriminação	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	28,0	-6,7	25,1	20,9	6,7
Indústria de transformação	3,6	-3,0	2,9	4,8	-0,5
Comércio	11,2	2,2	0,8	2,4	6,3
Serviços	12,0	3,6	6,8	8,7	7,3
Construção civil	4,1	-8,7	6,8	-1,5	1,3
Agropecuária	-3,6	-1,0	7,1	5,4	-7,9
Serviço industrial de utilidade pública	0,2	0,1	0,2	0,8	-0,1
Outros ^{2/}	0,5	0,1	0,5	0,3	0,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 2.9 – Taxa de desemprego aberto – RMS

Fonte: IBGE

Tabela 2.14 – IPCA – Salvador

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2010	2011		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,21	1,44	1,70	6,50
Livres	70,3	6,75	1,29	2,17	6,45
Comercializáveis	35,0	6,66	1,06	1,98	3,34
Não comercializáveis	35,3	6,84	1,53	2,35	9,73
Monitorados	29,7	4,94	1,77	0,64	6,61
Principais itens					
Alimentação	25,1	9,28	0,74	3,67	6,71
Habituação	10,9	5,11	1,87	0,84	8,60
Artigos de residência	3,7	2,15	0,91	1,16	3,57
Vestuário	8,7	10,02	2,44	2,49	7,71
Transportes	17,7	4,09	2,02	0,42	5,51
Saúde	12,4	4,78	0,82	0,74	3,92
Despesas pessoais	9,7	6,03	3,38	2,29	11,01
Educação	6,9	7,88	0,21	0,23	7,92
Comunicação	4,9	0,24	0,09	0,90	0,90

Fonte: IBGE

1/ Referente a dezembro de 2011.

(PME), do IBGE, a taxa média de desemprego na Região Metropolitana de Salvador (RMS) atingiu 8,9% no trimestre terminado em novembro, menor valor da série iniciada em 2002, ressaltando-se que o recuo de 0,9 p.p. em relação a igual intervalo de 2010 decorreu de variações de 0,7% na população ocupada e de -0,3% na População Economicamente Ativa (PEA). O rendimento médio real habitualmente recebido pelos ocupados atingiu R\$1.439,60 em novembro, aumentando 5,4% no trimestre em relação ao período correspondente de 2010.

Na margem, a taxa de desemprego aumentou 0,3 p.p. em relação ao trimestre finalizado em agosto, considerados dados dessazonalizados.

A variação anual do IPCA na RMS atingiu 6,50% em 2011, ante 6,21% no ano anterior. Os preços monitorados cresceram 6,61%, ante 4,94% em 2010, ressaltando-se as elevações nos itens passagem aérea, 58,51%, ônibus urbano, 8,70%, e plano de saúde, 7,66%. Os preços livres aumentaram 6,45%, ante 6,75% em 2010, resultado de desaceleração, de 6,66% para 3,34%, nos preços dos bens comercializáveis e de aceleração, de 6,84% para 9,73%, nos preços dos bens não comercializáveis, sensibilizada, em parte, pelo aumento de 9,73% nos preços de serviços, em especial no item empregado doméstico, 18,66%.

Na margem, a variação do IPCA totalizou 1,70% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,44% naquele finalizado em setembro. Os preços livres cresceram 2,17%, refletindo elevações de 2,35% nos bens não comercializáveis e de 1,98% nos comercializáveis, e os monitorados, 0,64%. O índice de difusão atingiu 61,1%, recuando 0,8 p.p. no período.

A evolução da economia baiana em 2012 seguirá condicionada pela trajetória da demanda interna – favorecida pelo reajuste do salário mínimo e pela continuidade dos programas sociais de transferência de renda – e pelos impactos da concretização de investimentos privados e públicos.

Gráfico 2.10 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Ceará
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

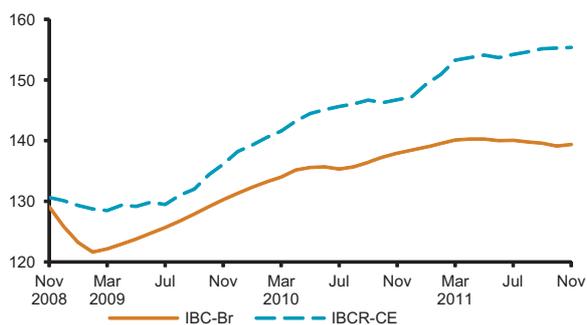
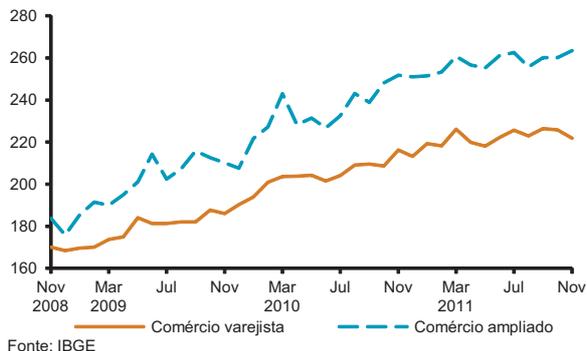


Gráfico 2.11 – Comércio varejista – Ceará
Dados dessazonalizados
2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.15 – Comércio varejista – Ceará

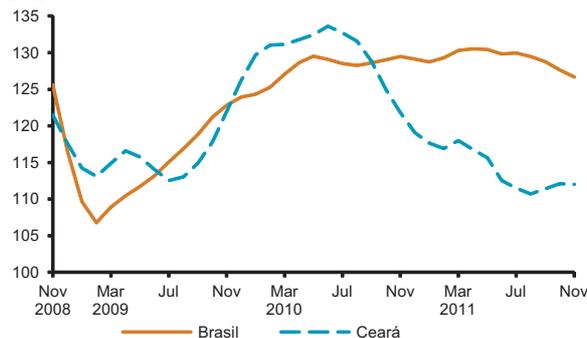
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2010	2011		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	14,0	1,0	0,5	8,8
Combustíveis e lubrificantes	3,5	2,2	1,6	-2,0
Híper e supermercados	18,7	1,1	-1,8	8,9
Móveis e eletrodomésticos	17,0	-5,7	2,4	15,1
Livros, jornais, revistas e papelaria	30,1	2,9	2,6	23,5
Comércio ampliado	17,1	0,9	0,6	10,3
Automóveis e motocicletas	23,6	-1,9	2,3	14,0
Material de construção	12,0	2,1	0,3	4,0

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.12 – Produção industrial – Ceará
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Ceará

O PIB do Ceará variou 0,1% no trimestre finalizado em setembro, em relação ao encerrado em junho, período em que havia crescido 1,1%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece). A atividade econômica do estado seguiu registrando crescimento moderado no trimestre terminado em novembro, com crescimento de 0,5% em relação ao trimestre encerrado em agosto, quando aumentara 0,4% no mesmo tipo de comparação.

O comércio varejista do estado cresceu 0,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia aumentado 1%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ocorreram, no período, aumentos nas vendas em seis dos nove segmentos considerados na pesquisa, com destaque para os referentes a equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 11,7%, e livros, jornais, revistas e papelaria, 2,6%. Incorporadas as ampliações nas vendas de material de construção, 0,3%, e de veículos, motos, partes e peças, 2,3%, o comércio ampliado cearense apresentou elevação trimestral de 0,6%.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas do estado cresceram 8,8% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, com ênfase nos aumentos nos segmentos equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 24,1%, e livros, jornais, revistas e papelaria, 23,5%. A expansão do comércio ampliado, refletindo as variações observadas nas vendas de veículos, motos, partes e peças, 14%, e de material de construção, 4%, atingiu 10,3% no período.

A atividade industrial cearense cresceu 1,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando decrescera 4,3% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Ocorreram expansões em cinco das dez atividades pesquisadas, destacando-se as relativas a alimentos e bebidas, 18,8%, e a minerais não metálicos, 8,9%. A análise em doze meses revela que a indústria cearense recuou 11,9% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, ante retração de 9,9% em agosto.

O faturamento real da indústria de transformação cearense decresceu 4% no período de doze meses encerrado em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, ante

Tabela 2.16 – Produção industrial – Ceará
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2011	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-4,3	1,2	-11,9
Alimentação e bebidas	31,0	-4,5	18,8	-2,3
Têxtil	20,5	-11,7	-18,1	-24,7
Calçados e artigos de couro	15,8	-2,3	-14,6	-21,7
Química	10,1	4,6	-6,1	4,9
Refino de petróleo e álcool	5,0	31,9	1,6	-24,0
Vestuário e acessórios	5,1	-5,3	3,6	-12,5

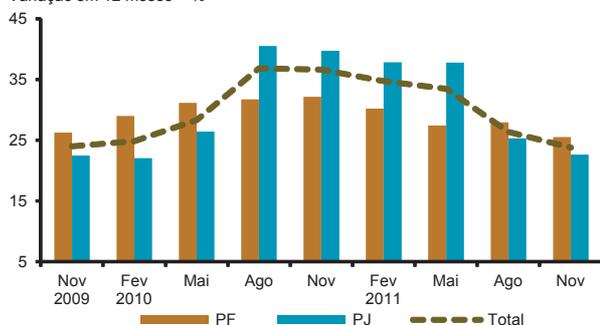
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.13 – Evolução do saldo das operações de crédito – Ceará^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 2.17 – Produção agrícola – Ceará
Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/} (%)	Em mil toneladas		Var. % 2011/2010
		Produção ^{2/} 2010	2011	
Produção de grãos		335	1 298	287,5
Feijão	11,83	83	264	217,2
Milho	14,00	175	913	422,2
Arroz (em casca)	3,83	64	93	46,3
Outras lavouras selecionadas				
Banana	12,31	445	494	11,0
Mandioca	7,23	621	837	34,7
Abacaxi (mil frutos)	1,38	11	11	-3,3
Castanha-de-caju	6,03	40	112	182,1

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2009.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2011.

retração de 2,2% em agosto, de acordo com o Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará (Indi) da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec). Na mesma base de comparação, ocorreram reduções na remuneração real, 3,7%, no pessoal empregado, 5,2%, e nas horas trabalhadas, 6%. O Nível de Utilização da Capacitação Instalada (Nuci) médio atingiu 85,3% em novembro, ante 85,2% em agosto, e 88,5% em igual período do ano anterior.

O volume das operações de crédito superiores a R\$5 mil somou R\$32 bilhões em novembro, registrando expansão de 6,7% no trimestre e de 23,8% em doze meses. A carteira do segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$19 bilhões, registrando aumentos respectivos de 7,6% e 22,6% nas bases de comparação consideradas, destacando-se as contratações nos setores geração e transmissão de energia elétrica, comércio e construção civil. O saldo das operações pactuadas no segmento de pessoas físicas atingiu R\$13 bilhões, elevando-se 5,5% no trimestre e 25,5% em doze meses, ressaltando-se sua concentração nas modalidades crédito consignado e financiamentos habitacionais e de automóveis. A inadimplência, 3,44%, manteve-se inalterada no trimestre encerrado em novembro.

De acordo com o LSPA de dezembro, divulgado pelo IBGE, a safra de grãos do Ceará totalizou 1,3 milhão de toneladas em 2011, registrando aumento anual de 287,5% e passando a representar 8,8% da produção de grãos da região Nordeste, ante 2,8% no ano anterior. Essa evolução refletiu, em especial, as ampliações respectivas de 422,2% e 217,2% nas safras de milho e feijão, principais lavouras do estado. Adicionalmente, ressaltam-se os aumentos anuais nas produções de castanha de caju, 182,1%, e mandioca, 34,7%.

A balança comercial do Ceará acumulou déficit de US\$1 bilhão em 2011, ante US\$0,9 bilhão no ano anterior, de acordo com estatísticas do MDIC, resultado de crescimentos de 10,5% nas exportações e de 10,8% nas importações, que atingiram, respectivamente, US\$1,4 bilhão e US\$2,4 bilhões.

O desempenho das exportações cearenses, refletindo elevação de 23,5% nos preços e recuo de 10,5% no *quantum*, decorreu de aumentos nas vendas em todas as categorias de fator agregado, exceto manufaturados, com ênfase nos crescimentos respectivos de 24,3% e 22,8% nos embarques de produtos semimanufaturados e de básicos. O aumento nas importações, evidenciando variações de 19,8% nos preços e de -7,5% no *quantum*, foi impulsionado, principalmente, pelo aumento de 32,8% nas aquisições de bens de consumo.

Tabela 2.18 – Exportação por fator agregado – FOB
Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	1 269	1 403	10,5	26,8
Básicos	374	459	22,8	36,1
Industrializados ^{1/}	896	945	5,4	19,4
Semimanufaturados	227	282	24,3	27,7
Manufaturados ^{1/}	669	662	-1,0	16,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.19 – Importação por categoria de uso – FOB
Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Ceará		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	2 169	2 403	10,8	24,5
Bens de consumo	107	142	32,8	27,5
Duráveis	55	71	29,3	29,7
Não duráveis	52	71	36,6	24,4
Bens intermediários	1 304	1 456	11,6	21,5
Bens de capital	437	499	14,0	16,8
Combustíveis e lubrificantes	321	307	-4,3	42,8

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.20 – Evolução do emprego formal – Ceará
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	22,8	4,5	8,6	19,9	19,2
Indústria de transformação	3,4	-3,1	-0,9	2,7	2,6
Serv. ind. de utilidade pública	0,1	0,0	0,1	0,0	0,1
Construção civil	1,2	-0,2	1,0	3,8	1,8
Comércio	8,6	2,5	1,9	4,0	7,5
Serviços	8,3	7,6	6,7	6,3	5,3
Agropecuária	1,1	-2,0	-0,3	2,9	1,8
Outros ^{2/}	0,1	-0,2	0,2	0,2	0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

A economia cearense gerou, de acordo com estatísticas do Caged/MTE, 19,2 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro, ante 19,9 mil naquele finalizado em agosto e 22,8 mil em igual período de 2010, dos quais 7,5 mil no comércio, 5,3 mil no setor de serviços e 2,6 mil na indústria de transformação. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 0,9% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, registrando-se aumentos em seis das oito atividades pesquisadas, com destaque para os relacionados à indústria extrativa mineral, 4,1%, e à construção civil, 2,1%.

A variação anual do IPCA na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) atingiu 6,46% em 2011, ante 6,53% em 2010, com a variação dos preços livres passando de 8,31% para 7,27%, e a relativa aos monitorados, de 2,16% para 4,36%. Ressalte-se que a evolução dos preços livres esteve associada, em especial, à desaceleração dos preços de alimentação e bebidas, que variaram 6,14%, ante 11,31% em 2010, enquanto o desempenho dos monitorados refletiu, em grande parte, a variação anual de 14,04% no item transporte público.

Na margem, o IPCA da RMF cresceu 1,71% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,06% naquele finalizado em setembro. A variação dos preços livres passou de 1,27% para 1,99%, e a relativa aos monitorados, de 0,56% para 0,97%, esta refletindo, em parte, os aumentos nos itens transporte público, 3,03%, e energia elétrica residencial, 1,63%.

A trajetória dos preços livres refletiu os aumentos nas variações de preços nos segmentos de bens comercializáveis, de 1,32% para 2,01%, com ênfase nos aumentos nos itens carnes, 5,84%, e carnes e peixes industrializados, 4,32%, e de não comercializáveis, de 1,19% para 1,95%, ressaltando-se as elevações nos itens alimentação e bebidas, 3,12%, e despesas pessoais, 2,01%. O índice de difusão atingiu 57,5% no trimestre encerrado em dezembro, ante 58,9% naquele finalizado em setembro.

A economia do Ceará, embora demonstre menor dinamismo na margem, deverá registrar, em 2011, crescimento mais acentuado do que o observado em âmbito nacional. Essa trajetória reflete, em especial, a relevância do mercado interno na estrutura produtiva cearense, em ambiente de expansão do mercado de trabalho e manutenção dos programas sociais do governo federal envolvendo transferência de renda para o estado.

Tabela 2.21 – IPCA – Fortaleza

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2010	2011		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,53	1,06	1,71	6,46
Livres	72,2	8,31	1,27	1,99	7,27
Comercializáveis	38,1	7,89	1,32	2,01	6,11
Não comercializáveis	34,1	8,81	1,19	1,95	5,58
Monitorados	27,8	2,16	0,56	0,97	4,36
Principais itens					
Alimentação	25,8	11,31	0,73	3,12	6,14
Habitação	13,5	5,36	0,76	1,43	3,69
Artigos de residência	3,3	4,15	1,13	-0,18	1,70
Vestuário	8,6	14,05	3,53	2,77	16,14
Transportes	15,7	0,33	0,27	1,08	4,48
Saúde	12,1	4,61	0,65	0,92	5,69
Despesas pessoais	8,8	6,21	2,19	2,01	10,33
Educação	7,1	7,77	1,27	0,17	8,90
Comunicação	5,1	0,69	0,32	0,14	1,28

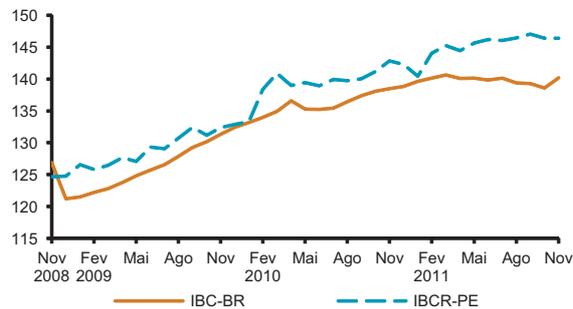
Fonte: IBGE

1/ Referente a março de 2011.

Pernambuco

Gráfico 2.14 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Pernambuco

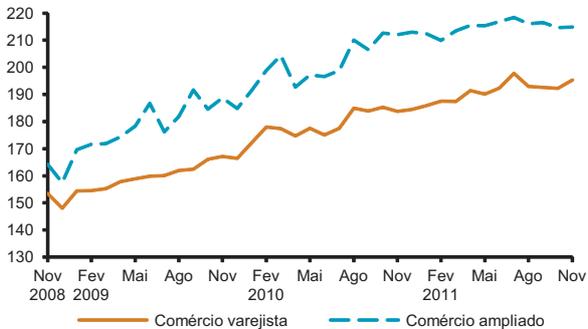
Dados dessazonalizados
2003 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 2.15 – Comércio varejista – Pernambuco

Dados dessazonalizados
2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 2.22 – Comércio varejista – Pernambuco

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2011			
	Mai ^{1/}	Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	2,0	2,5	-0,5	7,3
Combustíveis e lubrificantes	5,4	2,8	2,5	12,8
Híper e supermercados	1,4	1,3	-1,4	-2,3
Tecidos, vestuário e calçados	4,3	-1,6	-3,6	10,2
Móveis e eletrodomésticos	1,3	1,2	1,1	28,4
Comércio ampliado	1,4	1,1	-0,8	6,9
Automóveis e motocicletas	-0,9	-2,6	-1,0	6,0
Material de construção	2,5	5,1	4,3	8,7

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

O PIB do estado cresceu 1% no trimestre encerrado em setembro, em relação ao terminado em junho, quando, de acordo com a Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe/Fidem), aumentara 2,3%, nesse tipo de comparação. Esse movimento foi evidenciado pela trajetória do IBCR-PE, que aumentou 0,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se elevara 0,8%, no mesmo tipo de análise, considerados dados dessazonalizados.

As vendas varejistas no estado decresceram 0,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se elevaram 2,5%, na mesma base de comparação, considerados dados dessazonalizados do PMC do IBGE, com ênfase no decréscimo de 3,6% nas vendas de tecidos e vestuário. O comércio ampliado, evidenciando variações de -1,0% nas vendas de automóveis e motocicletas e de 4,3% nas relativas a materiais de construção, recuou 0,8% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, as vendas do comércio varejista e do comércio ampliado registraram aumentos respectivos de 7,3% e 6,9% em novembro, em relação a igual intervalo do ano anterior, ante crescimentos de, na ordem, 8,9% e 9,4% em agosto.

A produção da indústria de Pernambuco retraiu 1,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 4,1%, no mesmo tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Ocorreram reduções de 3,9% na indústria de alimentação e bebidas, segmento mais representativo no estado, e de 2,9% na produção de minerais não metálicos, contrastando com as expansões respectivas de 14,1% e 8,1% registradas nas indústrias de produtos de metal e de metalurgia básica.

Condizente com tais resultados, o Nuci, calculado pela Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe), atingiu 74,3%, recuando 3 p.p. no trimestre.

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (Icei) da Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco (Fiepe), após registrar duas retrações trimestrais consecutivas, atingiu 62,9 pontos no trimestre finalizado em outubro, ante 61,9 pontos naquele encerrado em julho, considerados dados dessazonalizados. O indicador se situa em patamar 2,8% superior à média da série, iniciada em abril de 2005.

Tabela 2.23 – Produção industrial – Pernambuco

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/} 2011	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Acum.
		12 meses		
Indústria geral	100,0	4,1	-1,5	-0,4
Alimentação e bebidas	38,2	7,5	-3,9	-2,5
Metalurgia básica	15,2	4,1	8,1	-8,7
Química	15,1	12,4	1,7	4,1
Minerais não metálicos	7,6	2,0	-2,9	4,3

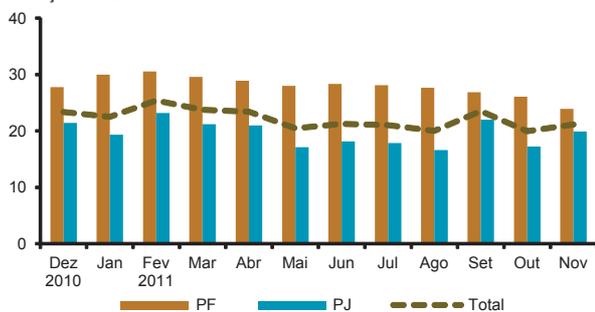
Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 2.16 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pernambuco^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 2.24 – Produção agrícola – Pernambuco

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2010	2011 ^{1/}	2011/2010
Grãos				
Feijão	4,3	62	134	116,4
Milho	1,0	70	111	59,0
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	44,3	19 709	17 747	-10,0
Uva	18,8	178	209	17,4
Banana	7,2	517	487	-5,9
Mandioca	4,5	815	550	-32,5
Tomate	3,7	135,5	115,1	-15,0

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2011.

Considerados períodos de doze meses, a produção da indústria pernambucana decresceu 0,4% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, ante variação de -0,7% em agosto. Destacaram-se, no período, as retrações respectivas de 8,7% e 2,5% nos segmentos metalurgia básica e alimentação e bebidas, a desta evidenciando a quebra da safra de cana-de-açúcar.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no estado atingiu R\$51,5 bilhões em novembro, elevando-se 7,4% no trimestre e 21,1% em doze meses, destacando-se as operações relacionadas ao refino de petróleo e álcool e à construção. As operações contratadas no segmento de pessoas físicas totalizaram R\$16,5 bilhões, aumentando 5,2% e 23,9%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas, enquanto o saldo relativo ao segmento de pessoas jurídicas atingiu R\$35 bilhões, elevando-se 8,5% no trimestre e 19,9% em doze meses.

A inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 2,7% em novembro, ante 2,6% em agosto. A taxa cresceu 0,4 p.p., para 5,5%, no segmento de pessoas físicas, e manteve-se estável em 1,4%, no segmento de pessoas jurídicas.

A produção de cana de açúcar, impactada por condições climáticas adversas, recuou 10% em 2011, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE, enquanto as safras de feijão, milho e uva cresceram 116%, 59% e 17,4%, respectivamente. Em sentido contrário, as culturas de banana, mandioca e tomate registraram reduções respectivas de 5,9%, 32,5% e 15%.

A Pesquisa Agrícola Municipal (PAM) de 2010 registrou aumento, de 40,7% para 44,3%, na participação da cana-de-açúcar no valor total da produção do estado. No mesmo sentido, as representatividades das culturas de uva e de banana cresceram 2,8 p.p. e 1,6 p.p., respectivamente, contrastando com a retração de 2,6 p.p. na participação da produção de feijão.

O terceiro levantamento anual da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) prevê aumento anual de 9,6% para a safra de cana-de-açúcar do estado em 2012, evolução decorrente de variações de 16,5% na produtividade e de -6% na área plantada. Em oposição, a produção de grãos deverá recuar 5,9% no ano, com ênfase na projeção de recuo de 15,6% para a produtividade da safra de feijão.

O déficit comercial de Pernambuco totalizou US\$4,3 bilhões em 2011, de acordo com o MDIC, aumentando 100,7% no ano. As exportações cresceram 7,8%, e as importações, 69,1%, atingindo valores recordes de US\$1,2 bilhão e US\$5,5 bilhões, respectivamente.

Tabela 2.25 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	1 112	1 199	7,8	26,8
Básicos	158	166	5,0	36,1
Industrializados	954	1 033	8,2	19,1
Semimanufaturados	360	367	2,0	27,7
Manufaturados ^{1/}	595	666	12,0	16,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 2.26 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Pernambuco			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	3 272	5 532	69,1	24,5
Bens de consumo	432	641	48,3	27,5
Duráveis	199	301	51,4	29,7
Não duráveis	233	339	45,6	24,4
Bens intermediários	1 630	2 207	35,4	21,5
Bens de capital	710	1 100	54,8	16,8
Combustíveis e lubrificantes	499	1 585	217,7	42,8

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 2.27 – Evolução do emprego formal – Pernambuco

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	61,4	-8,5	0,7	38,0	40,3
Indústria de transformação	28,8	-10,4	-14,8	12,7	19,2
Comércio	10,0	0,2	2,1	3,0	7,5
Serviços	12,4	6,3	7,9	6,5	13,0
Construção civil	10,8	2,3	3,5	6,5	6,1
Agropecuária	-0,7	-7,3	1,1	8,8	-5,4
Serv. ind. de util. pública	0,2	0,4	0,9	0,4	0,1
Outros ^{2/}	0,0	0,0	0,0	0,1	-0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

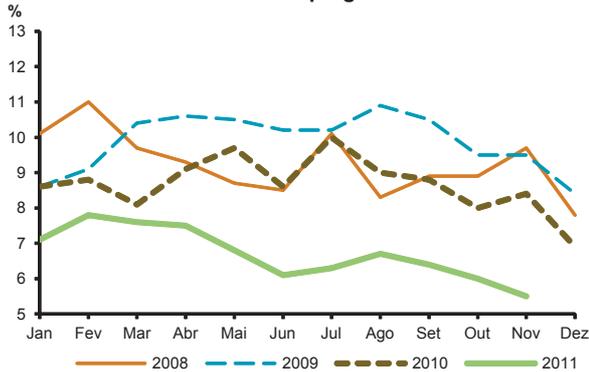
O desempenho das exportações decorreu de variações de 22% dos preços e de -11,7% no *quantum*. As vendas de açúcar, responsáveis por 47% do total das exportações pernambucanas, aumentaram 12,1% no ano, evolução condizente com a elevação anual média de 23,8% no preço do produto no mercado internacional. Os embarques de frutas, com participação de 12,3% na pauta do estado, cresceram 13,1% no ano.

A elevação das importações, evidenciando aumentos de 19,7% nos preços e de 41,1% no *quantum*, refletiu as expansões assinaladas nas compras em todas as categorias de uso, ressaltando as elevações nas relativas a combustíveis e lubrificantes, 217,7%, e a bens de capital, 54,8%, com ênfase em maquinaria industrial.

A economia do estado gerou, de acordo com o Caged/MTE, 40,3 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro, ante 61,4 mil em igual intervalo de 2010, destacando-se os impactos das reduções nas contratações da indústria de transformação, 9,5 mil, e da construção civil, 4,7 mil, e das 4,7 mil demissões ocorridas na agropecuária. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado cresceu 0,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se elevou 1,4%, na mesma base de comparação.

A taxa média de desemprego da Região Metropolitana do Recife (RMR) atingiu, de acordo com a PME, 6,0% no trimestre finalizado em novembro, ante 8,4% em igual período do ano anterior, menor nível da série, iniciada em março de 2002. Ocorreram recuos de 0,8% na População Ocupada (PO) e de 3,4% na PEA. Os rendimentos médios reais habitualmente recebidos pelos trabalhadores decresceram 5,3% no trimestre, contrastando com a estabilidade registrada no indicador nacional.

O IPCA da RMR cresceu 1,45% no trimestre encerrado em dezembro, ante 0,65% naquele finalizado em setembro, evolução de aceleração, de 0,59% para 1,85%, nos preços livres e de desaceleração, de 0,81% para 0,38%, nos preços monitorados. O desempenho dos preços livres refletiu a elevação de 0,11% para 2,01% na variação dos preços dos bens não comercializáveis, com ênfase nos aumentos nos

Gráfico 2.17 – Taxa de desemprego aberto – Recife

Fonte: IBGE

Tabela 2.28 – IPCA – Recife

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2011			
		I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri
IPCA	100,0	2,22	1,63	0,65	1,45
Livres	72,7	2,27	0,66	0,59	1,85
Comercializáveis	38,9	0,71	1,62	1,01	1,69
Não comercializáveis	33,8	4,11	1,26	0,11	2,01
Monitorados	27,3	2,08	2,00	0,81	0,38
Principais itens					
Alimentação	27,0	2,05	1,63	-0,07	2,70
Habitação	12,6	1,42	3,34	1,77	0,43
Artigos de residência	4,0	0,39	0,24	0,60	0,46
Vestuário	8,0	0,66	3,23	3,04	2,32
Transportes	14,4	2,11	0,76	0,44	0,20
Saúde	12,6	1,52	1,83	0,76	1,63
Despesas pessoais	9,4	3,99	1,33	0,13	2,34
Educação	6,3	6,75	0,05	0,37	0,03
Comunicação	5,5	2,13	0,66	-0,11	-0,09

Fonte: IBGE

1/ Referente a dezembro de 2011.

itens tubérculos, raízes e legumes, 9,01%, e alimentação fora do domicílio, 3,51%, e no aumento de 1,01% para 1,69% na variação dos preços dos bens comercializados, ressaltando-se as elevações nos itens carnes, 6,43%, e cuidados pessoais, 3,04%.

A redução na variação dos preços monitorados foi determinada, em especial, pelos recuos respectivos de 5,48% e 2,55% nos itens gás de botijão e tarifas de telefones públicos. O índice de difusão atingiu 61,45%, recuando 4,33 p.p. no trimestre.

O IPCA da RMR variou 6,04% em 2011, ante 6,50% em âmbito nacional, resultado de aumentos de 6,47% nos preços livres, com ênfase no impacto das elevações nos itens alimentação fora do domicílio, 11,94%, e vestuário, 9,56%, e de 5,0% nos monitorados, ressaltando-se as expansões nos itens tarifas de ônibus urbanos, 8,13% e energia elétrica residencial, 7,86%.

Os indicadores analisados sinalizam moderação no crescimento da economia do estado no último trimestre de 2011. A expansão do PIB do ano, ainda assim, deverá superar o crescimento esperado em âmbito nacional, sendo estimada em 4%. Vale ressaltar que a economia do estado poderá experimentar dinamismo mais acentuado em 2012, em ambiente de continuidade da flexibilização da política monetária, aumento do salário mínimo, recuperação da safra de cana-de-açúcar e concretização dos projetos de investimento programados para o estado.

Região Centro-Oeste

3

Gráfico 3.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Centro-Oeste

Dados dessazonalizados
2002 = 100

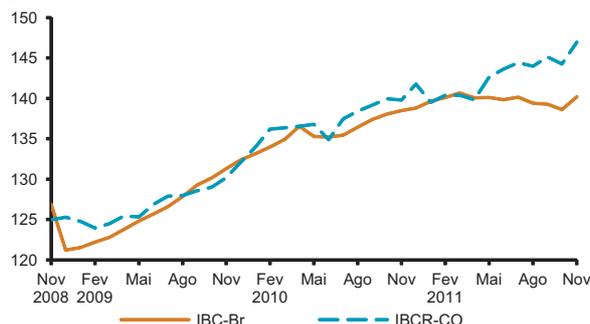
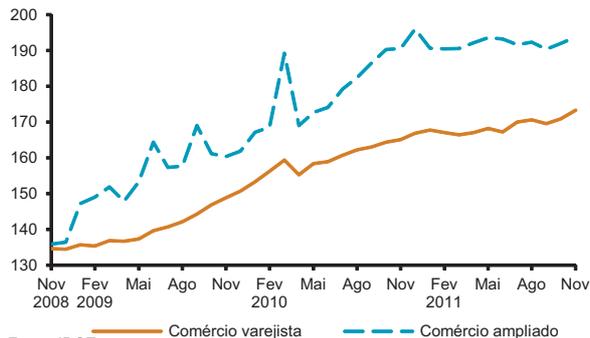


Gráfico 3.2 – Comércio varejista – Centro-Oeste

Dados dessazonalizados
2004 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 3.1 – Índice de vendas no varejo – Agregação para GO e DF^{1/}

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2010	2011		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Comércio varejista	11,3	1,2	0,9	6,9
Combustíveis e lubrificantes	5,7	-2,3	-0,3	1,7
Híper e supermercados	7,7	1,8	2,1	4,3
Tecidos, vestuário e calçados	10,6	0,3	-3,0	4,5
Móveis e eletrodomésticos	21,7	0,2	2,1	13,1
Comércio varejista ampliado	12,9	-0,5	-0,6	7,2
Veículos e motos, partes e peças	14,5	-6,0	-0,1	7,3
Material de construção	16,6	0,2	0,0	9,6

Fonte: IBGE

1/ Goiás e DF são os únicos entes federados da região com dados estratificados pelo IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A atividade econômica na região Centro-Oeste registrou moderação, na margem, no trimestre encerrado em novembro, movimento associado, fundamentalmente, ao menor dinamismo da indústria, excepcionalmente elevado no trimestre finalizado em agosto, em função de especificidades das indústrias farmacêuticas de Goiás. Nesse cenário, a expansão trimestral do IBCR-CO passou de 2,2% em agosto para 1% em novembro, considerados dados dessazonalizados. A variação do indicador em doze meses atingiu 4,3% em novembro, ante 5,3% em agosto.

As vendas varejistas na região cresceram 1,2% no trimestre encerrado em novembro em relação ao finalizado em agosto, período em que registraram igual expansão nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. O comércio varejista cresceu 2,1% no Mato Grosso do Sul, 1,5% em Goiás, 0,7% em Mato Grosso e registrou estabilidade no Distrito Federal. As vendas do comércio ampliado recuaram 0,2% no trimestre, ocorrendo decréscimos em Goiás, 1,3%, e no Mato Grosso do Sul, 1,1%, e aumentos respectivos de 2% e 0,7% em Mato Grosso e no Distrito Federal.

Vale ressaltar que no Distrito Federal e em Goiás, únicos entes federados da região com estatísticas estratificadas por ramo comercial, destacaram-se os aumentos de 2,1% nas vendas agregadas nos segmentos hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo e móveis e eletrodomésticos, contraposto à redução de 3% nas relativas a tecidos, vestuário e calçados. As vendas agregadas de veículos, motos, partes e peças recuaram 0,1% e as de material de construção mantiveram-se estáveis no trimestre.

Considerados intervalos de doze meses, as vendas varejistas elevaram-se 6,3% em novembro, em relação a igual período do ano anterior, ante 8,1% em agosto, situando-se abaixo da média nacional, 7%. Destacam-se, no agregado de Goiás e Distrito Federal, as elevações nos segmentos móveis e eletrodomésticos, 13,1%, e hipermercados, supermercados,

Tabela 3.2 – Produção industrial – Goiás

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % trimestral			
	Pesos ^{1/} 2011			
	Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Ac. 12 meses	
Indústria geral	100,0	8,0	1,2	6,5
Indústria extrativa	8,2	-5,1	6,9	0,9
Indústria de transformação	91,8	7,2	1,4	6,9
Alimentos e bebidas	59,9	-0,8	5,8	-2,4
Produtos químicos	21,6	16,1	-11,8	37,5
Minerais não metálicos	5,2	4,0	14,9	-5,7
Metalurgia básica	5,0	5,0	-2,3	-0,1

Fonte: IBGE

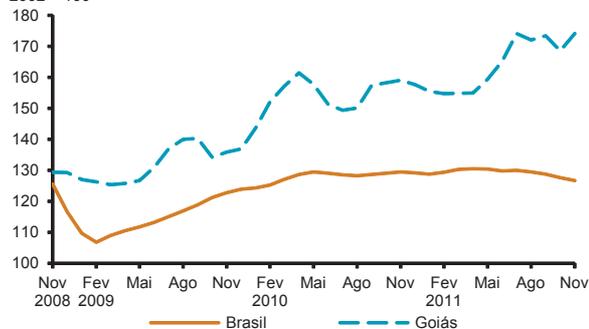
1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 3.3 – Produção industrial – Centro-Oeste

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

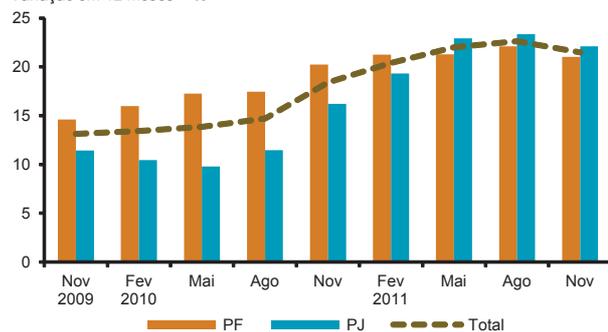
2002 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 3.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Centro-Oeste^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

produtos alimentícios, bebidas e fumo, 4,2%. O comércio ampliado registrou crescimentos respectivos de 7,9% e 11,5% nos períodos mencionados.

A produção industrial de Goiás, único estado da região incluído na PIM-PF do IBGE, aumentou 1,2% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando expandiu-se 8,0%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. Esse resultado refletiu menor expansão da indústria de transformação, em decorrência da reversão, de aumento de 16,1% para recuo de 11,8%, no segmento de indústrias químicas. A indústria extrativa cresceu 6,9% no trimestre, ante retração de 5,1% no período encerrado em agosto.

Considerados períodos de doze meses, a indústria goiana cresceu 6,5% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, ante 8,2% até agosto, com ênfase na elevação de 37,5% no segmento produtos químicos.

O Icei divulgado pela Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) atingiu 58 pontos em dezembro, ante 57,7 pontos em setembro, e 64,9 pontos em dezembro de 2010. A evolução trimestral do indicador refletiu o crescimento de 1,1 ponto no Indicador de Expectativas, que avalia o sentimento dos empresários em relação aos próximos seis meses, e a retração de 1,4 ponto no Indicador de Condições, que considera a situação atual.

As operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas na região Centro-Oeste totalizaram R\$162,3 bilhões em novembro, aumentando 5,6% no trimestre e 21,5% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas, com destaque para os financiamentos imobiliários, de veículos e rurais, atingiram R\$90 bilhões, registrando elevações respectivas de 5,8% e 21% nas bases de comparação mencionadas. O estoque de crédito no segmento de pessoas jurídicas totalizou R\$72,3 bilhões, elevando-se 5,4% no trimestre, com ênfase nas contratações dos setores de energia, comércio e reparação de veículos e construção, e 22,1% em doze meses. A taxa de inadimplência das operações de crédito atingiu 3,17% em novembro, ante 3,01% em agosto, com ênfase no aumento de 0,3 p.p. em Goiás.

A safra de grãos da região totalizou o recorde de 56 milhões de toneladas em 2011, de acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE. O aumento anual de 6,7% reflete, em especial, as expansões nas colheitas de algodão, 78,8%, e de soja, 6,7%, que registraram contribuições respectivas de 24% e 61% para o acréscimo da produção de grãos da região.

Tabela 3.3 – Produção agrícola – Centro-Oeste

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2010	2011	
Grãos	80,0	52 508	56 023	6,7
Algodão (caroço)	9,8	1 087	1 943	78,8
Arroz (em casca)	1,7	1 077	1 018	-5,4
Feijão	3,1	504	586	16,4
Milho	11,4	17 046	17 341	1,7
Soja	53,0	31 609	33 740	6,7
Sorgo	0,6	953	1 235	29,6
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	12,1	98 420	105 813	7,5
Mandioca	1,7	1 383	1 296	-6,3
Tomate	1,7	1 155	1 443	24,9

Fonte: IBGE

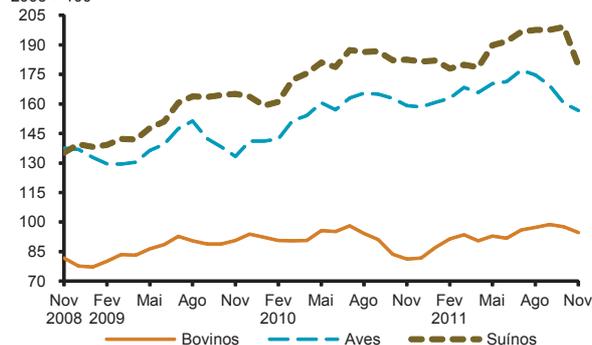
1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2011.

Gráfico 3.5 – Abates de animais – Centro-Oeste

Média móvel trimestral

2005 = 100

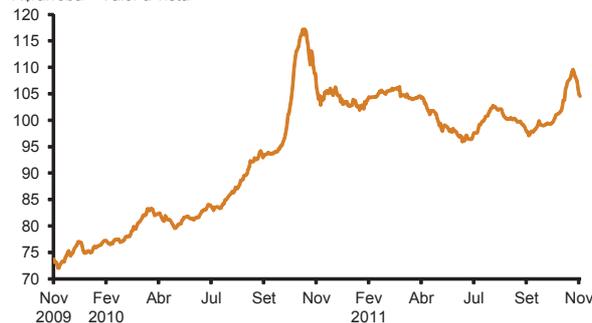


Fonte: Mapa

Gráfico 3.6 – Indicador boi gordo

ESALQ/BM&FBovespa

R\$/arroba – Valor à vista



Fonte: Cepea/ESALQ

Ocorreram aumento nas safras de Goiás, 11,3%, e Mato Grosso, 8,2%, e recuo de 4,6% na relativa ao Mato Grosso do Sul. Em relação às demais culturas, ressaltou-se que, embora a área plantada de cana-de-açúcar tenha aumentado 16,8%, sua produção cresceu 7,5%, evidenciando o recuo na produtividade em Mato Grosso.

A produção de grãos da região Centro-Oeste deverá aumentar 3,7% em 2012, de acordo com o terceiro prognóstico realizado pelo IBGE em dezembro. Estão projetadas elevações respectivas de 5,3%, 4,1% e 2,4% para as safras de soja, milho e de caroço de algodão.

Os abates de bovinos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, representando cerca de 96% dos realizados na região, aumentaram 5,4% nos onze primeiros meses de 2011, em relação a igual período do ano anterior, ressaltando-se o crescimento de 11,5% observados no Mato Grosso. A cotação média do boi gordo aumentou 2,2% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando havia recuado 3,9%, na mesma base de comparação. Os abates de aves e de suínos aumentaram, respectivamente, 5,6% e 3,9%, no período.

O saldo da balança comercial da região Centro-Oeste atingiu US\$7,8 bilhões em 2011, registrando expansão anual de 41,5%. As exportações somaram US\$20,8 bilhões, e as importações, US\$13 bilhões, elevando-se 33,3% e 28,8%, respectivamente.

A evolução das exportações, resultado de aumentos de 26,6% nos preços e de 5,3% no *quantum*, refletiu os crescimentos assinalados nos embarques em todas as categorias de fator agregado. As vendas de produtos manufaturados expandiram 50,3%, incentivadas pelas relativas à energia elétrica para a Argentina; as exportações de semimanufaturados cresceram 42,9%, influenciadas pelos embarques de açúcar de cana e óleo de soja, em bruto; as remessas de produtos básicos, concentradas em soja e milho, elevaram-se 31%. As exportações de produtos para a China, Holanda, Irã, Tailândia, Espanha e Argentina foram responsáveis, em conjunto, por 51% das vendas da região, em 2011.

O aumento das importações, evidenciando variações de 17,2% nos preços e de 9,8% no *quantum*, decorreu de elevações nas aquisições em todas as categorias de uso. As compras de bens intermediários cresceram 37%, impactadas pelas relativas a insumos agrícolas; as de combustíveis e lubrificantes elevaram-se 28,1%,

Tabela 3.4 – Exportação por fator agregado

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Centro-Oeste		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	15 611	20 805	33,3	26,8
Básicos	12 991	17 016	31,0	36,1
Industrializados	2 620	3 789	44,6	19,4
Semimanufaturados	2 017	2 883	42,9	27,7
Manufaturados ^{1/}	603	906	50,3	16,6

Fontes: MDIC/Secex e BCB/Depec-MG

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 3.5 – Importação por categoria de uso

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Centro-Oeste		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	10 116	13 029	28,8	24,5
Bens de consumo	3 215	3 953	23,0	27,5
Duráveis	1 701	2 223	30,7	29,7
Não duráveis	1 514	1 730	14,3	24,4
Bens intermediários	3 767	5 162	37,0	21,6
Bens de capital	966	1 137	17,7	16,8
Combustíveis e lubrificantes	2 168	2 777	28,1	42,8

Fontes: MDIC/Secex e BCB/Depec-MG

Tabela 3.6 – Evolução do emprego formal – Centro-Oeste

Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	7,8	14,5	53,6	50,7	-8,9
Indústria de transformação	-11,9	2,5	16,5	7,4	-14,1
Comércio	19,0	5,1	4,0	5,8	12,4
Serviços	12,9	5,2	20,2	13,6	8,6
Construção civil	-2,7	-1,6	7,1	13,1	-3,9
Agropecuária	-10,1	5,3	4,7	9,6	-12,1
Indústria extrativa mineral	-0,1	0,2	0,8	0,7	-0,2
Outros ^{2/}	0,6	-2,3	0,4	0,5	0,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outras.

sensibilizadas pelas aquisições de gás natural proveniente da Bolívia; seguindo-se os aumentos nas compras de bens de consumo, 23%, concentradas em automóveis, e nas de bens de capital, 17,7%, com ênfase nas aquisições de maquinaria industrial. As importações provenientes da Bolívia, Coreia do Sul, EUA, China, Japão e Alemanha corresponderam, em conjunto, a 64% das compras da região, em 2011.

Foram eliminados 8,9 mil postos de trabalho no Centro-Oeste no trimestre encerrado em novembro, de acordo com o Caged/MTE, contrastando com o aumento de 7,8 mil vagas registrado em igual período de 2010. Essa reversão evidenciou reduções na geração de empregos formais no comércio, 6,6 mil, e no setor de serviços, 4,3 mil, e aumentos nas demissões na indústria de transformação, 2,2 mil, na agropecuária, 2 mil, e na construção civil, 1,2 mil. Por estado, ocorreram cortes de vagas em Goiás, 9,8 mil, em Mato Grosso, 4,5 mil, e no Mato Grosso do Sul, 1,6 mil, e geração de 7,1 mil postos de trabalho no Distrito Federal.

A variação do IPCA da região Centro-Oeste, consideradas as cidades de Brasília e Goiânia, atingiu 1,67% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,36% naquele finalizado em setembro. Esse movimento refletiu o aumento na variação dos preços livres, de 1,40% para 1,86%, mitigado parcialmente pela desaceleração, de 1,28% para 1,25%, nos preços monitorados, segmento em que se destacaram as elevações nos preços dos itens passagens aéreas, 16,02%, telefone celular, 3,45%, e planos de saúde, 1,84%.

O comportamento dos preços livres refletiu as elevações registradas nas variações dos preços dos bens não comercializáveis, de 1,61% para 2,05%, com ênfase nos aumentos nos itens alimentação fora do domicílio, 2,58%, empregado doméstico, 2,54%, e aluguel residencial, 1,72%; e dos bens comercializáveis, de 1,12% para 1,60%, com destaque para elevações nos itens carne bovina, 8,32%, etanol, 8,00%, e bebidas e infusões, 5,31%. O índice de difusão atingiu 60,7%, ante 58,3% no trimestre encerrado em setembro.

A inflação atingiu 6,58% na região Centro-Oeste em 2011, ante 5,41% no ano anterior. Essa trajetória decorreu de aceleração de 1,65% para 6,04% nos preços monitorados e de recuo, de 7,07% para 6,81% nos preços livres. Nesse segmento, a variação nos preços dos itens comercializáveis passou de 6,66% para 3,65% e a relativa aos bens não comercializáveis passou de 7,40% para 9,36%, ressaltando-se os acréscimos nos itens alimentação fora do domicílio, 11,87%,

Tabela 3.7 – IPCA – Centro-Oeste

Discriminação	Pesos1/ 2011	Variação % trimestral			
		I Tri	II Tri	III Tri	IVTri
IPCA	100,0	2,32	1,07	1,36	1,67
Livres	70,4	2,36	1,03	1,40	1,86
Comercializáveis	30,6	0,27	0,61	1,12	1,60
Não comercializáveis	39,8	4,05	1,36	1,61	2,05
Monitorados	29,6	2,23	1,15	1,28	1,25
Principais itens					
Alimentos e bebidas	20,1	1,91	0,62	1,76	2,74
Habitação	14,4	2,06	2,01	1,62	1,20
Artigos de residência	3,3	-0,30	-1,24	1,38	1,00
Vestuário	7,3	0,64	3,60	0,10	2,56
Transportes	20,8	2,79	-0,07	1,60	1,28
Saúde	10,7	1,70	2,20	1,71	1,34
Despesas pessoais	10,2	2,81	2,05	1,90	2,52
Educação	8,1	6,44	0,13	0,24	0,09
Comunicação	5,2	0,87	0,10	-0,05	1,27

Fonte: IBGE

1/ Referente a dezembro de 2011.

e empregado doméstico e aluguel residencial, ambos 11,78%. Entre os itens monitorados, ressaltou-se a elevação de 48,56% no item passagem aérea.

A moderação registrada no desempenho econômico do Centro-Oeste no trimestre encerrado em novembro refletiu, em grande parte, o recuo na indústria farmacêutica, que havia experimentado evolução atípica no trimestre encerrado em setembro, com desdobramentos negativos sobre o mercado de trabalho. A trajetória da economia da região nos próximos meses estará relacionada, em especial, ao impacto da evolução da conjuntura internacional sobre as cotações das *commodities* agrícolas, condicionante importante da rentabilidade da agroindústria, que detém elevada participação na estrutura produtiva da região.

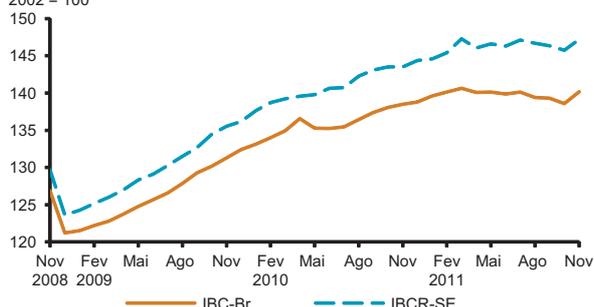
Região Sudeste

4

Gráfico 4.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sudeste

Dados dessazonalizados

2002 = 100

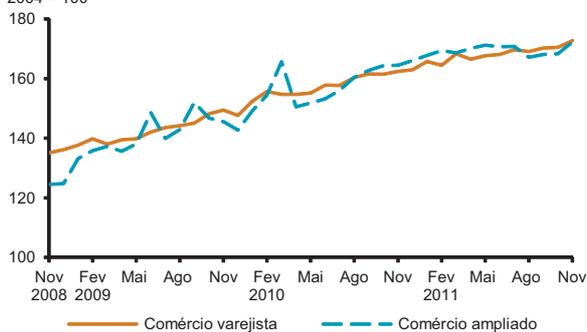


Fonte: Banco Central

Gráfico 4.2 – Comércio varejista – Sudeste

Dados dessazonalizados

2004 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 4.1 – Comércio varejista – Sudeste

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2010 Ano	2011 Ago ^{1/}	2011 Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	10,6	0,8	1,4	7,3
Combustíveis e lubrificantes	6,8	-2,5	-1,0	1,4
Hiper e supermercados	8,8	1,1	1,2	4,5
Tecidos, vestuário e calçados	11,0	-1,6	-2,7	6,4
Móveis e eletrodomésticos	18,4	2,1	3,9	18,0
Comércio ampliado	12,0	-0,3	0,0	8,1
Automóveis e motocicletas	16,0	-4,5	-2,1	10,7
Material de construção	15,0	0,4	0,3	10,0

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A atividade econômica na região Sudeste, evidenciando retração da indústria da região, registrou menor dinamismo no trimestre encerrado em novembro, quando o IBCR-SE recuou 0,2% em relação ao trimestre finalizado em agosto, período em que registrara estabilidade na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. O arrefecimento da atividade regional, considerada por estados, concentrou-se em São Paulo. Considerados períodos de doze meses, o crescimento do IBCR-SE passou de 5,3%, em agosto, para 4,1%, em novembro.

As vendas varejistas aumentaram 1,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam crescido 0,8%, no mesmo tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Esse desempenho, favorecido pela continuidade da expansão da massa salarial e das operações de crédito às famílias, refletiu, em parte, o dinamismo dos segmentos móveis e eletrodomésticos, 3,9%, e hipermercados e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 1,2%. O comércio ampliado, incluídas as variações nas vendas de veículos, -2,1%, e de material de construção, 0,3%, registrou estabilidade no período, ante recuo de 0,3% no trimestre encerrado em agosto.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas aumentaram 7,3% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante 8,2% em agosto. Incorporadas as elevações respectivas de 10,7% e 10% nas vendas de veículos e de material de construção, o comércio ampliado cresceu 8,1% no trimestre.

A produção industrial da região recuou 3,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando declinara 1,1%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados da PIM do IBGE. A indústria extrativa cresceu 1,9% e a de transformação recuou 3,6%, ressaltando-se que quinze das 23 atividades pesquisadas registraram resultados negativos no

Tabela 4.2 – Produção industrial – Sudeste

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2011		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-1,1	-3,4	0,9
Indústria extrativa	7,7	-0,9	1,9	4,8
Indústria da transformação	92,3	-1,4	-3,6	0,7
Veículos automotores	12,9	3,1	-8,6	2,1
Alimentos	9,5	3,4	-3,6	-1,9
Metalurgia básica	8,2	-5,6	-2,5	-4,0
Refino de petróleo e álcool	7,1	-6,6	6,9	1,8
Outros produtos químicos	7,1	-3,5	0,5	4,3

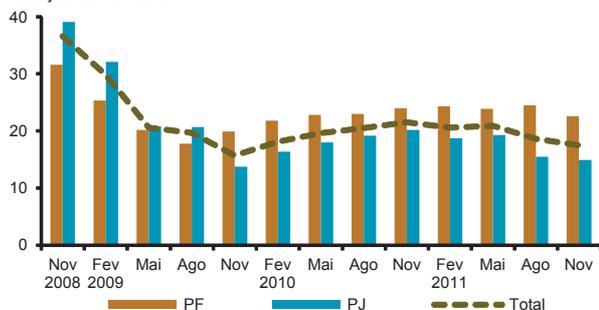
Fonte: IBGE

1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.3 – Evolução do saldo das operações de crédito^{1/} – Sudeste

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 4.3 – Desembolsos do BNDES – Sudeste

Discriminação	Var. % acum. 12 meses				2011 ^{1/}	
	2008	2009	2010	2011 ^{1/}	R\$ milhões	Part.(%)
Sudeste	35,7	40,5	36,7	-36,5	64 389	49
Brasil	40,0	50,0	23,5	-23,0	132 820	100

Fonte: BNDES

1/ Valores acumulados em doze meses até novembro.

período, com ênfase nos observados na indústria de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 28%, de edição, impressão e reprodução de gravações, 10,5%, e de veículos automotores, 8,6%. Em oposição, ocorreram elevações nas produções de alimentos e bebidas, 10,3%, de máquinas para escritório e equipamentos de informática, 8,4%, e de refino de petróleo e de álcool, 6,9%.

Considerados períodos de doze meses, a indústria da região Sudeste registrou expansão de 0,9% em novembro, ante 3,3% em agosto. Quatorze dos 23 setores apresentaram crescimento nessa base de comparação, com ênfase nos relativos a material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 7,7%, e a outros equipamentos de transporte, 6,3%.

O estoque das operações de crédito superiores a R\$5 mil contratadas na região totalizou R\$990,2 bilhões em novembro, crescendo 5,2% no trimestre e 17,5% em doze meses. O saldo das operações no segmento de pessoas físicas atingiu R\$352,3 bilhões, elevando-se 5,2% e 22,6%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas, com destaque para as modalidades crédito imobiliário, financiamento de veículos e crédito pessoal. A carteira das pessoas jurídicas, com destaque para as operações de capital de giro e de financiamentos a exportação, somou R\$637,9 bilhões, elevando-se em 5,2% no trimestre e 14,9% em doze meses.

A inadimplência das operações de crédito contratadas na região atingiu 2,7% em novembro, aumentando 0,2 p.p. no trimestre. As taxas relativas aos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas registraram aumentos respectivos de 0,3 p.p. e 0,2 p.p., situando-se, na ordem, em 4,2% e 1,9%.

Os desembolsos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para a região decresceram 36,5% no intervalo de doze meses finalizado em novembro e representaram 49% do total das operações contratadas no país no período.

A safra de grãos da região Sudeste deverá, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE, apresentar expansão anual de 0,6% em 2011, totalizando 17,2 milhões de toneladas e representando 10,7% da produção nacional. O levantamento projeta aumento de 3,4% para a safra de soja, com aumentos na área colhida e na produtividade, e reduções respectivas de 18,7%, 5,8% e 0,9% para as culturas de arroz, feijão e milho. Em relação às demais lavouras, estimam-se contrações das produções de cana-de-açúcar, 19,8%, café, 4,0%, e banana, 0,5%, e aumento de 2,8% na produção de laranja. O IBGE

Tabela 4.4 – Produção agrícola – Sudeste

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. %
		2010	2011	
Grãos		17 067	17 176	0,6
Arroz (em casca)	0,3	214	174	-18,7
Feijão	2,8	932	878	-5,8
Milho	7,1	10 717	10 623	-0,9
Soja	5,2	4 298	4 446	3,4
Outras lavouras				
Café	19,9	2 354	2 260	-4,0
Banana	3,0	2 261	2 251	-0,5
Cana-de-açúcar	36,8	499 899	401 055	-19,8
Laranja	9,8	15 790	16 237	2,8

Fonte: IBGE

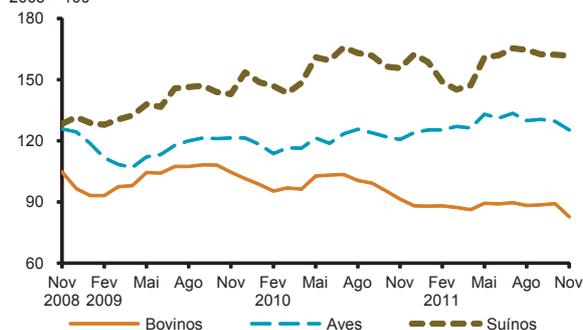
1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2011.

Gráfico 4.4 – Abates de animais – Sudeste

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 4.5 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sudeste		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	115 494	145 906	26,3	26,8
Básicos	46 026	62 712	36,3	36,1
Industrializados	69 469	83 194	19,8	19,4
Semimanufaturados	16 495	20 911	26,8	27,7
Manufaturados ^{1/}	52 974	62 283	17,6	16,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

divulgou, adicionalmente, prognóstico de expansão anual de 5% para a produção de grãos em 2012.

Os abates de bovinos efetuados na região em estabelecimentos inspecionados pelo SIF apresentaram retração de 10,9% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2010, de acordo com as estatísticas do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). O desempenho desfavorável no período refletiu, em parte, a retração da oferta de boi gordo. Os abates de suínos cresceram 1,3% e os de aves, 6,9%.

O superávit comercial da região atingiu US\$21 bilhões em 2011, ante US\$13,5 bilhões no ano anterior, resultado de acréscimos de 26,3% nas exportações e de 22,4% nas importações, que somaram, na ordem, US\$145,9 bilhões e US\$124,9 bilhões.

O desempenho das exportações, resultante de variações de 4,4% no *quantum* e de 21% nos preços, decorreu de aumentos nas vendas em todas as classes de produtos, especialmente de básicos, 36,3%, e de semimanufaturados, 26,8%. Os principais destinos dos embarques da região foram China, EUA, Argentina, Holanda e Alemanha, que adquiriram, em conjunto, 47% das vendas externas no período.

O crescimento das importações, decorrente de variações de 8,7% no *quantum* e de 12,6% nos preços, refletiu os aumentos registrados nas compras em todas as categorias de uso, destacando-se os relativos a combustíveis e lubrificantes, 46%, e a bens de consumo duráveis, 34,1%. Em 2011, as importações provenientes dos EUA, China, Alemanha, Argentina e Coreia do Sul representaram 49,8% das aquisições externas da região Sudeste.

Em relação ao mercado de trabalho, estatísticas do Caged/MTE revelaram a criação de 118,2 mil empregos formais na região no trimestre encerrado em novembro, ante 268,4 mil naquele finalizado em agosto e 230,9 mil em igual período de 2010, dos quais 126 mil no setor de serviços e 107,8 mil no comércio. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal cresceu 0,8% no trimestre terminado em novembro, em relação ao encerrado em agosto.

A taxa média de desemprego da região Sudeste, considerada a PME realizada pelo IBGE nas regiões metropolitanas de São Paulo (RMSP), Rio de Janeiro (RMRJ) e Belo Horizonte (RMBH), atingiu 5,5% no

Tabela 4.6 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sudeste			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	102 015	124 901	22,4	24,5
Bens de consumo	16 091	20 551	27,7	27,5
Duráveis	7 939	10 647	34,1	29,7
Não duráveis	8 152	9 904	21,5	24,4
Bens intermediários	46 584	54 098	16,1	21,5
Bens de capital	25 975	30 741	18,3	16,8
Combustíveis e lubrificantes	13 364	19 512	46,0	42,8

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 4.7 – Evolução do emprego formal – Sudeste

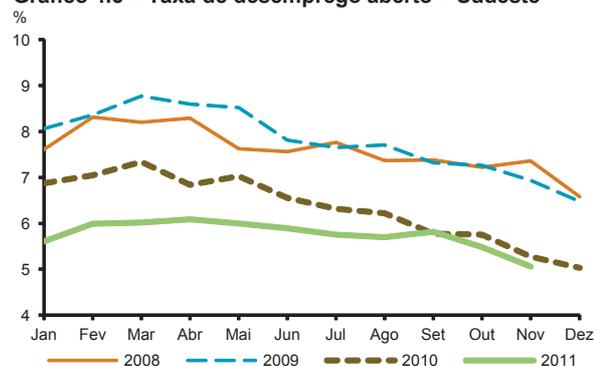
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	230,9	8,5	440,1	268,4	118,2
Indústria de transformação	38,4	-22,1	95,6	22,1	-34,8
Comércio	131,2	-1,9	30,8	63,0	107,8
Serviços	158,0	79,6	149,6	113,9	126,0
Construção civil	3,7	1,9	33,5	35,6	-3,1
Agropecuária	-107,7	-48,5	119,6	30,4	-82,0
Serviços ind. de utilidade públicas	2,3	3,1	2,1	-1,3	-0,0
Outros ^{2/}	5,1	-3,6	8,9	4,7	4,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 4.5 – Taxa de desemprego aberto – Sudeste

Fonte: IBGE

trimestre encerrado em novembro. A retração de 0,1 p.p. registrada em relação a igual período de 2010 decorreu de elevações de 2,2% no pessoal ocupado e de 2% na PEA. O rendimento real médio habitual recuou 0,1% e a massa salarial real cresceu 2,1%, no período. Considerados dados dessazonalizados, a taxa média de desemprego atingiu 5,7% no trimestre encerrado em novembro, permanecendo estável em relação ao finalizado em agosto.

A inflação na região Sudeste, considerada a média ponderada das variações do IPCA nas RMSP, RMRJ e RMBH, atingiu 1,36% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,04% naquele finalizado em setembro, resultado de acelerações dos preços livres, de 1,14% para 1,55%, e dos monitorados, de 0,83% para 0,93%.

A evolução dos preços livres refletiu, em especial, o aumento de 1,02% para 1,77% na variação dos preços dos produtos não comercializáveis, com ênfase na pressão exercida pelos itens alimentação fora do domicílio, empregados domésticos e aluguéis residenciais. A elevação dos preços dos produtos comercializáveis atingiu 1,28%, ante 1,30% no trimestre encerrado em setembro, destacando-se o aumento de 8,26% no item carnes.

A aceleração dos preços monitorados refletiu, em especial, as elevações dos preços das passagens aéreas, 16,27%, e dos planos de saúde, 1,84%. O índice de difusão médio, evidenciando maior disseminação dos reajustes de preços na região Sudeste, aumentou 4,6 p.p. no trimestre encerrado em dezembro, atingindo 58,5%.

O IPCA da região variou 6,57% em 2011, ante 5,94% no ano anterior, registrando-se aceleração dos preços monitorados, de 3,42% para 6,38%, e desaceleração dos preços livres, de 7,07% para 6,64%.

A atividade econômica na região Sudeste apresentou perda de dinamismo no trimestre finalizado em novembro, destacando-se o impacto da retração da produção industrial registrada no período. No entanto, a recuperação do comércio varejista – favorecida pelo aumento da massa salarial e do crédito às famílias – e as expansões dos investimentos e das exportações compõem um cenário benigno à retomada do crescimento da economia da região nos próximos meses.

Tabela 4.8 – IPCA – Sudeste

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período			
		2010	2011		
		Ano	III Tri	IV Tri	12 meses
IPCA	100,0	5,94	1,04	1,36	6,57
Livres	70,3	7,07	1,14	1,55	6,64
Comercializáveis	31,3	6,70	1,30	1,28	4,55
Não comercializáveis	39,0	7,40	1,02	1,77	8,38
Monitorados	29,7	3,42	0,83	0,93	6,38
Principais itens					
Alimentação	22,7	10,66	1,19	2,86	7,24
Habitação	13,5	5,04	1,40	1,72	6,74
Artigos de residência	3,9	3,92	0,09	-1,48	-0,59
Vestuário	6,3	6,44	1,89	2,01	8,38
Transportes	19,4	2,77	0,98	0,25	6,47
Saúde	10,4	5,16	1,18	1,41	6,76
Despesas pessoais	10,7	7,59	1,34	1,75	8,16
Educação	7,5	6,08	0,31	0,13	8,25
Comunicação	5,6	0,92	-0,23	0,52	1,50

Fonte: IBGE

1/ Referente a dezembro de 2011.

Minas Gerais

Gráfico 4.6 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Minas Gerais
Dados desazonalizados

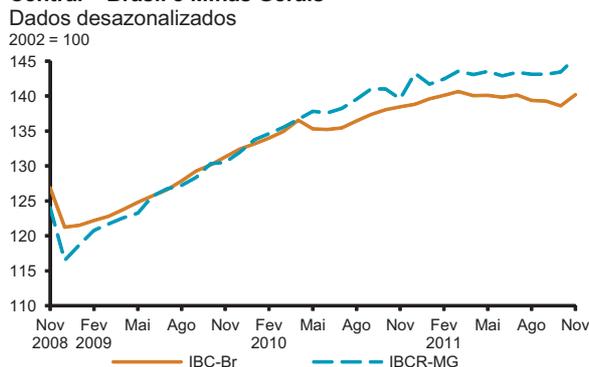


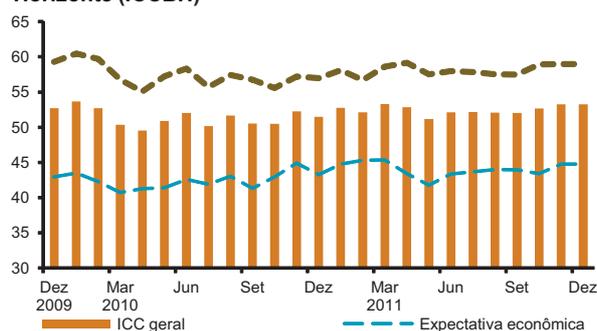
Tabela 4.9 – Índice de vendas no varejo – Minas Gerais
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2010 Ano	2011		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	11,4	0,9	2,5	10,3
Combustíveis e lubrificantes	9,4	-4,9	0,6	0,9
Hiper e supermercados	7,7	1,3	1,5	5,8
Tecidos, vestuário e calçados	9,8	-1,7	-0,9	6,5
Móveis e eletrodomésticos	25,3	3,4	7,8	30,3
Comércio ampliado	15,0	0,1	0,0	10,5
Veículos e motos, partes e peças	22,4	1,2	-3,7	11,2
Material de construção	15,2	0,5	0,3	9,5

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.7 – Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte (ICCBH)



Fonte: Fecomércio Minas e Ipead/UFMG

A economia de Minas Gerais, evidenciando o desempenho do mercado de trabalho, do comércio e da indústria extrativa, registrou relativa recuperação no trimestre encerrado em novembro, quando o IBCR-MG cresceu 0,6% em relação ao trimestre finalizado em agosto, período em que recuara 0,2%, no mesmo tipo de comparação. Considerados períodos de doze meses, o IBCR-MG cresceu 4,3% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, ante 5,8% em agosto.

As vendas varejistas registraram crescimento de 2,5% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE, ressaltando-se o aumento de 7,8% nas vendas de móveis e eletrodomésticos. O comércio ampliado, agregando as variações respectivas de -3,7% e 0,3% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de materiais de construção, registrou estabilidade no período.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista cresceu 10,3% em novembro, relativamente a igual período de 2010, ante 11% em agosto, com ênfase na expansão de 30,3% no segmento móveis e eletrodomésticos. O comércio ampliado registrou expansão de 10,5% no período.

O Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte (ICCBH), divulgado pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (Ipead) e pela Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais (Fecomércio Minas), atingiu 53,3 pontos em dezembro, elevando-se 1,3 ponto no trimestre. O componente relacionado à expectativa econômica registrou aumento de 0,8 ponto, motivado pela melhora da avaliação sobre emprego, enquanto o relacionado à expectativa financeira elevou-se 1,5 ponto, em decorrência de melhoras nos itens disponibilidade de recursos e pontualidade no pagamento.

A produção industrial no estado recuou 1,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia decrescido 1,4%, nesse tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. A indústria extrativa mineral cresceu 4,9%, enquanto a de transformação recuou 2,4%, ressaltando-se as retrações nos segmentos celulose, papel e produtos de papel, 10,0%, veículos automotores, 7,3%, e refino de petróleo e álcool, 3,2%.

Tabela 4.10 – Produção industrial – Minas Gerais

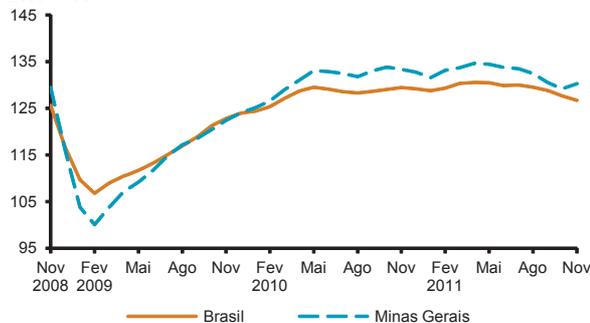
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral		
		2011	Ago ^{2/}	Nov ^{2/}
Indústria geral	100,0	-1,4	-1,7	1,0
Indústria extrativa	15,1	-1,0	4,9	3,5
Indústria de transformação	84,9	-2,7	-2,4	0,6
Metalurgia básica	17,6	-4,7	1,0	1,6
Veículos automotores	16,7	-2,2	-7,3	1,4
Alimentos	14,3	0,6	0,5	-2,0
Minerais não metálicos	7,1	2,0	-0,6	4,1
Refino de petróleo e álcool	6,2	-6,2	-3,2	-8,3

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE referente ao último mês disponível.

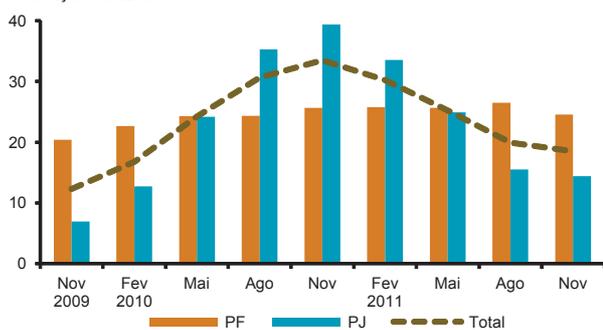
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.8 – Produção industrial – Minas GeraisDados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

Fonte: IBGE

Gráfico 4.9 – Evolução do saldo das operações de crédito – Minas Gerais^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

A produção da indústria mineira acumulada em doze meses aumentou 1% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante 3,7% em agosto. A indústria extrativa cresceu 3,5%, e a indústria de transformação, 0,6%, destacando-se as expansões nos segmentos produtos de metal – exclusive máquinas e equipamentos –, 15,7%, outros produtos químicos, 10,9%, e minerais não metálicos, 4,1%.

O Icei divulgado pela Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) atingiu 53,3 pontos em dezembro, ante 55 pontos em setembro e 61,5 pontos em dezembro do ano anterior. O recuo trimestral decorreu de retrações respectivas de 3,2 pontos e de 0,7 ponto no Índice de Condições Atuais e no Índice de Expectativas para os próximos seis meses.

As operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas em Minas Gerais totalizaram R\$162,2 bilhões em novembro, aumentando 5,1% no trimestre e 18,5% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas, evidenciando o dinamismo das modalidades financiamentos habitacionais, de veículos e crédito consignado, atingiram R\$68,7 bilhões, elevando-se 5,3% e 24,5% nas mesmas bases de comparação. O crédito concedido ao segmento de pessoas jurídicas somou R\$93,5 bilhões, elevando-se 4,9% no trimestre, com ênfase nas contratações dos setores de siderurgia, construção e comércio atacadista, exceto veículos, e 14,4% em doze meses. A taxa de inadimplência situou-se em 2,7% em novembro, registrando aumentos de 0,15 p.p. no trimestre e de 0,3 p.p. em doze meses.

A safra de grãos do estado atingiu o recorde de 10,7 milhões de toneladas em 2011, registrando expansão anual de 5,1%, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE. Esse resultado reflete, em parte, os aumentos de 7,3% na safra de milho, em razão do acréscimo de 6,8% na produtividade, e de 1,3% na produção de soja. Em relação às demais culturas, ressaltam-se o recuo de 11,2% na cultura de café, em ciclo bienal de baixa produtividade, e o aumento de 11,8% na relativa a cana-de-açúcar.

O terceiro prognóstico do IBGE projeta elevação anual de 9% para a safra mineira de grãos de 2012, ressaltando-se as estimativas de expansão para as produções de milho primeira safra, 13,8%, e soja, 2,7%. A cultura de café, principal lavoura do estado em termos de valor da produção, deverá registrar acréscimo anual de 16,9%.

Os abates de bovinos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, que compreendem cerca de 70% dos

Tabela 4.11 – Produção agrícola – Minas Gerais

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2010	2011	
Grãos	28,3	10 179	10 697	5,1
Feijão	5,5	624	583	-6,5
Milho	11,8	6 090	6 535	7,3
Soja	9,4	2 902	2 941	1,3
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	13,1	60 603	67 725	11,8
Café	38,4	1 504	1 336	-11,2

Fonte: IBGE

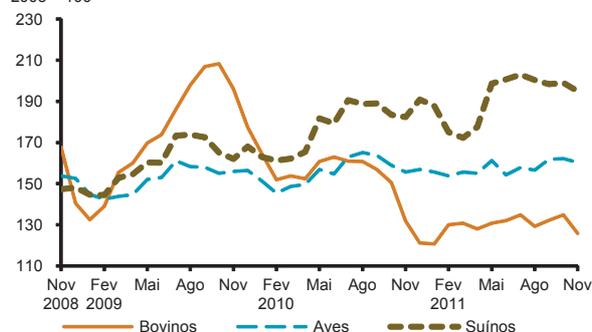
1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de setembro de 2011.

Gráfico 4.10 – Abates de animais – Minas Gerais

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 4.12 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Minas Gerais			Brasil
	2010	2011	Var. %	
Total	31 224	41 393	32,6	26,8
Básicos	19 169	27 011	40,9	36,1
Industrializados	12 055	14 382	19,3	19,4
Semimanufaturados	6 367	8 079	26,9	27,7
Manufaturados ^{1/}	5 689	6 304	10,8	16,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.13 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Minas Gerais			Brasil
	2010	2011	Var. %	
Total	9 966	13 026	30,7	24,5
Bens de consumo	1 545	2 124	37,5	27,5
Duráveis	1 340	1 785	33,2	29,7
Não duráveis	205	340	65,4	24,4
Bens intermediários	4 639	5 820	25,5	21,6
Bens de capital	2 736	3 849	40,7	16,8
Combustíveis e lubrificantes	1 046	1 234	17,9	42,8

Fonte: MDIC/Secex

realizados no estado, recuaram 14,2% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual intervalo de 2010, enquanto os referentes a aves e a suínos aumentaram 1,4% e 7,3%, respectivamente. O preço médio do boi gordo elevou-se 2,2% no trimestre finalizado em novembro, comparativamente ao encerrado em agosto.

O superávit da balança comercial de Minas Gerais totalizou US\$28,4 bilhões em 2011, recorde na série histórica, registrando aumento anual de 33,4%. As exportações somaram US\$41,4 bilhões, e as importações, US\$13 bilhões, elevando-se 32,6% e 30,7%, respectivamente, no ano.

O desempenho das exportações, traduzindo aumentos de 30,8% nos preços e de 1,4% no *quantum*, refletiu as expansões assinaladas nas vendas em todas as categorias de fator agregado, com destaque para a relativa a produtos básicos, 40,9%, impulsionada pelos crescimentos dos embarques de minérios de ferro, 43,8%, e de café em grão, 41,7%. As aquisições da China, Japão, EUA, Argentina, Holanda e Alemanha compreenderam, em conjunto, 66% das vendas externas do estado em 2011.

A expansão das importações, evidenciando aumentos de 8,3% nos preços e de 20,6% no *quantum*, decorreu de aumentos nas compras em todas as categorias de uso, ressaltando-se as relativas a bens de capital, 40,7%, sensibilizadas pelos ingressos de maquinaria industrial, 78,2%, e a bens de consumo, 37,5%, influenciadas pelas compras de automóveis. As importações provenientes dos EUA, Argentina, China, Alemanha, Itália e Japão equivaleram, em conjunto, a 64% das aquisições do estado, em 2011.

A economia mineira gerou 16,6 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro, ante 52,2 mil naquele finalizado em agosto e 35,1 mil no mesmo período de 2010. O movimento interanual refletiu, em especial, as reduções respectivas de 8,9 mil e 5,5 mil na criação de postos na indústria de transformação e no comércio e o corte de 3,4 mil vagas na construção civil, segmento responsável pela geração 4,7 mil empregos no trimestre encerrado em novembro de 2010.

A taxa média de desemprego na RMBH atingiu 4,6% no trimestre encerrado em novembro, segundo a PME do IBGE, recuando 0,1 p.p. em relação ao trimestre finalizado em agosto e 0,4 p.p., comparativamente a igual intervalo de 2010. Esse resultado constituiu-se na menor média trimestral da série, iniciada em março de 2002. A massa salarial

Tabela 4.14 – Evolução do emprego formal – Minas Gerais
Novos postos de trabalho

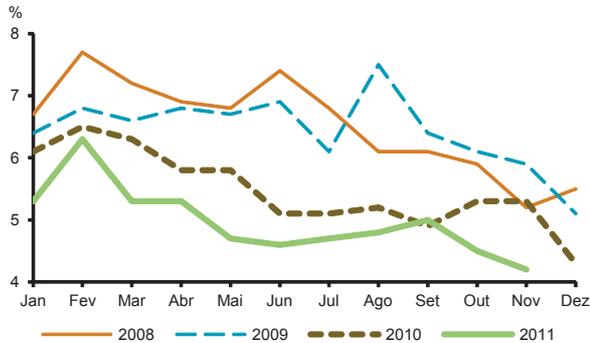
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010	2011			
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	35,1	-0,9	104,9	52,2	16,6
Indústria de transformação	10,9	-6,9	18,6	6,6	2,0
Comércio	32,8	-0,1	5,1	8,3	27,4
Serviços	29,3	15,6	25,2	21,4	29,6
Construção civil	4,7	-5,7	8,9	9,3	-3,4
Agropecuária	-44,6	-5,1	44,5	4,9	-40,3
Indústria extrativa mineral	1,0	0,9	1,6	1,4	1,1
Outros ^{2/}	0,9	0,4	1,1	0,2	0,1

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui serviços industriais de utilidade pública, administração pública e outras.

Gráfico 4.11 – Taxa de desemprego aberto – Belo Horizonte



Fonte: IBGE

Tabela 4.15 – IPCA – Belo Horizonte

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % trimestral			
		2011			
		I Tri	II Tri	III Tri	IV Tri
IPCA	100,0	2,76	1,45	1,16	1,26
Livres	69,0	2,72	0,94	1,30	1,47
Comercializáveis	31,9	0,80	1,05	1,14	0,95
Não comercializáveis	37,1	4,44	0,85	1,44	1,91
Monitorados	31,0	2,85	2,59	0,86	0,80
Principais itens					
Alimentos e bebidas	23,4	3,15	-0,26	1,15	2,67
Habituação	13,5	0,97	4,98	1,53	0,89
Artigos de residência	3,7	1,30	-0,26	0,46	-1,85
Vestuário	6,7	-0,55	2,62	1,42	2,33
Transportes	18,9	4,86	0,67	1,30	0,58
Saúde	10,3	1,28	2,64	1,51	1,34
Despesas pessoais	11,0	3,07	2,33	1,29	1,43
Educação	7,1	6,53	0,14	0,66	-0,01
Comunicação	5,5	0,76	0,75	-0,20	0,53

Fonte: IBGE

1/ Referente a dezembro de 2011.

decreceu 1,5% na margem, reflexo de variações respectivas de -1,6% e 0,1% no rendimento médio real habitual e na população ocupada remunerada.

O IPCA da RMBH aumentou 1,26% no trimestre finalizado em dezembro, ante 1,16% naquele encerrado em setembro, refletindo a aceleração dos preços livres, de 1,30% para 1,47%, e a desaceleração dos preços monitorados, de 0,86% para 0,80%. A evolução dos preços livres refletiu aumento, de 1,44% para 1,91%, na variação dos preços dos bens não comercializáveis, com destaque para as elevações nos itens frutas, 10,74%, alimentação fora do domicílio, 2,94%, e empregado doméstico, 2,61%. Os preços dos bens comercializáveis cresceram 0,95%, ante 1,14% no trimestre encerrado em setembro, com ênfase nas elevações nos itens carnes, 5,37%, bebidas e infusões, 4,39%, e higiene pessoal, 1,54%. No âmbito dos preços monitorados, assinalam-se aumentos nos itens passagem aérea, 13,33%, telefone celular, 2,97%, e plano de saúde, 1,84%. O índice de difusão atingiu 47,7% em dezembro, ante 47,4% em setembro.

A inflação na RMBH atingiu 6,79% em 2011, ante 5,84% no ano anterior. A variação dos preços livres recuou de 7,36% para 6,58%, resultado de desaceleração, de 5,84% para 4,00%, nos preços dos itens comercializáveis e de aceleração, de 8,75% para 8,89%, nos preços dos itens não comercializáveis. A variação dos preços dos produtos monitorados aumentou, de 2,59% para 7,27%, no ano.

A recuperação registrada pela economia mineira no trimestre encerrado em novembro foi estimulada pelo maior dinamismo das vendas varejistas, com ênfase no desempenho do segmento móveis e eletrodomésticos, sustentado pela manutenção da expansão, ainda que moderada, do mercado de trabalho e pela redução nos preços médios desses produtos. A recuperação da atividade mineradora, a partir de agosto, também contribuiu para a recuperação da economia do estado, mitigando o efeito da moderação no desempenho do setor automobilístico. A continuidade da recuperação da economia do estado estará condicionada, nos próximos meses, aos impactos das incertezas que envolvem a conjuntura internacional sobre a demanda por *commodities*, item relevante na estrutura industrial do estado.

Rio de Janeiro

Gráfico 4.12 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio de Janeiro
Dados dessazonalizados
2002 = 100

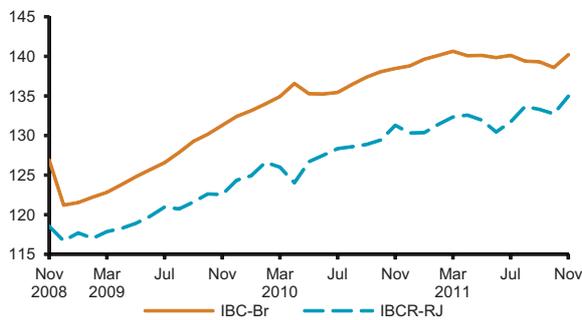


Tabela 4.16 – Índice de vendas no varejo – Rio de Janeiro
Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2010	2011		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	10,4	-0,4	1,3	7,8
Combustíveis e lubrificantes	3,3	-0,5	-0,2	0,5
Híper e supermercados	10,2	-0,9	1,0	3,3
Tecidos, vestuário e calçados	14,5	-2,4	3,2	8,5
Móveis e eletrodomésticos	20,3	2,7	0,5	21,3
Comércio ampliado	9,7	-0,7	-0,3	7,9
Veículos e motos, partes e peças	6,1	-0,9	-3,6	6,2
Material de construção	20,4	2,4	0,5	20,6

Fonte: IBGE

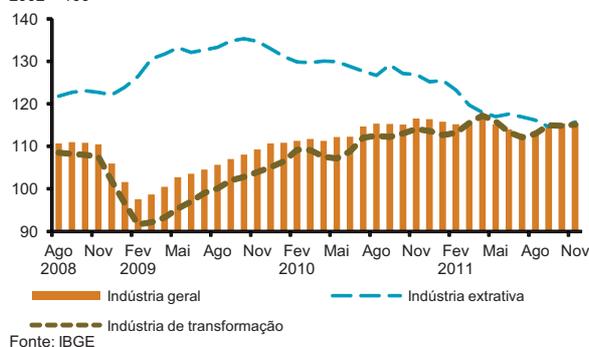
1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

O desempenho da economia do Rio de Janeiro no trimestre encerrado em novembro foi favorecido pela retomada de segmentos importantes da indústria e das vendas varejistas, em cenário de ampliação do crédito e manutenção da massa de salários em patamar elevado. Nesse ambiente, o IBCR-RJ cresceu 1,3% em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando havia recuado 0,3%, no mesmo tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador cresceu 3,9% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante 4,7% em agosto.

As vendas do comércio varejista cresceram 1,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando recuaram 0,4%, nesse tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se, no período, os desempenhos dos segmentos outros artigos de uso pessoal e doméstico, 1,9%, e hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo, 1%, ambos favorecidos pelo crescimento da massa salarial. Incluídas as variações nas vendas de veículos, motos, partes e peças, -3,6%, e de material de construção, 0,5%, o comércio ampliado recuou 0,3% no trimestre.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista do estado expandiu 7,8% em novembro, em relação a igual período de 2010, e o comércio ampliado, 7,9%, ante elevações respectivas de 9,5% e 9,9% em agosto. O Índice de Expectativas do Consumidor do estado, divulgado pela Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro (Fecomércio-RJ), registrou estabilidade em novembro, em relação a igual mês do ano anterior, após recuo de 3,1% em outubro.

Gráfico 4.13 – Produção industrial – Rio de Janeiro
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

A produção industrial fluminense cresceu 1,8% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando recuou 1,5%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. O resultado refletiu o desempenho da indústria de transformação, 1,9%, com destaque para os segmentos de refino de petróleo e álcool, 20,4%, e edição, impressão e reprodução de gravações, 6,2%, enquanto a indústria extrativa, impactada pela redução da extração petrolífera, recuou 0,4%. Considerados intervalos de doze meses, a indústria do estado cresceu 0,8% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante 2,7% em agosto, resultado de variações de 3,0% na indústria de transformação, impulsionada pela expansão de 14% na produção de veículos

Tabela 4.17 – Produção industrial – Rio de Janeiro

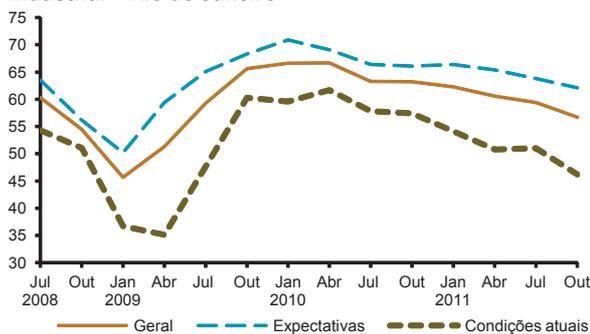
Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2011		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Ac. 12 meses
Indústria geral	100,0	-1,5	1,8	0,8
Indústria extrativa	20,1	-0,7	-0,4	-8,0
Indústria de transformação	79,9	-2,5	1,9	3,0
Refino de petróleo e álcool	12,4	-14,0	20,4	3,7
Metalurgia básica	11,9	7,2	-1,2	0,1
Veículos automotores	9,7	3,7	0,4	14,0
Outros produtos químicos	7,5	-5,9	0,6	8,1

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

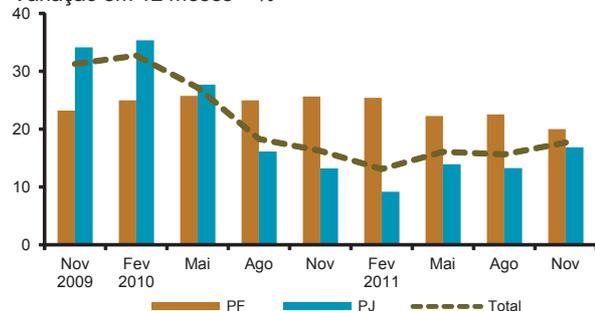
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.14 – Índice de Confiança do Empresário Industrial – Rio de Janeiro

Fonte: Firjan

Gráfico 4.15 – Evolução do saldo das operações de crédito – Rio de Janeiro^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 4.18 – Produção agrícola – Rio de Janeiro

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção		Variação % 2011/2010
		2010	2011 ^{2/}	
Grãos				
Feijão	1,3	4,4	3,8	-13,8
Milho	1,0	17,7	18,3	3,4
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	33,5	6 395	5 151	-19,5
Tomate	24,3	205	196	-4,6
Banana	8,6	152	151	-0,8
Mandioca	7,1	207	226	9,4

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2009.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2011.

automotores, em especial de caminhões, e de -8,0% na indústria extrativa.

Os indicadores industriais da Federação das Indústrias do Estado de Rio de Janeiro (Firjan), excetuado o recuo de 3,4% nas horas trabalhadas, apresentaram aumento no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, considerados dados dessazonalizados. As vendas reais elevaram-se 4,5%, a massa salarial, 1,1%, e o pessoal ocupado, 0,9%. O Nuci atingiu 83,7% no trimestre finalizado em novembro, ante 83,3% naquele terminado em agosto, patamar 3,6 p.p. superior à média da série histórica. O Icei divulgado pela Firjan atingiu 56,7 pontos em outubro, sexto recuo trimestral consecutivo, ante 59,4 pontos em julho e 63,2 pontos em igual período de 2010. A evolução trimestral resultou de variações respectivas de -1,7 ponto e -4,8 pontos nos componentes expectativas e condições atuais.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil atingiu R\$224,0 bilhões em novembro, dos quais R\$60,7 bilhões no segmento de pessoas físicas e R\$163,3 bilhões no de pessoas jurídicas, expandindo 6,2% no trimestre e 17,7% em doze meses. A evolução trimestral refletiu acréscimos de 5,5% no segmento de pessoas físicas e de 6,5% no relativo a pessoas jurídicas, enquanto a expansão em doze meses decorreu de aumentos respectivos de 20,0% e 16,9%. A inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 2,14% em novembro, ante 2,11% em agosto, registrando-se expansão de 0,25 p.p. no segmento de pessoas físicas e retração de 0,04 p.p. no segmento de pessoas jurídicas.

Cultura mais importante do estado, a produção de cana-de-açúcar recuou 19,5% em 2011, de acordo com o LSPA de dezembro, reflexo da redução de 21,2% na área colhida e aumento de 2,2% na produtividade. As culturas de mandioca e milho registraram elevações anuais respectivas de 9,4% e 3,4%.

A balança comercial do estado acumulou superávit de US\$10,5 bilhões em 2011, ante US\$3,4 bilhões em igual período de 2010, de acordo com o MDIC. As exportações totalizaram US\$29,4 bilhões, e as importações, US\$19 bilhões, registrando crescimentos respectivos de 47,1% e 13,9% no ano. As vendas e as compras externas de óleos brutos de petróleo, representando, na ordem, 67,9% e 18,8% dos respectivos fluxos totais, cresceram 33,8% e 37,6% no período e proporcionaram superávit de US\$16,4 bilhões, contrastando com o déficit de US\$6 bilhões resultante das demais transações comerciais do estado.

A elevação das exportações decorreu de aumentos respectivos de 33,8% e 10,1% nos preços e no *quantum*,

Tabela 4.19 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio de Janeiro		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	20 022	29 445	47,1	26,8
Básicos	14 953	20 008	33,8	36,1
Industrializados	5 070	9 437	86,2	19,4
Semimanufaturados	272	2 275	735,6	27,7
Manufaturados ^{1/}	4 797	7 162	49,3	16,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.20 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio de Janeiro		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	16 666	18 977	13,9	24,5
Bens de consumo	2 888	3 274	13,4	27,5
Duráveis	1 389	1 612	16,1	29,7
Não duráveis	1 499	1 662	10,9	24,4
Bens intermediários	5 592	6 331	13,2	21,5
Bens de capital	3 474	3 252	-6,4	16,8
Combustíveis e lubrificantes	4 712	6 120	29,9	42,8

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 4.21 – Evolução do emprego formal –**Rio de Janeiro**

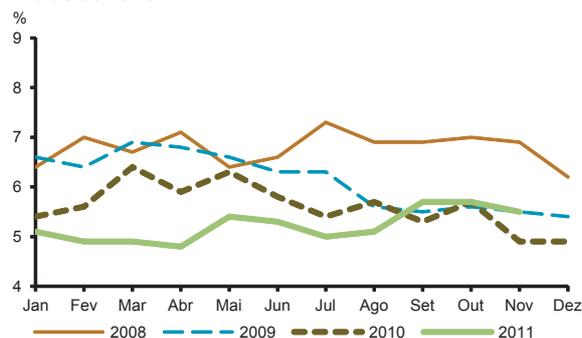
Novos postos

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	73,2	10,9	47,2	50,6	62,0
Indústria de transformação	7,6	0,4	4,6	4,7	5,7
Comércio	26,3	-4,8	5,0	7,9	24,5
Serviços	39,1	18,3	24,0	21,1	27,6
Construção civil	-1,0	-1,3	10,5	12,4	4,1
Agropecuária	-0,7	-3,5	1,4	3,7	-1,0
Serviços ind. utilidade pública	0,9	1,7	0,7	-0,3	0,6
Outros ^{2/}	0,3	0,1	0,9	1,1	0,5

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 4.16 – Taxa de desemprego aberto – Rio de Janeiro

Fonte: IBGE

ressaltando-se o dinamismo das vendas de produtos semimanufaturados, atribuído fundamentalmente às exportações da Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA). As vendas do estado direcionadas aos EUA, China e Santa Lúcia representaram 49,7% dos embarques realizados em 2011.

O crescimento das importações decorreu de variações de 14,8% nos preços e de 1% no *quantum*, ressaltando-se a elevação de 29,9% nas aquisições de combustíveis e lubrificantes. As importações provenientes dos EUA, Arábia Saudita e China representaram, em conjunto, 42,6% das compras do estado no período.

A economia fluminense gerou, de acordo com o Caged/MTE, 62,0 mil postos de trabalho no trimestre encerrado em novembro, ante 50,6 mil naquele finalizado em agosto, e 73,2 mil em igual período de 2010, dos quais 27,6 mil no setor de serviços e 24,5 mil no comércio. Considerando dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado cresceu 1,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto.

A taxa média de desemprego na RMRJ atingiu, de acordo com a PME do IBGE, 5,6% no trimestre encerrado em novembro, ante 5,3% em igual período de 2010, evolução decorrente de crescimentos de 3,9% na população ocupada e de 4,3% na PEA. O rendimento médio habitualmente recebido pelas pessoas ocupadas recuou 0,8%, enquanto a massa de rendimento elevou-se 3,4% no período. A análise na margem, a partir de dados dessazonalizados, revelou que a taxa de desemprego cresceu 0,5 p.p. em relação ao trimestre finalizado em agosto.

O IPCA da RMRJ cresceu 1,56% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1% naquele finalizado em setembro, resultado de acelerações nos preços livres, de 1,11% para 1,72%, e nos preços monitorados, de 0,74% para 1,24%, esta influenciada pelas elevações nos itens passagens aéreas, 20,52%, e energia elétrica, 5,28%.

A evolução dos preços livres resultou de elevação, de 0,7% para 1,94%, na variação dos preços no segmento de bens não comercializáveis, com ênfase nos aumentos nos itens empregado doméstico, 3,31%, condomínio, 3,04%, e alimentação fora do domicílio, 2,81%, e de recuo, de 1,61% para 1,45%, na variação dos preços dos bens comercializáveis. O Índice de Difusão atingiu média de 55,7% no trimestre finalizado em dezembro, ante 55,0% naquele encerrado em setembro.

Tabela 4.22 – IPCA – Rio de Janeiro

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2010	2011		2010
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	6,40	1,00	1,56	6,58
Livres	67,2	7,67	1,11	1,72	6,80
Comercializáveis	30,7	7,33	1,61	1,45	5,20
Não comercializáveis	36,5	7,97	0,70	1,94	8,19
Monitorados	32,8	3,90	0,74	1,24	6,10
Principais itens					
Alimentação	23,6	10,22	1,55	2,59	8,18
Habitação	14,6	6,21	1,13	2,52	7,42
Artigos de residência	3,8	4,41	2,41	-0,73	0,78
Vestuário	5,6	7,04	1,58	2,57	8,50
Transportes	19,6	3,69	0,44	0,77	6,43
Saúde	11,0	5,82	0,94	1,17	6,28
Despesas pessoais	8,8	7,34	0,63	1,94	6,03
Educação	7,1	7,97	0,56	0,08	7,21
Comunicação	6,0	0,89	-0,02	0,26	1,55

Fonte: IBGE

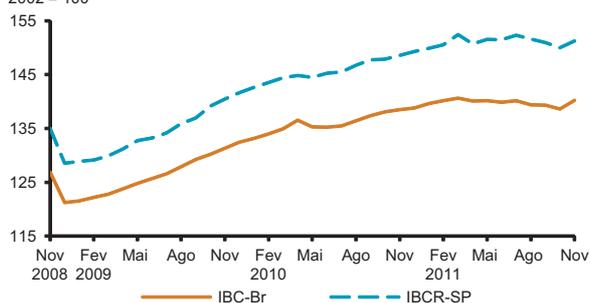
1/ Referente a dezembro de 2011.

A variação anual do IPCA da RMRJ atingiu 6,58%, ante 6,40% em 2010. A variação dos preços livres passou de 7,67% para 6,80%, resultado de redução, de 7,33% para 5,20%, na variação dos preços dos itens comercializáveis e de aumento, de 7,97% para 8,19%, na relativa aos não comercializáveis. A variação dos preços dos produtos monitorados acelerou de 3,90% para 6,10%, no ano.

O desempenho econômico do Rio de Janeiro na margem foi sustentado pela retomada da atividade em segmentos importantes da indústria e das vendas varejistas, em ambiente de manutenção, embora em ritmo mais moderado, do dinamismo do mercado de trabalho. A trajetória da economia do estado nos próximos meses deverá ser favorecida pelo impacto da concretização dos investimentos previstos.

Gráfico 4.17 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e São Paulo

Dados dessazonalizados
2002 = 100



Fonte: Banco Central

Tabela 4.23 – Comércio varejista – São Paulo

Geral e setores selecionados

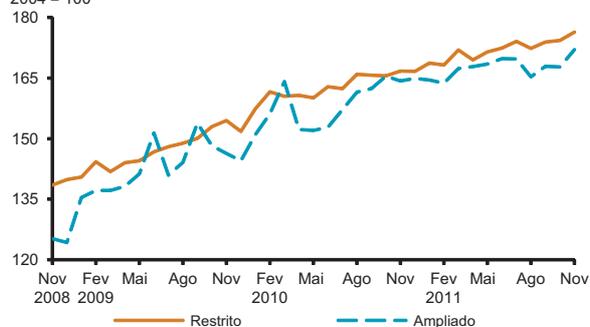
Setores	Variação % no período			
	2010 Ano	2011		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	10,6	1,2	1,1	6,3
Combustíveis e lubrificantes	7,5	-0,7	-1,2	1,6
Híper e supermercados	8,8	1,1	1,4	4,3
Tecidos, vestuário e calçados	10,7	-1,1	-4,1	5,6
Móveis e eletrodomésticos	16,6	1,4	3,7	13,8
Comércio ampliado	11,0	0,2	0,6	6,6
Automóveis e motocicletas	11,3	-3,1	-0,3	6,9
Material de construção	13,1	-0,4	0,5	7,1

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 4.18 – Comércio varejista – São Paulo

Dados dessazonalizados
2004 = 100



Fonte: IBGE

São Paulo

A atividade econômica em São Paulo registrou contração no trimestre encerrado em novembro, motivada pelo expressivo recuo da produção industrial. Nesse ambiente, embora a atividade varejista mantivesse ritmo de crescimento importante, o IBCR-SP recuou 0,7% em relação ao trimestre finalizado em agosto, quando havia crescido 0,2%, na mesma base de comparação, conforme dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador cresceu 4% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante 5,2% em agosto.

As vendas varejistas aumentaram 1,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando cresceram 1,2%, no mesmo tipo de comparação, segundo dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Destacaram-se, no período, as expansões respectivas de 3,7% e 1,4% nos segmentos móveis e eletrodomésticos e hipermercados e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo. O comércio ampliado, evidenciando variações de 0,5% nas vendas de materiais de construção e de -0,3% nas relativas a veículos, motos, partes e peças, cresceu 0,6%, ante elevação de 0,2% no trimestre encerrado em agosto.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas do estado cresceram 6,3% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante 7,1% em agosto, ressaltando-se as elevações nos setores móveis e eletrodomésticos, 13,8%, e tecidos, vestuário e calçados, 5,6%. O comércio ampliado, refletindo os aumentos respectivos de 7,1% e 6,9% nas vendas de materiais de construção e de veículos, motos, partes e peças, expandiu-se 6,6% nessa base de comparação.

A produção da indústria paulista recuou 4,9% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando decrescera 1,1%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Ocorreram recuos em quinze dos vinte setores considerados na pesquisa, ressaltando-se os relativos às indústrias de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 28%, de edição, impressão e reprodução de gravações, 15,9%, e de veículos automotores, 10,6%. Em oposição, as indústrias de máquinas para escritório e equipamentos de informática e de refino de petróleo e de álcool apresentaram aumentos respectivos de 8,4% e 6,7%.

A análise em doze meses revela que a indústria do estado cresceu 0,5% em novembro, em relação ao período

Tabela 4.24 – Produção industrial – São Paulo

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2011		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-1,1	-4,9	0,5
Veículos automotores	13,6	2,4	-10,6	-1,2
Alimentos	9,6	1,9	-5,4	-2,6
Máquinas e equipamentos	8,8	3,9	-7,6	2,2
Outros produtos químicos	7,9	-3,7	-0,3	1,7
Farmacêutica	6,7	-19,6	-3,3	6,9
Refino de petróleo e álcool	6,4	-1,2	6,7	4,7

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados em t e t-3. Dados dessazonalizados.

correspondente de 2010, ante 3,1% em agosto. Nove dos vinte setores apresentaram crescimento nessa base de comparação, ressaltando-se os observados nas indústrias de material eletrônico, aparelhos e equipamentos de comunicações, 7,7%, e farmacêutica, 6,9%.

As vendas reais da indústria do estado cresceram 2,8% no trimestre finalizado em outubro, em relação ao encerrado em julho, quando haviam aumentado 1,6%, nesse tipo de análise, de acordo com estatísticas da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), dessazonalizadas pelo Banco Central. As horas trabalhadas na produção assinalaram variações respectivas de -0,9% e 0,3%, enquanto o Nuci recuou de 82,3%, em julho, para 82,1%, em outubro.

O Índice de Confiança do Consumidor (ICC), medido pela Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio SP), aumentou 1,3% no trimestre encerrado em dezembro, em relação ao finalizado em setembro, reflexo de elevação de 3,9% no componente associado às expectativas e de recuo de 0,9% naquele que avalia as condições econômicas atuais. O ICC decresceu 3% em relação a igual trimestre de 2010, resultado de variações respectivas de 0,4% e -6,2% nos componentes considerados.

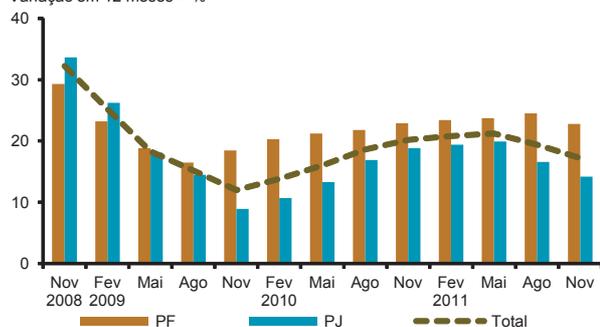
O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas em São Paulo somou R\$574,4 bilhões em novembro, ampliando-se 4,7% no trimestre e 17,2% em doze meses. O volume relativo ao segmento de pessoas físicas totalizou R\$210,1 bilhões, elevando-se 5,2% e 22,8% nos períodos mencionados, destacando-se o desempenho das modalidades crédito imobiliário, financiamento de veículos e crédito pessoal. As operações contratadas no âmbito das pessoas jurídicas atingiram R\$364,4 bilhões, elevando-se 4,5% no trimestre e 14,2% em doze meses, com ênfase no dinamismo da modalidade capital de giro.

A inadimplência das operações de crédito em São Paulo atingiu 2,9% em novembro, aumentando 0,3 p.p. no trimestre. As taxas relacionadas aos segmentos de pessoas físicas e jurídicas atingiram 4,0% e 2,3%, respectivamente, elevando-se 0,3 p.p. nos dois segmentos, no período.

A safra de grãos do estado decresceu 6,2% no ano, totalizando 6,4 milhões de toneladas, de acordo com o LSPA de dezembro, do IBGE, movimento associado às reduções observadas no rendimento e nas áreas plantadas de importantes culturas do estado. Nesse cenário, as safras de milho, feijão e soja registraram variações anuais respectivas

Gráfico 4.20 – Evolução do saldo das operações de crédito – São Paulo^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 4.25 – Produção agrícola – São Paulo

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Var. %
		2010	2011	
Produção de grãos		6 769	6 351	-6,2
Arroz (em casca)	0,2	87	81	-7,0
Feijão	1,3	288	277	-3,8
Milho	4,9	4 539	3 988	-12,1
Soja	3,3	1 396	1 505	7,9
Outras lavouras selecionadas				
Café	3,9	295	199	-32,5
Cana-de-açúcar	55,6	427 946	323 477	-24,4
Laranja	16,6	14 898	15 330	2,9

Fonte: IBGE

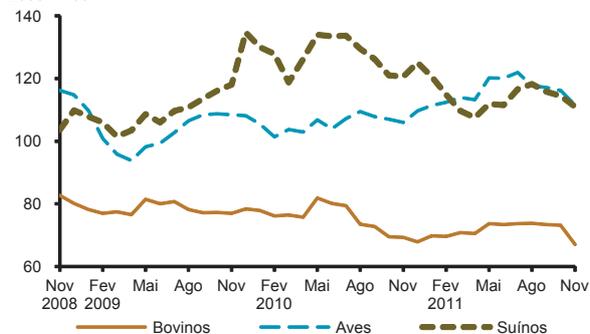
1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro 2011.

Gráfico 4.21 – Abates de animais – São Paulo

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 4.26 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	São Paulo			Brasil
	2010	2011	Var. %	
Total	52 293	59 909	14,6	26,8
Básicos	3 971	4 604	16,0	36,1
Industrializados	48 322	55 305	14,5	19,4
Semimanufaturados	7 554	8 258	9,3	27,7
Manufaturados ^{1/}	40 768	47 047	15,4	16,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 4.27 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	São Paulo			Brasil
	2010	2011	Var. %	
Total	67 787	82 161	21,2	24,5
Bens de consumo	9 728	11 820	21,5	27,5
Duráveis	3 868	4 714	21,9	29,7
Não duráveis	5 860	7 107	21,3	24,4
Bens intermediários	33 798	38 728	14,6	21,5
Bens de capital	17 663	20 894	18,3	16,8
Combustíveis e lubrificantes	6 598	10 719	62,5	42,8

Fonte: MDIC/Secex

de -12,1%, -3,8% e 7,9%. Adicionalmente, a produção de café, em ciclo bianual de baixa produtividade, decresceu 32,5% no ano, e a safra de cana-de-açúcar, sensibilizada pelo excesso de chuvas na época do plantio e pela ocorrência de geadas na região do centro-oeste paulista, recuou 24,4%. A colheita de laranja cresceu 2,9%, reflexo de aumento do rendimento, favorecido parcialmente pelo maior adensamento da plantação.

Os abates de bovinos, de aves e de suínos em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF apresentaram, segundo o Mapa, variações respectivas de -8,4%, 9,4% e -10,4% no período de janeiro a novembro de 2011, em relação ao mesmo período do ano anterior. A redução no abate de bovinos reflete a menor oferta de boi gordo e o menor consumo externo e interno, em parte substituído por carnes de aves e de suínos.

A balança comercial de São Paulo registrou déficit de US\$22,3 bilhões no ano, 43,6% superior ao verificado em 2010. As exportações cresceram 14,6%, e as importações, 21,2%, atingindo, na ordem, US\$59,9 bilhões e US\$82,2 bilhões.

A evolução das exportações, refletindo variações de 25,8% nos preços e de -8,9% no *quantum*, decorreu, em especial, da elevação de 15,4% nas vendas de produtos manufaturados. Argentina, EUA, China, Holanda e México adquiriram, em conjunto, 38,8% das vendas externas do estado no período.

A trajetória das importações, decorrente de elevações 10,4% no *quantum* e de 9,8% nos preços, foi impactada, em especial, pelos aumentos nas aquisições de combustíveis, 62,5%, e de bens de consumo, 21,5%. No ano, as compras provenientes dos EUA, China, Alemanha, Nigéria e Japão representaram, em conjunto, 50,8% das importações do estado.

A economia de São Paulo criou, de acordo com o Caged/MTE, 30,1 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro, ante 163,5 mil naquele finalizado em agosto e 113,9 mil em igual período de 2010, dos quais 63,5 mil no setor de serviços e 49,8 mil no comércio. Em oposição, ocorreram cortes de postos de trabalho na indústria de transformação, 43,1 mil, e na agropecuária, 38,6 mil. Considerados dados dessazonalizados, o emprego formal cresceu 0,7% no trimestre terminado em novembro, em relação ao finalizado em agosto.

Tabela 4.28 – Evolução do emprego formal – São Paulo
Novos postos de trabalho

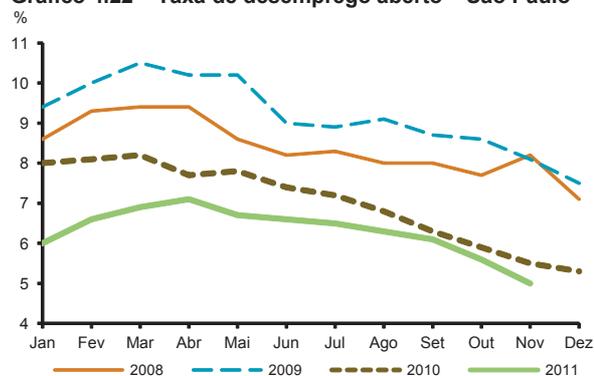
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	113,9	0,6	266,9	163,5	30,1
Indústria de transformação	19,0	-13,6	69,9	8,4	-43,1
Comércio	66,2	3,5	20,3	44,9	49,8
Serviços	85,7	42,6	96,0	67,8	63,5
Construção civil	0,1	10,0	12,0	11,8	-3,2
Agropecuária	-60,4	-38,4	62,1	30,0	-38,6
Serviços ind. de utilidade pública	1,0	1,2	1,3	-0,9	-0,6
Outros ^{2/}	2,4	-4,7	5,3	1,6	2,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 4.22 – Taxa de desemprego aberto – São Paulo



Fonte: IBGE

Tabela 4.29 – IPCA – São Paulo

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período			
		2010	2011		
			Ano	III Tri	IV Tri
IPCA	100,0	5,78	1,02	1,31	6,49
Livres	72,0	6,72	1,10	1,50	6,58
Comercializáveis	31,3	6,72	1,22	1,32	4,46
Não comercializáveis	40,7	6,72	1,01	1,65	8,29
Monitorados	28,0	3,47	0,82	0,80	6,21
Principais itens					
Alimentação	22,1	11,04	1,05	3,04	6,98
Habituação	13,0	5,03	1,47	1,66	5,85
Artigos residência	4,0	4,13	-0,98	-1,67	-1,23
Vestuário	6,4	5,49	2,17	1,67	9,13
Transportes	19,5	2,75	1,09	-0,08	6,13
Saúde	10,2	4,73	1,16	1,53	6,89
Despesas pessoais	11,4	7,07	1,65	1,78	8,98
Educação	7,9	5,16	0,09	0,19	8,96
Comunicação	5,5	0,81	-0,33	0,63	1,37

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2011.

A taxa de desemprego da RMSP, divulgada pela PME do IBGE, atingiu 5,6% no trimestre encerrado em novembro, ante 5,9% em igual período de 2010, retração decorrente de aumentos de 1,3% no pessoal ocupado e de 0,9% na PEA. O rendimento real médio habitual recuou 0,3% e a massa salarial real cresceu 1% no período. A análise na margem, a partir de dados dessazonalizados, revela que a taxa de desemprego atingiu 5,9% no trimestre finalizado em novembro, ante 6,3% naquele encerrado em agosto.

O IPCA da RMSP cresceu 1,31% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,02% naquele finalizado em setembro, resultado de aceleração dos preços livres, de 1,1% para 1,5%, e desaceleração dos preços monitorados, de 0,82% para 0,80%, esta refletindo, em especial, a menor elevação nos preços das passagens aéreas.

Entre os preços livres, a variação dos preços dos produtos não comercializáveis aumentou de 1,01% para 1,65%, com ênfase na contribuição do item alimentação fora do domicílio. Os preços de serviços desaceleraram no trimestre, mas seguiram exercendo o impacto mais relevante no segmento. A variação dos preços dos produtos comercializáveis passou de 1,22% para 1,32%, ressaltando-se as contribuições dos itens carnes e vestuário. O índice de difusão médio, evidenciando maior disseminação dos reajustes de preços na RMSP, aumentou 6,8 p.p. no trimestre, atingindo 58,9%.

O IPCA da RMSP variou 6,49% em 2011, ante 5,78% no ano anterior, evolução decorrente de aceleração, de 3,47% para 6,21%, nos preços monitorados e de desaceleração, de 6,72% para 6,58%, nos preços livres.

A atividade econômica em São Paulo registrou deterioração no trimestre encerrado em novembro, expressa em acentuada retração na atividade industrial. Vale ressaltar, entretanto, que as perspectivas favoráveis associadas a indicadores dos mercados de trabalho e de crédito, bem como a trajetória dos investimentos, deverão se consolidar em estímulos à retomada do crescimento econômico do estado nos próximos meses.

Gráfico 5.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Região Sul

Dados dessazonalizados

2002 = 100

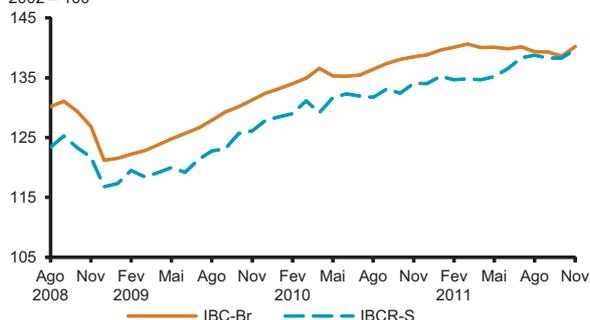
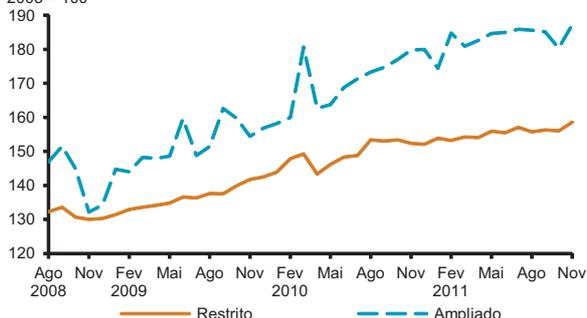


Gráfico 5.2 – Comércio varejista – Sul

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.1 – Comércio varejista – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2010	2011		12 meses
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	
Comércio varejista	9,5	0,9	0,6	4,6
Combustíveis e lubrificantes	4,6	4,3	1,4	1,3
Híper e supermercados	7,1	3,2	0,6	3,7
Tecidos, vestuário e calçados	8,3	1,0	0,4	3,1
Móveis e eletrodomésticos	14,2	1,7	3,0	14,1
Comércio varejista ampliado	12,4	1,5	-0,7	8,4
Automóveis e motocicletas	15,6	-0,5	-2,6	10,4
Material de construção	21,9	-0,4	0,6	15,4

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A atividade da economia da região Sul arrefeceu no trimestre encerrado em novembro, com retração do setor industrial e desaceleração do crescimento do emprego e das vendas varejistas. Nesse cenário, o IBCR-S cresceu 0,6% em relação ao trimestre encerrado em agosto, quando havia aumentado 1%, na mesma base de comparação, de acordo com dados dessazonalizados. Considerados intervalos de doze meses, o indicador aumentou 4,2% em novembro, em relação a igual período de 2010, ante expansão de 4,8% em agosto.

As vendas do comércio varejista cresceram 0,6% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando se expandiram 0,9%, nesse tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE, ressaltando-se o aumento de 3% nas vendas de móveis e eletrodomésticos. No mesmo período, o comércio ampliado recuou 0,7%, com ênfase no decréscimo de 2,6% no comércio automóveis e motocicletas.

Considerados períodos de doze meses, o comércio varejista cresceu 4,6% em novembro, em relação ao período correspondente de 2010, ante 6,2% em agosto, destacando-se os aumentos nas vendas de móveis e eletrodomésticos, 14,1%, equipamentos para escritório, informática e comunicação, 12,7%, e artigos médicos e farmacêuticos, 11,9%. Nessa base de comparação, as vendas do comércio ampliado, incorporadas as elevações nas relativas a automóveis e motocicletas, 10,4%, e materiais de construção, 15,4%, cresceram 8,4%.

O Índice Nacional de Confiança (INC) relativo à região Sul, divulgado pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP), atingiu duzentos pontos em dezembro, ante 213 em novembro e 181 em dezembro de 2010, situando-se 24 pontos acima do indicador nacional.

A produção industrial da região recuou 1,4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando se elevava 4,2%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados da PIM-PF Regional do

Tabela 5.2 – Produção industrial – Sul

Geral e setores selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		2011		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	Acum. 12 meses
Indústria geral	100,0	4,2	-1,4	2,1
Alimentos	19,2	-1,1	0,6	1,6
Veículos automotores	12,5	8,9	1,4	20,0
Máquinas e equipamentos	11,9	-2,0	-3,1	0,3
Refino de petróleo e álcool	7,4	-0,3	7,8	2,9
Celulose, papel e produtos de papel	6,6	-2,9	2,8	-0,1
Outros produtos químicos	5,9	-9,0	1,2	1,2
Edição, impres. e reprod. de gravações	5,6	84,7	-22,5	-10,1

Fonte: IBGE

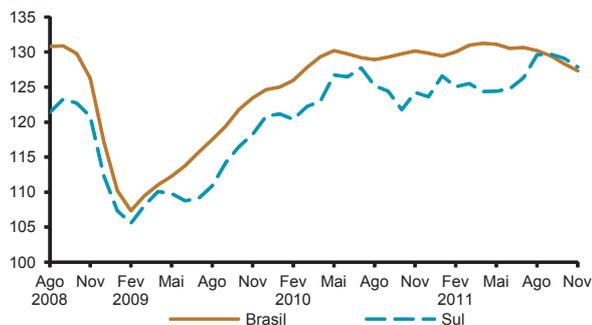
1/ Ponderação das atividades na indústria conforme a PIM-PF/IBGE de novembro.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Gráfico 5.3 – Produção industrial

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral

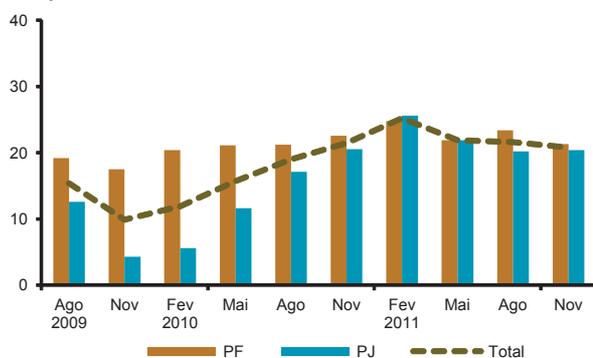
2002 = 100



Fonte: IBGE

Gráfico 5.4 – Evolução do saldo das operações de crédito – Sul^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

IBGE, agregados e dessazonalizados pelo Banco Central. Ocorreram resultados negativos em dez das dezenove atividades incluídas na pesquisa, com destaque para os relativos à edição, impressão e reprodução de gravações, 22,5%, e a vestuário e acessórios, 5,8%. Considerados períodos de doze meses, a indústria da região cresceu 2,1% em novembro, em relação ao valor observado no mesmo mês de 2010, ante 2,6% em agosto.

A folha real de pagamentos da indústria cresceu 1,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, de acordo com dados dessazonalizados da Pesquisa Industrial Mensal – Emprego e Salário (Pimes) do IBGE. No mesmo período, ocorreu estabilidade do pessoal ocupado e recuo de 0,6% nas horas trabalhadas na produção. As variações interanuais dos indicadores mencionados atingiram, na ordem, 5,6%, 2,8% e 1,7%.

A produtividade da indústria da região Sul, calculada a partir da relação entre a produção física e o número de horas pagas, decresceu 0,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando aumentara 3,6% na mesma base de comparação, considerados dados dessazonalizados do IBGE. A análise em doze meses revelou que a produtividade da indústria da região cresceu 2,1% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010.

O Icei, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), registrou recuo mensal de 0,1 ponto em dezembro, para 54 pontos, resultado de variações respectivas de -0,5 ponto e 0,3 ponto nos componentes que avaliam as condições atuais e as expectativas, ante 59,4 pontos em igual mês de 2010.

O Nuci da indústria da região Sul³ atingiu 81,1% em novembro, recuando 0,5 p.p. em relação a agosto, considerados dados dessazonalizados, e 0,9 p.p. comparativamente a novembro de 2010.

As vendas de cimento na região elevaram-se 10,7% no trimestre finalizado em dezembro, em relação ao encerrado em setembro, quando decresceram 2,4%, no mesmo tipo de análise, segundo dados do Sindicato Nacional da Indústria do Cimento (SNIC), dessazonalizados pelo Banco Central. Essas vendas aumentaram 8,1% em 2011, ante 7,4% em âmbito nacional.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil contratadas na região Sul atingiu R\$325,6 bilhões em novembro,

3/ Calculado a partir de ponderação dos indicadores de cada estado, divulgados pelas federações industriais, pela participação das respectivas indústrias na produção da região, considerada a Pesquisa Industrial Anual (PIA) do IBGE.

aumentando 6,2% no trimestre e 20,8% em doze meses. As operações contratadas no segmento de pessoas físicas somaram R\$146,9 bilhões, elevando-se 5,9% e 21,3%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas. A carteira de pessoas jurídicas totalizou R\$178,7 bilhões, aumentando 6,4% no trimestre e 20,4% em doze meses, ressaltando-se o crescimento das operações relacionadas aos segmentos construção civil, telefonia móvel celular e comércio atacadista, exceto veículos automotores e motocicletas.

A taxa de inadimplência dessas operações de crédito atingiu 2,7% em novembro, ante 2,6% em agosto, variação decorrente da elevação de 0,3 p.p. no segmento de pessoas físicas e de estabilidade na relativa ao de pessoas jurídicas, que registram, na ordem, taxas de 3,5% e 2,1%.

A safra de grãos da região atingiu 67,6 milhões de toneladas em 2011, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE, representando 42,6% da produção nacional. O acréscimo anual de 5,3% refletiu, em grande parte, os aumentos nas colheitas de arroz, 24,4%, e soja, 11,2%, mitigados parcialmente pelas reduções nas safras de trigo, 4,9%, e milho, 5,1%. Entre as demais culturas, destacaram-se os aumentos nas produções de fumo, 23,9%, e uva, 16,3%. As cotações médias do milho, soja, trigo, feijão e arroz registraram variações anuais respectivas de 45%, 15,9%, 8,9%, 9,1% e -20,7%, de acordo com estatísticas da Associação Riograndense de Empreendimentos e de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater/RS) e da Secretaria de Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab/PR).

O prognóstico do IBGE para a safra de grãos de 2012, divulgado em janeiro, indicou redução de 5,4% na produção anual da região, com ênfase nos recuos previstos para os desempenhos nas lavouras de soja e arroz, ambos de 10,2%, e feijão (primeira safra), 19%, enquanto que para o milho a expectativa é de elevação na produção de 5,2%. A estiagem que tem atingido a região provocou prejuízos significativos à atividade agrícola, ainda não incorporados plenamente nessas previsões.

Os abates de bovinos, suínos e aves, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, registraram variações respectivas de -11,1%, 6,5% e 7% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2010, enquanto suas cotações experimentaram variações de 17%, -2,3% e 9,8%, de acordo com a Emater/RS, Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas (Iepe) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Seab/PR.

Tabela 5.3 – Produção agrícola – Sul

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2010	2011	
Grãos	65,9	64 218	67 618	5,3
Soja	33,2	25 685	28 550	11,2
Milho	13,8	22 857	21 684	-5,1
Arroz (em casca)	10,1	8 129	10 110	24,4
Trigo	5,2	5 658	5 383	-4,9
Outras lavouras				
Fumo	10,0	751	931	23,9
Cana-de-açúcar	4,4	49 870	52 001	4,3
Mandioca	5,0	5 868	6 420	9,4
Maçã	2,0	1 274	1 363	7,0
Uva	1,6	862	1002	16,3

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2011.

Tabela 5.4 – Indicadores da pecuária – Sul

Novembro de 2011

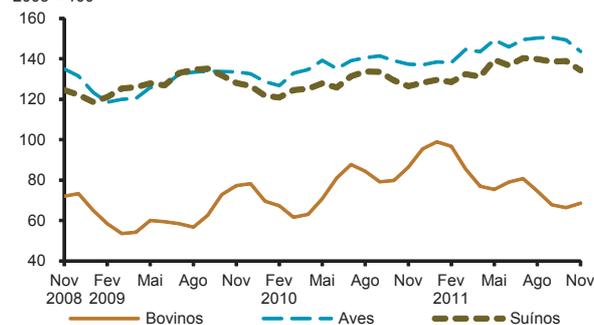
Discriminação	Variação % no ano		
	Abates (nº de animais)	Exportações (kg)	Preços (R\$)
Bovinos	-11,1	-32,1	17,0
Suínos	6,5	-0,5	-2,3
Aves	7,0	0,6	9,8

Fontes: Mapa, Emater/RS, Iepe, Seab/PR e MDIC

Gráfico 5.5 – Abates de animais – Sul

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

A balança comercial da região Sul registrou déficit de US\$3,4 bilhões em 2011, ante US\$1,9 bilhão em 2010, de acordo com estatísticas do MDIC. As exportações, refletindo variações de 3,7% no *quantum* e de 18,2% nos preços, aumentaram 23,1%, para US\$45,9 bilhões, enquanto a expansão de 25,7% das importações, que somaram US\$49,3 bilhões, decorreu de variações de -0,7% na quantidade e de 27,1% nos preços.

O desempenho das exportações traduziu, em especial, a expansão de 32,5% nas vendas de produtos básicos, que, representando 46,6% do total exportado, foram impulsionadas pelos aumentos nos embarques de soja, 52,6%, carne de frango, 19,8%, e fumo em folhas, 6,1%. As vendas de produtos manufaturados, 44,1% do total, aumentaram 12,8%, com ênfase na expansão de 18,9% nas relativas a polímeros de etileno. As exportações de semimanufaturados cresceram 33,3%, representando 9,4% do total da pauta da região, ressaltando-se as elevações nos embarques de açúcar em bruto, 33,4%, e de óleo de soja, 59%. China, Argentina e EUA adquiriram, em conjunto, 31,3% das vendas externas da região.

No âmbito das importações, as aquisições de bens de consumo, matérias-primas e produtos intermediários e de bens de capital experimentaram elevações respectivas de 37,8%, 27,4% e 20,4% no período, representando 18%, 52,9% e 17,9% das compras externas da região. Ressaltem-se os aumentos nas aquisições de partes e peças para veículos, 42,3%, automóveis de passageiros, 39,7%, veículos de carga, 15%, e naftas, 35,7%. As importações de combustíveis e lubrificantes aumentaram 10,9%, correspondendo a 11,1% da pauta da região. As aquisições de produtos da China, Argentina e Nigéria representaram 40,4% das importações da região Sul no período.

A região Sul registrou 101,8 mil novos empregos formais no trimestre encerrado em novembro, de acordo com o Caged/MTE, ante 131,5 mil em igual período do ano anterior, dos quais 46,5 mil no comércio e 38,1 mil no setor de serviços. O nível de emprego cresceu 0,9% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando se elevava 1,1%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados, destacando-se os aumentos de 2% na construção civil e de 1,4% no comércio.

A taxa de desemprego da região⁴ atingiu 3,5% em novembro, ante 4,5% em agosto e 3,6% em novembro de 2010, refletindo, na comparação anual, os acréscimos de 2,1% na PEA e de 2,2% na população ocupada.

Tabela 5.5 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	37 259	45 872	23,1	26,8
Básicos	16 111	21 354	32,5	36,1
Industrializados	21 148	24 518	15,9	19,1
Semimanufaturados	3 224	4 296	33,3	27,7
Manufaturados ^{1/}	17 924	20 222	12,8	16,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.6 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Sul			Brasil
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	39 205	49 294	25,7	24,5
Bens de capital	7 346	8 844	20,4	16,8
Matérias-primas	20 476	26 093	27,4	21,5
Bens de consumo	6 443	8 877	37,8	27,5
Duráveis	4 003	5 484	37,0	29,7
Não duráveis	2 440	3 393	39,0	24,4
Combustíveis e lubrificantes	4 940	5 480	10,9	42,8

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 5.7 – Evolução do emprego formal – Sul

Novos postos de trabalho

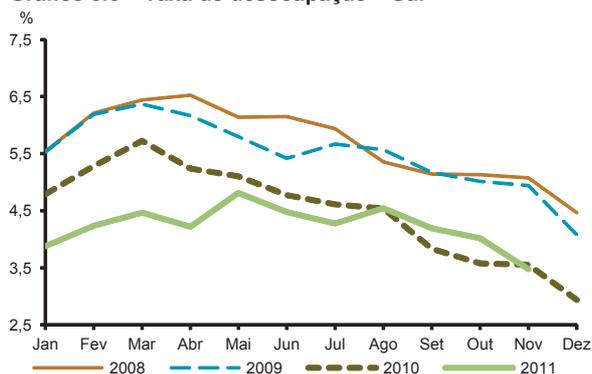
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	131,5	32,8	108,1	60,6	101,8
Indústria de transformação	24,7	4,3	42,3	6,0	4,1
Comércio	57,3	3,8	19,6	15,6	46,5
Serviços	38,5	23,0	39,6	28,6	38,1
Construção civil	3,0	2,8	11,9	9,4	4,6
Agropecuária	7,2	0,0	-8,3	-0,9	7,4
Serviços ind. de utilidade pública	0,2	1,0	0,5	0,7	0,7
Outros ^{2/}	0,7	-2,1	2,4	1,2	0,4

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 5.6 – Taxa de desocupação – Sul



Fonte: IBGE e IpardeS

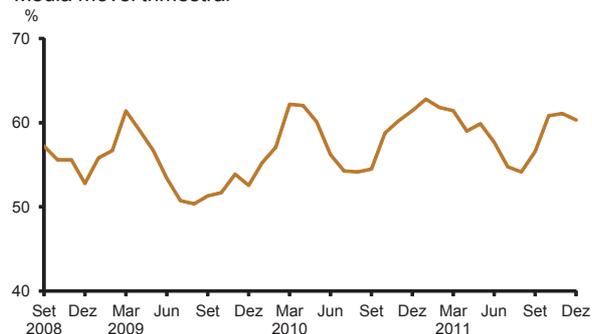
Tabela 5.8 – IPCA – Sul

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % período			
		2010		2011	
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	5,84	1,07	1,54	6,81
Livres	73,0	7,14	1,05	1,61	6,69
Comercializáveis	34,2	7,86	0,36	1,39	4,17
Não comercializáveis	38,8	6,49	1,67	1,80	9,01
Monitorados	27,0	2,45	1,13	1,35	7,13
Principais itens					
Alimentação	23,0	10,06	1,02	2,60	8,28
Habitação	14,1	5,07	1,03	2,02	7,72
Artigos de residência	4,2	4,56	-0,22	-1,58	-0,31
Vestuário	7,1	9,14	-0,02	2,21	6,38
Transportes	19,0	1,63	1,52	1,12	6,06
Saúde	10,2	5,19	1,72	1,30	6,60
Despesas pessoais	11,3	8,03	1,46	1,54	8,60
Educação	6,6	6,26	0,95	0,24	7,98
Comunicação	4,5	1,13	0,00	0,88	1,72

Fonte: IBGE

1/ Referentes a dezembro de 2011.

Gráfico 5.7 – IPCA – Índice de Difusão – Sul
Média móvel trimestral



Fonte: IBGE

A variação do IPCA na região Sul⁵ atingiu 1,54% no trimestre finalizado em dezembro, ante 1,07% naquele encerrado em setembro, refletindo as acelerações registradas nos preços livres, de 1,05% para 1,61%, e nos preços monitorados, de 1,13% para 1,35%, a destes evidenciando, em parte, o aumento de 2,28% no preço da gasolina.

O comportamento dos preços livres decorreu de aumentos nas variações dos preços dos bens comercializáveis, de 0,36% para 1,39%, com ênfase nos reajustes nos itens carnes, 5,30%, e vestuário, 2,21%, e dos não comercializáveis, de 1,67% para 1,80%, ressaltando-se as elevações nos itens alimentação fora do domicílio, 3,84%, e condomínio, 4,30%. O Índice de Difusão atingiu 60,3% em dezembro, ante 56,6% em setembro.

A inflação da região Sul atingiu 6,81% em 2011, ante 5,84% no ano anterior. A variação dos preços monitorados, impactada pelos aumentos nos itens passagens aéreas, 55,16%, e ônibus urbano, 11,47%, passou de 2,45% para 7,13%, no período, enquanto os preços livres desaceleraram de 7,14% para 6,69%. A evolução dos preços livres refletiu o arrefecimento, de 7,86% para 4,17%, nos preços dos itens comercializáveis, ressaltando-se as menores variações nos itens carnes, leites e derivados e vestuário, contrastando com a aceleração, de 6,49% para 9,01%, dos preços dos bens não comercializáveis, influenciada pela elevação de 14,29% no item alimentação fora do domicílio.

A moderação recente registrada na atividade econômica da região poderá se intensificar pelos potenciais impactos das quebras de safras de importantes culturas, principalmente soja e milho, causadas pela falta de chuvas. Adicionalmente, devem ser considerados os desdobramentos das incertezas no cenário externo sobre as exportações e, em consequência, sobre o crescimento da renda disponível da região.

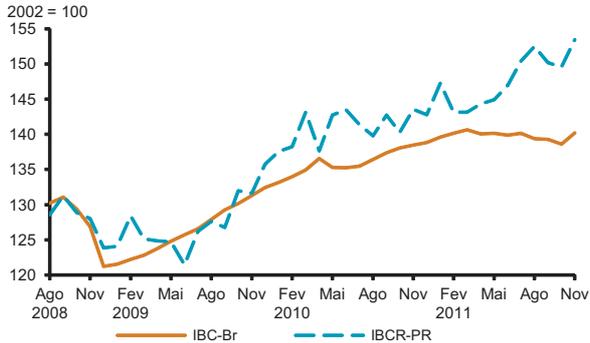
4/ Calculada com base na taxa de desocupação das regiões metropolitanas de Porto Alegre, conforme a PME do IBGE, e de Curitiba, de acordo com a PME do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IpardeS).

5/ Calculado com base nos pesos e variações dos subitens que compõem o IPCA das regiões metropolitanas de Porto Alegre e de Curitiba, ponderados pelos pesos destas regiões na composição do IPCA nacional.

Paraná

Gráfico 5.8 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Paraná

Dados dessazonalizados

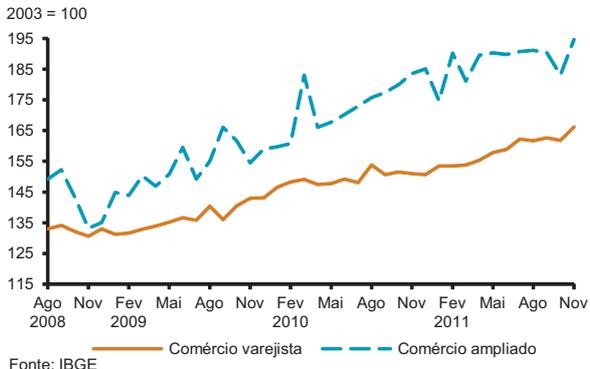


A atividade econômica do estado apresentou menor dinamismo ao final do ano, com ênfase no recuo da produção industrial. Nesse ambiente, embora ocorresse expansão das vendas varejistas e manutenção do dinamismo no mercado de trabalho e no crédito, o IBCR-PR aumentou 0,7% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando crescera 4%, no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados. A análise em doze meses revela que o indicador aumentou 5% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, ante 5,6% em agosto.

O Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes), vinculado à Secretaria Estadual do Planejamento, estima crescimento de 4,1% para o PIB do Paraná em 2011. Essa projeção reflete o dinamismo da indústria local, que desacelerou mais lentamente que a média nacional, o patamar ainda elevado dos preços das *commodities*, que favoreceram o agronegócio, e as condições favoráveis nos mercados de trabalho e de crédito, que exerceram desdobramentos positivos sobre as vendas varejistas e os demais setores de serviços.

Gráfico 5.9 – Comércio varejista – Paraná

Dados dessazonalizados



Fonte: IBGE

As vendas do comércio varejista paranaense aumentaram 1,6% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando cresceram 3,4%, nesse tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ocorreram expansões nas vendas em seis dos oito segmentos que incorporam a pesquisa, destacando-se os relativos a móveis e eletrodomésticos, 4%, e a artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, perfumaria e cosméticos, 3,7%. O comércio ampliado, evidenciando as variações nas vendas de material de construção, 2%, e de veículos, motos, partes e peças, -3%, recuou 0,6% no trimestre.

Tabela 5.9 – Índice de vendas no varejo – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Variação % no período			
	2010	2011		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	9,2	3,4	1,6	6,3
Combustíveis e lubrificantes	0,5	1,9	2,4	-3,6
Híper e supermercados	5,5	3,6	1,2	4,8
Tecidos, vestuário e calçados	4,8	1,2	1,6	-2,7
Móveis e eletrodomésticos	15,9	1,9	4,0	16,4
Comércio ampliado	13,2	1,9	-0,6	9,4
Automóveis e motocicletas	18,4	0,3	-3,0	13,4
Material de construção	17,5	3,1	2,0	12,1

Fonte: IBGE

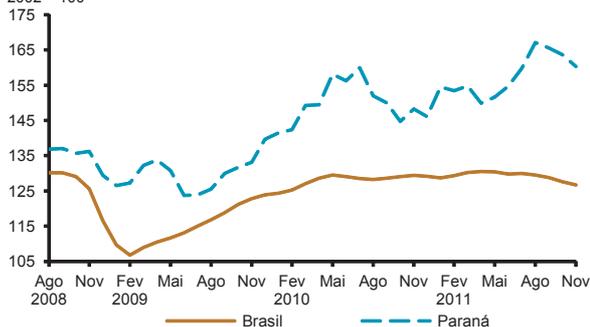
1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Considerados períodos de doze meses, as vendas varejistas aumentaram 6,3% em novembro, em relação ao intervalo correspondente de 2010, ante 6,2% em agosto, enquanto o comércio ampliado registrou aumentos respectivos de 9,4% e 11,3%.

As vendas de veículos decresceram 2,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação a igual período de 2010, de acordo com estatísticas da Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores do Estado do Paraná (Fenabrave-PR) e do Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná (Sincodiv PR).

Gráfico 5.10 – Produção industrial – Paraná

Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100



Fonte: IBGE

Tabela 5.10 – Produção industrial – Paraná

Geral e setores selecionados

Setores	Pesos ^{1/}	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	10,2	-4,0	5,2
Veículos automotores	20,1	16,4	3,3	28,5
Alimentos	20,0	0,7	2,1	0,2
Edição e impressão	13,2	133,9	-28,7	-13,1
Máquinas e equipamentos	9,7	-7,3	-5,4	-5,4
Refino de petróleo e álcool	7,8	7,8	0,9	11,1
Celulose e papel	7,4	-10,3	8,9	0,6

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade na indústria geral, conforme a PIM-PF/IBGE.

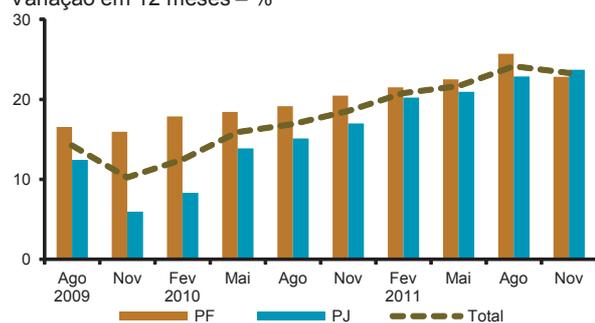
2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

A produção da indústria paranaense recuou 4% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, período em que se elevava 10,2%, em igual tipo de análise, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF do IBGE. Oito das catorze atividades pesquisadas registraram resultados negativos, especialmente edição e impressão, 28,7%, máquinas, aparelhos e materiais elétricos, 12,5%, e máquinas e equipamentos, 5,4%. Em oposição, ressaltou-se a elevação trimestral de 8,9% na indústria de celulose e papel. Considerados períodos de doze meses, a indústria cresceu 5,2% em novembro, em relação a igual período do ano anterior, ante 5,8% em agosto, destacando-se os aumentos nas indústrias de veículos automotores, 28,5%, e de refino de petróleo e álcool, 11,1%.

As vendas reais da indústria paranaense cresceram 0,2% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando haviam aumentado 2,7%, na mesma base de comparação, consideradas estatísticas da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep) dessazonalizadas pelo Banco Central. Destacaram-se os aumentos nos segmentos fabricação e montagem de veículos automotores, 6,4%, máquinas e equipamentos, 3,8%, e celulose, papel e produtos de papel, 2,9%. O Nuci da indústria paranaense atingiu 79,7% em novembro, 0,7 p.p. acima do registrado em agosto. Considerados intervalos de doze meses, as vendas reais elevaram-se 5,8% em novembro, em relação a igual período do ano anterior, com ênfase no crescimento de 11% nas relativas a coque, refino de petróleo e produção de álcool.

Gráfico 5.11 – Evolução do saldo das operações de crédito – Paraná^{1/}

Variação em 12 meses – %



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil realizadas no Paraná totalizou R\$119 bilhões em novembro, elevando-se 6,5% em relação a agosto e 23,3% em doze meses. Os empréstimos contratados no segmento de pessoas físicas somaram R\$54 bilhões, aumentando 5,4% no trimestre e 22,8% em doze meses, com ênfase no dinamismo das modalidades financiamentos rurais e agroindustriais de custeio e pré-custeio e financiamentos imobiliários. A carteira das pessoas jurídicas atingiu R\$65 bilhões, registrando variações respectivas de 7,4% e 23,7% nos períodos mencionados, ressaltando-se o desempenho dos empréstimos para capital de giro.

A taxa de inadimplência relativa a essas operações de crédito atingiu 2,78% em novembro, variando 0,12 p.p no trimestre e -0,03 p.p. em doze meses. A evolução trimestral decorreu de expansões de 0,24 p.p. no segmento de pessoas físicas e de 0,02 p.p. no relativo a pessoas jurídicas, nos quais as taxas situaram-se, na ordem, em 3,49% e 2,20%.

Tabela 5.11 – Produção agrícola – Paraná

Itens selecionados

Discriminação	Peso ^{1/}	Em mil toneladas		
		Produção ^{2/}		Variação %
		2010	2011	
Grãos	72,3	32 608	31 641	-3,0
Feijão	4,7	792	816	3,0
Milho	17,5	13 567	12 301	-9,3
Soja	38,7	14 092	15 438	9,6
Trigo	7,1	3 443	2 411	-30,0
Outras lavouras				
Cana-de-açúcar	8,9	48 360	50 620	4,7
Fumo	4,3	165	172	4,2
Mandioca	5,4	4 013	4 609	14,8

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2011.

A safra de grãos do Paraná, representando 19,7% do total do país, totalizou 31,6 milhões de toneladas em 2011, de acordo com o LSPA de dezembro do IBGE, recuando 3% no ano. O bom desempenho da safra de verão, que registrou produção recorde de soja, 15,4 milhões de toneladas, impulsionada pelo aumento de 7,2% na produtividade, não se repetiu nas culturas de inverno, sobretudo milho e trigo, que foram afetadas por estiagem seguida por geadas entre os meses de maio e junho. Assim, a produção anual de milho, mesmo com expansão de 10,5% na área plantada, recuou 9,3%, atingindo 12,3 milhões de toneladas. A produção de trigo decresceu 30%, totalizando 2,4 milhões de toneladas, resultado de recuos de 12% na área plantada e de 17,8% na produtividade.

O prognóstico inicial para a safra de verão de 2012, que previa estabilidade tanto na área plantada quanto na produção, foi reavaliado em janeiro de 2012 em função de perdas causadas pela escassez de chuvas no estado em novembro e dezembro. Assim, a produção de milho, que registrou expansão de 22% na área plantada, evidenciando as elevadas cotações do cereal na época do plantio, deverá totalizar 6 milhões de toneladas, recuando 19% em relação à previsão inicial. Adicionalmente, as produções de soja e de feijão, inicialmente estimadas em 14,1 milhões e em 430 mil toneladas, respectivamente, foram reavaliadas, na ordem, para 11,7 milhões e 344 mil toneladas.

O valor bruto da produção agrícola (VBP), estimado a partir do LSPA de dezembro e dos preços médios recebidos pelos produtores do Paraná em 2011, divulgados pelo Departamento de Economia Rural (Deral) da Seab, registrou aumento anual de 27,8%. O recuo observado na produção de grãos foi compensado pelo desempenho favorável dos preços dos produtos mais representativos na estrutura agrícola paranaense, milho e soja, cujas cotações médias registraram aumentos respectivos de 46,7% e 17,5% no ano.

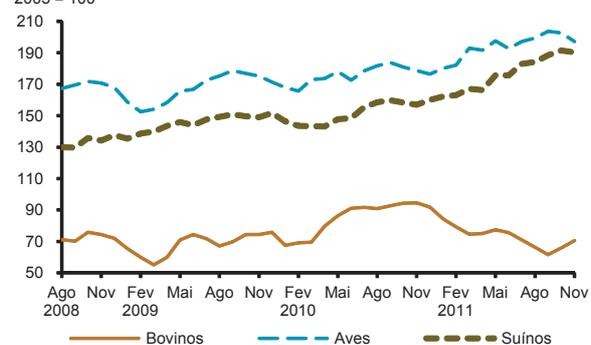
Os abates de bovinos, frangos e suínos, realizados em estabelecimentos fiscalizados pelo SIF, registraram variações respectivas de -16,4%, 10,9% e 18,3% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2010, com a participação do Paraná no total dos abates realizados no país atingindo, na ordem, 4,1%, 28,5% e 19,8%. De acordo com a Seab, os preços médios recebidos pelos produtores de bovinos, aves e suínos registraram variações anuais respectivas de 17,6%, 11,6% e -0,8%.

A balança comercial do estado registrou déficit de US\$1,4 bilhões em 2011, ante superávit de US\$219 milhões no ano anterior, reversão decorrente de elevações de 22,7%

Gráfico 5.12 – Abates de animais – Paraná

Média móvel trimestral

2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 5.12 – Exportação por fator agregado – FOB
Janeiro-Dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	14 176	17 394	22,7	26,8
Básicos	5 983	7 952	32,9	36,1
Industrializados	8 193	9 442	15,2	19,4
Semimanufaturados	1 800	2 411	33,9	27,7
Manufaturados ^{1/}	6 392	7 031	10,0	16,6

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.13 – Importação por categoria de uso – FOB
Janeiro-Dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Paraná		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	13 957	18 766	34,5	24,5
Bens de consumo	2 534	3 771	48,8	27,5
Duráveis	1 686	2 694	59,8	29,7
Não duráveis	848	1 076	26,9	24,4
Bens intermediários	6 474	8 793	35,8	21,6
Bens de capital	2 936	3 668	24,9	16,8
Combustíveis e lubrificantes	2 012	2 535	26,0	42,8

Fonte: MDIC/Secex

Tabela 5.14 – Evolução do emprego formal – Paraná
Novos postos de trabalho

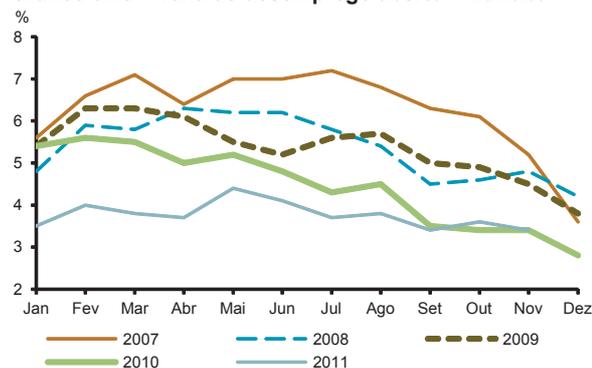
Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	39,2	2,9	51,6	29,9	30,4
Indústria de transformação	9,8	-1,8	15,3	7,5	1,5
Comércio	19,5	0,2	7,9	6,9	17,0
Serviços	12,4	7,7	16,5	11,9	12,2
Construção civil	0,5	1,3	5,1	2,8	0,6
Agropecuária	-3,0	-6,0	6,0	-0,3	-2,0
Serviços ind. de utilidade pública	0,0	0,7	0,2	0,4	0,5
Outros ^{2/}	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 5.13 – Taxa de desemprego aberto – Curitiba



Fonte: Iparades/IBGE

nas exportações e de 34,5% nas importações, que somaram, na ordem, US\$17,4 e US\$18,8 bilhões.

A evolução das exportações, refletindo variações de 18% nos preços e 3,9% no *quantum*, foi impulsionada, em grande parte, pelos crescimentos de 33,9% nos embarques de produtos semimanufaturados, em especial açúcar de cana, 33,3%, e óleo de soja, 59,4%; e de 32,9% nos relativos a produtos básicos, com destaque para soja, 42,4%, principal produto exportado pelo estado em 2011. As vendas para a China, Argentina, Alemanha, Países Baixos e Paraguai representaram, em conjunto, 41,8% das exportações do estado em 2011.

A expansão das importações decorreu de elevações de 16,7% no *quantum* e de 15,2% nos preços, com destaque para os aumentos nas compras de bens duráveis, 59,8%, e de bens intermediários, 35,8%, com destaque para as elevações anuais de 66,1% nas aquisições de automóveis de passageiros e de 50,6% nas associadas a partes e peças para veículos. As importações provenientes da China, Nigéria, Argentina, EUA e Alemanha corresponderam a 52,2% das compras externas do estado.

De acordo com o Caged/MTE, foram criados 30,4 mil postos de trabalho no Paraná no trimestre encerrado em novembro, ante 29,9 mil naquele finalizado em agosto e 39,2 mil em igual intervalo de 2010, dos quais 17 mil no comércio e 12,2 mil no setor de serviços. Considerados dados dessazonalizados, o nível de emprego formal do estado elevou-se 1% no trimestre, menor aumento desde o trimestre encerrado em agosto de 2009. Na Região Metropolitana de Curitiba (RMC) foram gerados 14,4 mil postos de trabalho no trimestre, dos quais 6,4 mil no setor de serviços, 5,2 mil no comércio e 2,2 mil na indústria de transformação.

A taxa de desemprego da RMC, divulgada na PME elaborada pelo Iparades em convênio com o IBGE atingiu 3,4% em novembro, recuando 0,4 p.p. em relação a agosto e mantendo-se estável relativamente a novembro de 2010. A redução trimestral decorreu de estabilidade na ocupação e redução de 0,4% na PEA. Os rendimentos médios reais habituais cresceram 5,4% no trimestre e 2,1% em doze meses. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego aumentou de 3,6%, em agosto, para 3,8%, em novembro.

O IPCA da RMC variou 1,27% no trimestre encerrado em dezembro, ante 1,33% naquele finalizado em setembro, resultado de aceleração, de 1,09% para 1,58%, nos preços livres e de desaceleração, de 1,96% para 0,47%,

nos monitorados, essa evidenciando recuos nos preços da gasolina e dos produtos farmacêuticos.

A trajetória dos preços livres traduziu os aumentos registrados nas variações dos preços dos bens comercializáveis, de 0,09% para 1,08%, ressaltando-se os relativos aos itens café, 7,26%, e carnes, 7,18%; e dos bens não comercializáveis, de 1,96% para 1,99%, sensibilizada pelos aumentos nos itens aluguel residencial, 3,32%, e refeição, 2,78%. O Índice de Difusão atingiu 55,1% no trimestre finalizado em dezembro, ante 52,7% naquele encerrado em setembro.

A variação do IPCA da RMC atingiu 7,13% em 2011, ante 6,71% no ano anterior. Observou-se aumento, de 2,14% para 7,26%, na variação dos preços monitorados, com ênfase nas elevações nos itens taxa de água e esgoto, 15,97%, e ônibus urbano, 12,81%; e retração, de 8,56% para 7,07%, na relativa aos preços livres, destacando-se as variações nos itens álcool, 20,3%, e refeição, 18,14%.

Embora a economia paranaense registrasse menor dinamismo nos meses finais de 2011, as perspectivas relacionadas à sua trajetória em 2012 seguem favoráveis, ancoradas na evolução dos mercados de trabalho e de crédito, que persistem sustentando o consumo das famílias, e na ampliação dos investimentos no estado. Vale ressaltar que as incertezas associadas à conjuntura internacional e a ocorrência de condições meteorológicas menos propícias à produção estadual de grãos poderão atuar como fatores de moderação ao ritmo de expansão da economia paranaense no curto prazo.

Tabela 5.15 – IPCA – RMC

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação %			
		2010	2011		Ano
		Ano	III Tri	IV Tri	
IPCA	100,0	6,71	1,33	1,27	7,13
Livres	72,0	8,56	1,09	1,58	7,07
Comercializáveis	32,8	9,44	0,09	1,08	3,41
Não comercializáveis	39,2	7,78	1,96	1,99	10,34
Monitorados	28,0	2,14	1,96	0,47	7,26
Principais itens					
Alimentação	22,1	13,14	1,11	3,11	8,96
Habitação	13,9	7,42	1,11	2,08	7,99
Artigos de residência	4,0	5,31	-0,54	-3,10	-1,35
Vestuário	6,5	12,35	-1,55	0,20	4,21
Transportes	21,2	-0,71	2,60	0,49	6,95
Saúde	9,9	6,26	1,97	1,07	6,84
Despesas pessoais	11,2	9,12	2,34	1,40	9,98
Educação	6,6	7,10	0,81	0,13	7,78
Comunicação	4,6	1,13	0,40	0,89	2,04

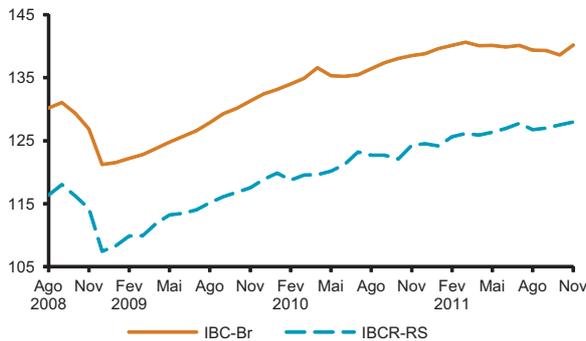
Fonte: IBGE

1/ Referente a dezembro de 2011.

Rio Grande do Sul

Gráfico 5.14 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil e Rio Grande do Sul

Dados dessazonalizados

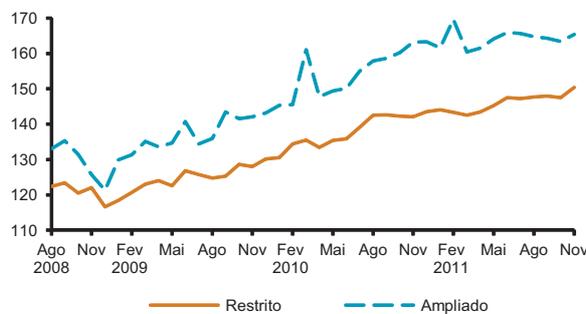


O PIB da economia gaúcha cresceu 5,7% em 2011, de acordo com a Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE), resultado de expansões de 18,8% na agropecuária, 5,2% no setor de serviços e 2,5% na indústria. Note-se que a taxa de crescimento do produto estadual deverá superar a do país, em função, especialmente, do desempenho da agropecuária, setor com participação maior no estado, 9,4%, do que na média brasileira, 4,9%. O nível de atividade estimado pelo IBCR-RS variou 0,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando havia aumentado 0,8%, considerados dados dessazonalizados. O indicador acumulou crescimento de 4,4% no período de doze meses terminado em novembro.

Gráfico 5.15 – Comércio varejista – RS

Dados dessazonalizados

2003 = 100



Fonte: IBGE

As vendas do comércio varejista cresceram 0,8% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando haviam aumentado 2,6%, no mesmo tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PMC do IBGE. Ocorreram aumentos nas vendas em todas as atividades consideradas na pesquisa, com ênfase nos relativos a equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação, 4,9%, e combustíveis, 2,3%. Incorporadas as retrações respectivas de 2,6% e 1,9% nas vendas de veículos, motos, partes e peças e de materiais de construção, o comércio ampliado recuou 0,7%, ante expansão de 2,1% no trimestre finalizado em agosto.

Tabela 5.16 – Comércio varejista – RS

Geral e setores selecionados

Discriminação	Variação % no período			
	2010	2011		
		Ago ^{1/}	Nov ^{1/}	12 meses
Comércio varejista	6,1	2,6	0,8	6,6
Combustíveis e lubrificantes	4,9	1,5	2,3	6,8
Híper e supermercados	4,6	1,3	0,5	1,6
Tecidos, vestuário e calçados	4,5	0,6	0,2	9,2
Móveis e eletrodomésticos	8,2	2,9	0,9	16,1
Comércio varejista ampliado	13,0	2,1	-0,7	7,1
Automóveis e motocicletas	7,9	2,7	-2,6	4,7
Material de construção	28,7	-4,0	-1,9	22,8

Fonte: IBGE

1/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Considerados intervalos de doze meses, o comércio varejista aumentou 6,6% em novembro, em relação a igual período do ano anterior, ante 8,4% em agosto, ressaltando-se o acréscimo de 16,1% nas vendas de móveis e eletrodomésticos. O comércio ampliado, evidenciando altas respectivas, de 22,8% e 4,7% nas vendas de materiais de construção e de veículos, variou 7,1% no período.

A Intenção de Consumo das Famílias (IFC), indicador divulgado pela Confederação Nacional do Comércio (CNC), destinado a avaliar a propensão a consumir das famílias, atingiu 114,4 pontos em dezembro, ante 125,6 pontos em novembro e 136,9 pontos no último mês de 2010. A proporção de famílias de Porto Alegre com contas em atraso atingiu 25% em dezembro, ante 17,4% em novembro e 30,2% em dezembro do ano anterior, segundo a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (Peic), divulgada pela Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul (Fecomércio-RS).

Gráfico 5.16 – Produção industrial – RS
Dados dessazonalizados – Média móvel trimestral
2002 = 100

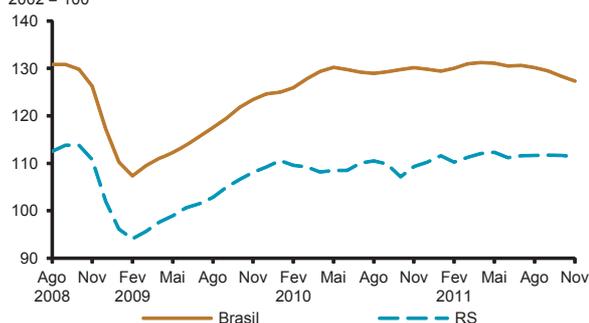


Tabela 5.17 – Produção industrial – Rio Grande do Sul
Geral e atividades selecionadas

Setores	Pesos ^{1/} 2011	Variação % no período		
		Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
Indústria geral	100,0	-0,6	-0,3	1,6
Alimentos	16,6	-4,2	2,1	4,6
Veículos automotores	11,1	-1,0	0,9	3,2
Refino de petróleo e álcool	11,0	-6,6	16,5	-3,6
Outros produtos químicos	11,0	-2,2	1,1	2,1
Máquinas e equipamentos	10,8	2,2	-5,0	9,0
Calçados e artigos de couro	8,2	-7,9	-8,2	-5,6
Produtos de metal – Exclusivo				
máquinas e equipamentos	5,5	0,6	-2,3	5,1
Celulose, papel e produtos de papel	4,8	10,1	-6,1	-5,2

Fonte: IBGE

1/ Ponderação da atividade conforme a PIM-PF/IBGE de novembro.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados.

Tabela 5.18 – Indicadores da produção industrial
Rio Grande do Sul

Discriminação	Variação %		
	2011		
	Ago ^{2/}	Nov ^{2/}	12 meses
IDI	-2,0	0,6	0,7
Compras industriais	-2,8	2,5	-2,4
Vendas industriais	-4,3	0,8	-0,9
Pessoal ocupado	0,1	0,0	2,0
Horas trabalhadas	-0,7	0,4	0,7
Nuci ^{1/}	82,8	81,9	83,1

Fonte: Fiergs

1/ Percentual médio de utilização.

2/ Variação relativa aos trimestres encerrados nos períodos t e t-3. Dados dessazonalizados pelo Banco Central.

A produção da indústria gaúcha recuou 0,3% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando declinara 0,6%, neste tipo de comparação, de acordo com dados dessazonalizados da PIM-PF Regional do IBGE. Das catorze atividades incluídas na pesquisa, oito registraram resultados negativos no período, destacando-se os relativos a calçados e artigos de couro, 8,2%, celulose, papel e produtos de papel, 6,1%, e máquinas e equipamentos, 5%. Considerados períodos de doze meses, a indústria do estado cresceu 1,6% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, mantendo tendência de desaceleração nesse tipo de comparação, mas situando-se acima do registrado no indicador nacional, que aumentou 0,6% no período.

A produtividade da indústria, definida como a relação entre a produção física e o número de horas pagas, decresceu 0,1% no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, quando registrara igual declínio nesse tipo de análise, segundo dados dessazonalizados do IBGE. Considerados períodos de doze meses, o indicador recuou 0,1% em novembro, em relação a igual intervalo de 2010, ante retração de 1,2% em agosto.

O Índice de Desempenho Industrial (IDI), divulgado pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), cresceu 0,6% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao terminado em agosto, quando recuara 2%, na mesma base de comparação, considerados dados dessazonalizados. O resultado decorreu de expansões respectivas de 2,5%, 0,8% e 0,4% nas compras e vendas industriais e nas horas trabalhadas. Considerados períodos de doze meses, o IDI elevou-se 0,7% em novembro, ante 2,5% em agosto

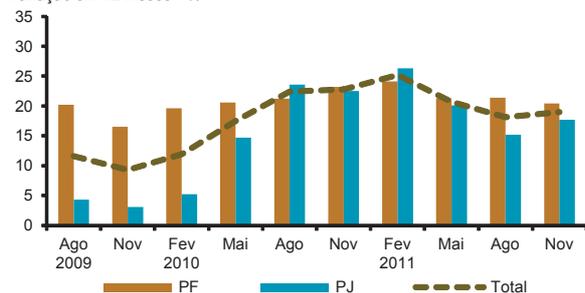
O Icel, divulgado pela Fiergs, atingiu 51,2 pontos em novembro, variando 0,4% no mês e -11,2% em doze meses. O resultado mensal traduziu a elevação de 1,7 ponto no Índice das Condições Atuais e o recuo de 0,5 ponto no componente que avalia as expectativas. Considerando-se comparações interanuais, ocorreram recuos respectivos de 7,2 e 6,2 pontos nos indicadores mencionados.

A taxa de velocidade das vendas de imóveis novos em Porto Alegre⁶ atingiu 8,1% em novembro, ante 10,3% em igual mês de 2010, conforme a Pesquisa do Mercado Imobiliário de Porto Alegre, realizada pelo Sindicato das Indústrias da Construção Civil do Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS). Considerando-se a média dos últimos doze meses, a taxa atingiu 10% em novembro, ante 9,8% em agosto.

6/ Corresponde à relação entre as vendas e as ofertas de imóveis novos.

Gráfico 5.17 – Evolução do saldo das operações de crédito – RS ^{1/}

Variação em 12 meses - %



1/ Operações com saldo superior a R\$ 5 mil.

O saldo das operações de crédito superiores a R\$5 mil contratadas no estado atingiu R\$118,8 bilhões em novembro, elevando-se 6,3% no trimestre e 19% em doze meses. Estas operações totalizaram R\$58 bilhões no segmento de pessoas físicas, crescendo 6,7% e 20,4%, respectivamente, nas bases de comparação mencionadas, com ênfase no dinamismo das modalidades financiamentos imobiliários e financiamentos rurais e agroindustriais de custeio e pré-custeio. A carteira de pessoas jurídicas totalizou R\$60,7 bilhões, aumentando 5,9% no trimestre e 17,7% em doze meses, destacando-se a evolução dos financiamentos direcionados ao comércio atacadista, exceto veículos automotores e motocicletas.

A inadimplência das operações de crédito atingiu 2,6% em novembro, ante 2,5% em agosto, totalizando 3,2% no segmento de pessoas físicas e 2% no de pessoas jurídicas.

A safra de grãos do estado, representando 18,7% da produção nacional, elevou-se 17,4% no ano, atingindo o recorde de 29,6 milhões de toneladas, de acordo com o LSPA realizado pelo IBGE em dezembro. Destacaram-se os aumentos nas produções de arroz, 29,2%, soja, 13,7%, e trigo, 38,8%, enquanto no âmbito das demais culturas vale ressaltar as elevações nas lavouras de fumo, 45%, uva, 19,8%, e maçã, 18%.

Tabela 5.19 – Produção agrícola – Rio Grande do Sul

Itens selecionados

Discriminação	Pesos ^{1/}	Produção ^{2/}		Variação %
		2011	2010	
Em mil toneladas				
Grãos	69,7	29 613	25 216	17,4
Soja	34,0	11 621	10 219	13,7
Arroz (em casca)	20,7	8 942	6 920	29,2
Milho	9,2	5 776	5 596	3,2
Trigo	4,4	2 742	1 975	38,8
Outras lavouras				
Fumo	10,7	497	343	45,0
Mandioca	5,3	1 305	1 314	-0,7
Uva	2,5	830	693	19,8
Maçã	1,9	634	537	18,0

Fonte: IBGE

1/ Por valor da produção – PAM 2010.

2/ Estimativa segundo o LSPA de dezembro de 2011.

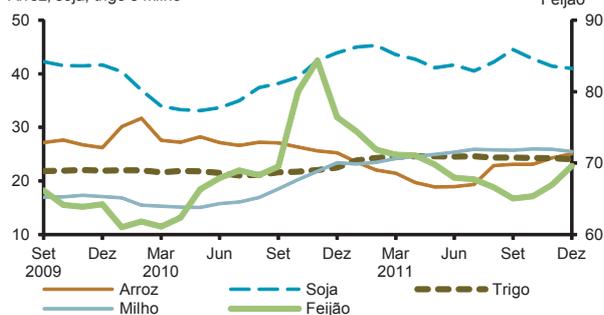
O terceiro prognóstico da produção agrícola para 2012, divulgado pelo IBGE em janeiro, estima recuo anual de 3,3 milhões de toneladas para a safra do estado, resultado do impacto de redução na área plantada de arroz e feijão e da estiagem que afeta o estado desde setembro de 2011.

As produções de carnes de bovinos, suínos e de aves registraram variações respectivas de -6,2%, 2,4% e 3,4% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2010, de acordo com o Mapa, enquanto as respectivas quantidades exportadas apresentaram recuos de 25,9%, 21,7% e 7,3%, conforme o MDIC. No mesmo período, apesar da redução registrada nos últimos meses, ocorreram aumentos respectivos de 19,7%, 1,5% e 10,8% nas cotações médias dessas carnes, segundo a Emater/RS e o Iepe.

Os preços médios do leite aumentaram 13,2% nos onze primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2010, conforme a Emater/RS. De acordo com o IBGE, a produção de leite no estado, que representa cerca de 15% do total nacional, aumentou 5,2% nos nove primeiros meses do ano, em relação a igual período de 2010, ante crescimento de 3,2% no país.

Gráfico 5.18 – Preços médios mensais pagos ao produtor – Rio Grande do Sul (R\$/saca)

Arroz, soja, trigo e milho



Fonte: Emater

Tabela 5.20 – Indicadores da pecuária – Rio Grande do Sul
 Novembro de 2011

Discriminação	Produção	Variação % no ano	
		Exportações (kg)	Preços (R\$)
Abates ^{1/}			
Bovinos	-6,2	-25,9	19,7
Suínos	2,4	-21,7	1,5
Aves ^{2/}	3,4	-7,3	10,8
Leite ^{3/}	5,2 ^{4/}	-	13,2

Fontes: AGL, Emater/RS, IBGE, Iepe, Mapa e MDIC

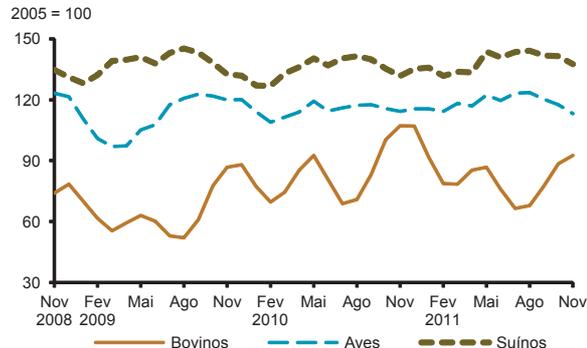
1/ Número de animais.

2/ Os preços correspondem aos praticados no varejo.

3/ Litros.

4/ Até setembro.

Gráfico 5.19 – Abates de animais – Rio Grande do Sul
 Média móvel trimestral
 2005 = 100



Fonte: Mapa

Tabela 5.21 – Exportação por fator agregado – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	15 379	19 427	26,3	26,8
Básicos	6 861	9 274	35,2	36,1
Industrializados	8 518	10 153	19,2	19,1
Semimanufaturados	1 290	1 667	29,2	27,7
Manufaturados ^{1/}	7 228	8 486	17,4	16,0

Fonte: MDIC/Secex

1/ Inclui operações especiais.

Tabela 5.22 – Importação por categoria de uso – FOB

Janeiro-dezembro

Discriminação	US\$ milhões			
	Rio Grande do Sul		Brasil	
	2010	2011	Var. %	Var. %
Total	13 279	15 662	18,0	24,5
Bens de capital	2 174	2 586	18,9	16,8
Matérias-primas	6 320	8 036	27,1	21,5
Bens de consumo	1 882	2 136	13,5	27,5
Duráveis	1 482	1 720	16,0	29,7
Não duráveis	400	416	4,0	24,4
Combustíveis e lubrificantes	2 903	2 904	0,0	42,8

Fonte: MDIC/Secex

A balança comercial do estado registrou superávit de US\$3,8 bilhões no ano, ante US\$2,1 bilhões em 2010, de acordo com o MDIC. As exportações somaram US\$19,4 bilhões e as importações, US\$15,7 bilhões, assinalando variações respectivas de 26,3% e 18% no período.

A trajetória das vendas externas, evidenciando variações de 11,9% nos preços e de 12,6% no *quantum*, refletiu o aumento de 35,2% nas exportações de produtos básicos, que, representando 47,7% da pauta do estado, foram sensibilizadas pela expansão de 66,1% nos embarques de soja. As exportações de produtos manufaturados, responsáveis por 43,7% das vendas estaduais, aumentaram 17,4%, destacando-se a elevação de 18,5% nas relativas a polímeros de etileno. Os embarques de semimanufaturados, com ênfase nas expansões de 52,5% nos associados a óleo de soja e 7,2% em couros e peles, cresceram 29,2% no período. As exportações gaúchas direcionadas à China, Argentina e EUA representaram, em conjunto, 34,7% das vendas externas do estado.

O desempenho das importações, decorrente de variações de -8% no *quantum* e de 28,1% nos preços, foi impulsionado pelo crescimento de 27,1% nas aquisições de matérias-primas e produtos intermediários, que, representando 51,3% do total importado no período, foram impactadas pela expansão de 35,8% nas compras de naftas para petroquímica. As compras de bens de capital e de bens de consumo apresentaram variações respectivas de 18,9% e 13,5% no período, com destaque para os aumentos nas compras de automóveis de passageiros, 14,1%, e de veículos de carga, 8,4%. As importações originárias da Argentina, Nigéria e Argélia totalizaram 49,9% das compras externas do estado no período.

A economia do estado gerou, de acordo com o Caged/MTE, 35,9 mil empregos formais no trimestre encerrado em novembro, ante 47,5 mil naquele terminado em agosto e 51,5 mil em igual período de 2010. Foram criadas 15,9 mil vagas no comércio e 12,8 mil no setor de serviços, evolução decorrente de fatores sazonais associados às festas de final de ano, contrastando com a eliminação de 812 postos na indústria de transformação. O nível de emprego formal cresceu 0,7% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando crescera 1,3% no mesmo tipo de comparação, considerados dados dessazonalizados.

A taxa de desemprego da região metropolitana de Porto Alegre (RMPA) atingiu 3,6% em novembro, ante 5,2%

Tabela 5.23 – Evolução do emprego formal – RS

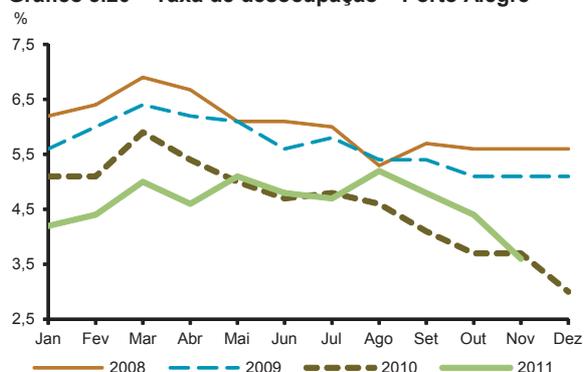
Novos postos de trabalho

Discriminação	Acumulado no trimestre (em mil) ^{1/}				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Total	51,5	19,4	40,9	17,1	35,9
Indústria de transformação	7,7	6,0	18,2	-1,7	-0,8
Comércio	21,8	2,6	8,2	5,2	15,9
Serviços	15,5	8,3	16,9	10,5	12,8
Construção civil	0,7	0,0	3,4	2,9	3,1
Agropecuária	5,4	3,2	-6,4	-0,2	5,0
Serviços ind. de utilidade pública	0,1	0,2	0,2	0,2	0,0
Outros ^{2/}	0,4	-0,9	0,4	0,2	0,0

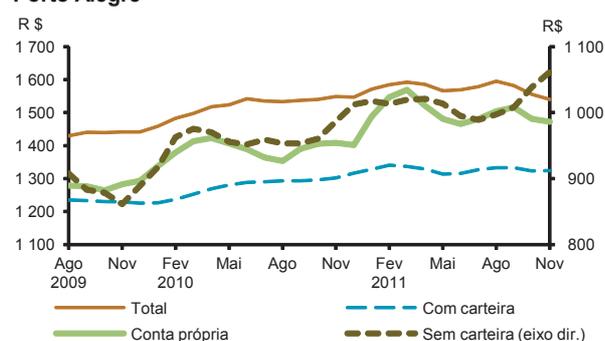
Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês assinalado.

2/ Inclui extrativa mineral, administração pública e outras.

Gráfico 5.20 – Taxa de desocupação – Porto Alegre

Fonte: IBGE

Gráfico 5.21 – Rendimento médio real habitual^{1/} – Porto Alegre

Fonte: IBGE

1/ Média móvel trimestral, a preços de novembro/2011, corrigidos pelo INPC.

em agosto e 3,7% em igual mês de 2010, de acordo com a PME do IBGE. A variação anual derivou de aumentos na população ocupada, 0,8%, e na PEA, 0,7%. Considerados dados dessazonalizados, a taxa de desemprego atingiu 3,9% em novembro, ante 5% em agosto, reflexo de variações de 0,5% na população ocupada e de -0,5% na PEA. O rendimento médio real habitual e a massa salarial real registraram recuos respectivos de 3,5% e 2,6% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto.

O IPCA da RMPA variou 1,76% no trimestre finalizado em dezembro, ante 0,85% naquele encerrado em setembro, resultado de acelerações nos preços livres, de 0,94% para 1,68%, e nos preços monitorados, de 0,60% para 1,99%, destes derivada, principalmente, dos reajustes nos itens energia elétrica residencial, 2,76%, e gasolina, 4,85%.

O comportamento dos preços livres decorreu de aumentos nas variações dos preços dos bens comercializáveis, de 0,57% para 1,62%, com ênfase nas elevações nos itens carnes, 3,72%, e vestuário, 3,88%, e dos preços dos bens não comercializáveis, de 1,28% para 1,73%, ressaltando-se o impacto de 0,32 p.p. para a variação total do IPCA no trimestre, exercido pelo aumento de 4,08% no item alimentação fora do domicílio. O índice de difusão atingiu 59,9% no trimestre finalizado em dezembro, ante 54,7% naquele encerrado em setembro.

O IPCA da RMPA registrou variação de 6,53% em 2011, ante 5,14% no ano anterior, reflexo de acelerações nos preços livres, de 6,11% para 6,45%, e especialmente nos preços monitorados, de 2,45% para 6,70%, a destes influenciada pelos reajustes nos itens ônibus urbano, 10,21%, gasolina, 7,86%, e energia elétrica residencial, 7,37%.

A trajetória dos preços livres evidenciou, em especial, o aumento, de 5,98% para 7,96%, na variação dos bens não comercializáveis, com ênfase na elevação de 12,7% no item alimentação fora do domicílio. Em oposição, a variação dos preços dos bens comercializáveis recuou de 6,25% para 4,84%, destacando-se a menor variação nos preços dos alimentos, especialmente carnes.

A evolução dos principais indicadores da economia gaúcha sugere moderação da atividade do estado nos primeiros meses de 2012, consequência especialmente da expectativa de quebra da safra das principais culturas, conforme prognóstico do IBGE. Remanescem, entretanto, os impactos positivos do dinamismo do mercado interno, expresso em continuidade da expansão do emprego e do

Tabela 5.24 – IPCA – RMPA

Discriminação	Pesos ^{1/}	Variação % período			
		2010	2011		
		Ano	III Tri	IV Tri	Ano
IPCA	100,0	5,14	0,85	1,76	6,53
Livres	73,9	6,11	0,94	1,68	6,45
Comercializáveis	35,3	6,25	0,57	1,62	4,84
Não comercializáveis	38,6	5,98	1,28	1,73	7,96
Monitorados	26,1	2,45	0,60	1,99	6,70
Principais itens					
Alimentação	23,8	7,53	0,95	2,19	7,73
Habitação	14,3	3,13	0,96	1,96	7,48
Artigos de residência	4,3	3,93	0,06	-0,31	0,54
Vestuário	7,6	6,54	1,24	3,88	8,14
Transportes	17,1	3,63	0,62	1,65	5,26
Saúde	10,5	4,25	1,50	1,49	6,37
Despesas pessoais	11,4	7,13	0,72	1,65	7,44
Educação	6,6	5,54	1,05	0,32	8,13
Comunicação	4,4	1,12	-0,33	0,87	1,42

Fonte: IBGE

^{1/} Referente a dezembro de 2011.

crédito, e dos investimentos governamentais. Vale ressaltar que eventual agravamento do cenário externo poderá se constituir em fator determinante para maior moderação no ritmo da atividade no estado.

6

Inferências nacionais a partir dos indicadores regionais

Tabela 6.1 – Índice de Atividade Econômica do Banco Central
Brasil e regiões^{1/}

Discriminação	%				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Brasil	1,7	1,1	0,5	-0,4	-0,3
Norte	0,6	1,8	1,1	1,6	0,7
Nordeste	1,3	0,7	2,2	0,6	0,3
Sudeste	1,5	1,0	1,3	0,0	-0,2
Sul	0,9	1,1	0,2	2,2	0,6
Centro-Oeste	2,0	0,7	0,3	2,2	1,0

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

O resultado nacional não representa necessariamente a média dos resultados regionais.

Tabela 6.2 – Índice de volume de vendas
Brasil e regiões^{1/}

Discriminação	Variação percentual				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Comércio varejista					
Brasil	2,3	1,3	1,5	1,4	1,1
Norte	4,1	1,5	1,0	1,8	0,5
Nordeste	3,3	1,2	2,5	1,1	0,0
Sudeste	2,0	1,7	1,9	0,8	1,4
Sul	1,8	0,1	1,1	0,9	0,6
Centro-Oeste	2,2	1,9	0,0	1,2	1,2
Comércio ampliado					
Brasil	3,8	1,7	1,6	0,2	-0,2
Norte	3,5	1,9	-3,0	3,7	-0,4
Nordeste	5,4	1,0	1,1	0,6	-0,4
Sudeste	4,4	0,2	2,1	0,2	0,6
Sul	3,5	1,5	1,7	1,5	-0,7
Centro-Oeste	5,9	1,7	-0,1	0,1	-0,2

Fonte: IBGE e BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

A atividade econômica arrefeceu no segundo semestre de 2011, trajetória disseminada em diferentes setores da economia, nas distintas regiões geográficas do país. Esse movimento, em cenário de agravamento do ambiente econômico internacional e de ajuste de estoques em segmentos importantes da indústria, está evidenciado na evolução de importantes indicadores econômicos.

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil (IBC-Br) recuou 0,3% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, quando decrescera 0,4%, nesse tipo de análise, considerados dados dessazonalizados (Tabela 6.1). Ocorreram reduções nas taxas de crescimento do indicador em todas as regiões do país, ressaltando-se as observadas na região Nordeste, de 2,4% para 0,3%, na Centro-Oeste, de 2,2% para 1%, e na Sul, de 2,2% para 0,6%.

As vendas varejistas, embora assinalando moderação na margem, persistem sustentando a atividade econômica. O comércio varejista cresceu 1,1% no país no trimestre encerrado em novembro, em relação ao finalizado em agosto, período em que havia expandido 1,4%, na mesma base de comparação (Tabela 6.2). Ocorreram estabilidade na taxa no Centro-Oeste, elevação de 0,6 p.p. na região Sudeste e reduções nas demais regiões.

As operações de crédito superiores a R\$5 mil registraram aumento trimestral de 5,6% em novembro, no país, reflexo de elevações de 5,4% no segmento de pessoas físicas e de 5,7% no relativo a pessoas jurídicas, conforme a Tabela 6.3. O estoque de crédito cresceu 19,4% no período de doze meses finalizado em novembro, ocorrendo aumentos respectivos de 22,4% e 17,4% nos segmentos de pessoas físicas e de pessoas jurídicas.

A análise regional revela que as elevações mais representativas em doze meses ocorreram na região Nordeste, 23,6%, e na Norte, 22,4%, destacando-se os

Tabela 6.3 – Operações de crédito do SFN^{1/}

Novembro de 2011

Discriminação	R\$ bilhões								
	Saldo			Variação percentual (%)					
	PJ	PF	Total	Trimestre			12 meses		
			PJ	PF	Total	PJ	PF	Total	
Brasil	1 044	718	1 762	5,7	5,4	5,6	17,4	22,4	19,4
Norte	34	33	67	9,0	4,1	6,5	22,2	22,7	22,4
Nordeste	122	96	218	6,7	5,4	6,1	22,6	25,0	23,6
Sudeste	638	352	990	5,2	5,2	5,2	14,9	22,6	17,5
Sul	179	147	326	6,4	5,9	6,2	20,4	21,3	20,8
Centro-Oeste	72	90	162	5,4	5,8	5,6	22,1	21,0	21,5

1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Tabela 6.4 – Inadimplência do crédito do SFN^{1/}

Novembro de 2011

Discriminação	Inadimplência			Variação em p.p.					
	PJ	PF	Total	Trimestre			12 meses		
				PJ	PF	Total	PJ	PF	Total
Brasil	2,0	4,2	2,9	0,1	0,3	0,2	0,2	0,2	0,2
Norte	2,2	5,4	3,7	-0,1	0,5	0,1	-0,6	0,4	-0,2
Nordeste	2,1	5,5	3,6	0,0	0,4	0,2	0,2	0,3	0,2
Sudeste	1,9	4,2	2,7	0,2	0,3	0,2	0,3	0,2	0,3
Sul	2,1	3,5	2,7	-0,0	0,3	0,1	0,2	0,1	0,1
Centro-Oeste	2,2	4,0	3,2	0,1	0,2	0,2	0,0	-0,2	-0,1

1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil com pelo menos uma parcela em atraso superior a 90 dias.

Tabela 6.5 – Produção física da indústriaBrasil e regiões^{1/}

Discriminação	Peso ^{2/}	%				
		2010		2011		
		Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Brasil	100,0	0,9	-0,1	0,9	-0,7	-2,2
Norte	5,9	-1,4	3,2	1,1	2,0	0,8
Nordeste	9,5	-2,3	-3,9	3,2	-0,8	-1,3
Sudeste	62,7	1,5	-0,8	1,9	-1,1	-3,4
Sul	18,5	-0,8	0,7	-0,5	4,2	-1,5
Centro-Oeste	3,5	6,0	-2,7	3,0	8,0	1,2

Fonte: IBGE e BCB

1/ Variação do trimestre em relação ao anterior; séries com ajuste sazonal.

2/ Participação no Valor da Transformação Industrial (VTI) em 2007.

Tabela 6.6 – Geração de postos de trabalho^{1/}

Discriminação	Mil				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Brasil	589,9	25,4	617,0	546,4	378,0
Norte	23,4	-1,5	17,0	39,7	27,4
Nordeste	196,4	-28,9	-1,9	127,0	139,4
Sudeste	230,9	8,5	440,1	268,4	118,2
Sul	131,5	32,8	108,1	60,6	101,8
Centro-Oeste	7,8	14,5	53,6	50,7	-8,9

Fonte: MTE

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês indicado.

acréscimos nos saldos das modalidades empréstimos consignados e financiamento habitacional, no segmento de pessoas físicas, e de capital de giro e conta garantida, no segmento empresarial. Na região Sudeste, responsável por cerca de 56,2% do total de crédito no país, o aumento totalizou 17,5%, o menos acentuado entre as regiões.

A inadimplência das operações de crédito superiores a R\$5 mil registrou aumento na margem em todas as regiões do país, de acordo com a Tabela 6.4. Na comparação em doze meses, o aumento mais expressivo ocorreu na região Sudeste, 0,3 p.p., contrastando com os recuos na Norte, 0,2 p.p., e na Centro-Oeste, 0,1 p.p.

A produção industrial do país decresceu 2,2% no trimestre finalizado em novembro, em relação ao encerrado em agosto, período em que registrara recuo trimestral de 0,7%, conforme observado na Tabela 6.5. Esse movimento refletiu o recuo nas taxas relativas a todas as regiões do país, ressaltando-se a reversão, de 4,2% para -1,5% observada na região Sul e a redução, de 8,0% para 1,2%, na taxa de crescimento da indústria da região Centro-Oeste.

O mercado de trabalho formal apresentou menor dinamismo no trimestre encerrado em novembro, tanto na margem quanto na análise interanual, evolução compatível com a moderação da atividade na economia brasileira. Consideradas estatísticas do Caged/MTE, foram gerados 378,0 mil postos de trabalho no país no trimestre considerado, ante 589,9 mil em igual período do ano anterior, destacando-se o aumento de 139,4 mil vagas na região Nordeste.

A taxa de desemprego persiste registrando tendência declinante, atingindo 5,7% no trimestre encerrado em novembro, ante 6,1% naquele finalizado em agosto e 6,0% no período correspondente de 2010, conforme a PME divulgada pelo IBGE (Tabela 6.7). O recuo interanual decorreu de reduções de 1,6 p.p. na região Nordeste, e de 0,1 p.p. na Sul e na Sudeste.

O saldo da balança comercial, refletindo, em especial, os aumentos nos preços das exportações, registrou aumento anual expressivo em 2011. O superávit comercial médio diário atingiu US\$118,7 milhões no ano, ante US\$80,3 em 2010, conforme a Tabela 6.9. Destacaram-se, no período, a elevação de 55,9% no superávit diário da região Sudeste, que representou 70,5% do resultado anual do país, e o aumento de 211,8% no déficit da Nordeste.

Tabela 6.7 – Taxa de desemprego

Discriminação ^{1/}	%				
	2010		2011		
	Nov	Fev	Mai	Ago	Nov
Brasil	6,0	5,9	6,4	6,1	5,7
Nordeste	9,2	8,7	9,0	8,1	7,6
Sudeste	5,6	5,6	6,1	5,8	5,5
Sul	3,6	3,7	4,5	4,4	3,5

Fonte: IBGE

1/ Média do trimestre encerrado no mês.

Tabela 6.8 – Balança comercial regional – FOB

Média diária – Janeiro-dezembro

Região	US\$ milhões					
	Exportações		Importações		Saldo	
	2010	2011	2010	2011	2010	2011
Total	804,4	1 020,1	724,2	901,4	80,3	118,7
Norte	60,2	83,1	50,7	58,7	9,5	24,4
Nordeste	63,2	75,0	70,1	96,2	-6,8	-21,2
Sudeste	460,1	581,3	406,4	497,6	53,7	83,7
Sul	148,0	182,8	156,2	196,3	-8,2	-13,6
Centro-Oeste	62,2	82,9	40,3	51,9	21,9	31,0
Outros ^{1/}	10,7	15,0	0,4	0,6	10,3	14,4

Fonte: MDIC/Secex

1/ Refere-se a operações não classificadas regionalmente.

Tabela 6.9 – IPCAVariação trimestral^{1/}

Discriminação	Peso	%				
		2010		2011		
		Dez	Mar	Jun	Set	Dez
IPCA						
Brasil	100,0	2,23	2,44	1,40	1,06	1,46
Norte	4,2	2,77	1,67	1,19	0,50	1,29
Nordeste	14,8	2,49	2,15	1,32	1,12	1,63
Sudeste	57,6	2,13	2,61	1,41	1,04	1,36
Sul	16,3	2,09	2,39	1,65	1,07	1,54
Centro-Oeste	7,1	2,48	2,32	1,07	1,36	1,67
Livres						
Brasil		2,79	2,42	1,27	1,11	1,68
Norte		3,50	2,40	0,54	0,66	1,75
Nordeste		3,08	2,12	1,27	1,08	2,02
Sudeste		2,68	2,55	1,25	1,14	1,55
Sul		2,67	2,28	1,59	1,06	1,61
Centro-Oeste		2,77	2,36	1,03	1,40	1,90
Monitorados						
Brasil		0,89	2,48	1,72	0,94	0,92
Norte		0,72	-0,44	3,10	0,05	-0,03
Nordeste		1,04	2,20	1,44	1,20	0,66
Sudeste		0,86	2,74	1,75	0,83	0,93
Sul		0,54	2,69	1,79	1,13	1,35
Centro-Oeste		1,78	2,23	1,15	1,28	1,26

Fonte: IBGE e BCB

1/ Refere-se ao trimestre encerrado no mês indicado.

A aceleração dos índices de preços ao consumidor registrada no trimestre encerrado em dezembro, em relação ao finalizado em setembro, tem caráter sazonal e traduziu, em especial, a evolução dos preços livres, sensibilizada por aumentos em itens do grupo de bens não comercializáveis, com ênfase nas elevações nas variações dos índices relativos à região Norte e à Nordeste. Os preços monitorados mantiveram-se relativamente estáveis no trimestre.

O Desempenho das Exportações Brasileiras de *Commodities*: uma perspectiva regional (2006-2011)

Este boxe avalia o desempenho das exportações de minério de ferro, petróleo em bruto, complexo soja, complexo carnes, açúcar em bruto e café em grãos, com ênfase em sua contribuição para o comércio externo das distintas regiões geográficas do país.

As exportações brasileiras apresentaram crescimento contínuo e expressivo nos últimos anos (a exceção foi 2009, em razão da crise financeira internacional). Esse movimento, favorecido, sobretudo, pela elevação dos preços das principais *commodities* negociadas pelo país no mercado internacional, traduziu-se em aumento persistente na participação de produtos básicos na pauta exportadora brasileira. De 2006 a 2011, a participação dos seis principais grupos de *commodities* exportadas no total das vendas externas cresceu de 28,4% para 47,1% (Tabela 1), contribuindo para que se observassem elevados superávits comerciais.

Tabela 1 – Exportações – Brasil

Discriminação	US\$ milhões					
	2006	2007	2008	2009	2010	2011
Minério de ferro	8 949	10 558	16 538	13 247	28 911	41 817
Petróleo bruto	6 894	8 905	13 556	9 152	16 151	21 567
Complexo soja	8 901	10 887	17 299	17 056	16 945	23 882
Complexo carnes	7 044	8 867	11 178	8 924	10 885	12 519
Açúcar em bruto	3 936	3 130	3 650	5 979	9 307	11 549
Café em grãos	2 892	3 351	4 108	3 745	5 181	7 597
Subtotal (A)	38 616	45 697	66 329	58 104	87 381	118 931
Exportações totais ^{1/} (B)	135 923	158 700	195 767	150 782	199 377	252 276
(A)/(B)	28,4%	28,8%	33,9%	38,5%	43,8%	47,1%

Fonte: Secex

1/ FOB, exceto reexportação, consumo de bordo e provisões.

Tabela 2 – Exportações – Brasil

Exportações	Variação % 2011/2006		
	Valor	Quantidade	Preço
Por valor agregado			
Básicos ^{1/}	204,0	33,1	128,4
Semimanufaturados ^{1/}	84,5	6,8	72,8
Manufaturados ^{1/}	23,0	-16,2	46,8
Principais produtos			
Minério de ferro	367,3	36,4	242,6
Petróleo bruto	212,8	62,6	92,4
Complexo soja	168,3	25,5	113,8
grãos	188,5	32,3	118,1
farelo	135,6	16,4	102,3
óleo	125,7	-8,5	146,8
Complexo carnes	77,7	12,3	58,2
frango	141,9	38,0	75,2
bovino	33,0	-33,1	98,7
suíno	29,9	-9,9	44,2
Açúcar em bruto	193,4	57,4	86,5
Café em grãos	162,7	16,3	126,0
Total ^{1/}	85,8	3,5	79,5

Fontes: Secex e Funcex

1/ Foram utilizadas as variações dos índices de preço e *quantum* da Funcex.

No período analisado, as exportações totais cresceram 85,8%, enquanto os embarques desse grupo de *commodities* experimentaram aumentos significativamente mais acentuados, influenciadas principalmente pelo aumento dos preços médios desses produtos no mercado internacional, exceção feita a 2009 (Tabela 2).

Minério de ferro

As exportações de minério de ferro totalizaram US\$41,8 bilhões em 2011, 367,3% superiores ao total de 2006, devido ao crescimento de 36,4% do volume exportado e de 242,6% do preço médio (Tabela 3). A participação nas exportações totais do país passou de 6,6% em 2006 para 16,6% em 2011, tornando o principal produto da pauta exportadora do país.

A região Norte foi a maior beneficiada em termos relativos, considerando que a sua participação nas exportações do produto passou de 22,3% para 29,5% (4,9% de participação nas exportações totais do país, ante 1,5% em 2006), com aumento de 518,7% no montante exportado. A região Sudeste, principal região exportadora de minério de ferro, teve sua participação reduzida de 73,8% para 67,1% (11,1% do total das exportações

Tabela 3 – Exportações de minério de ferro

Regiões	2006				2011				Variação %		
	Toneladas		Participação nas exportações		Toneladas		Participação nas exportações		Toneladas	US\$	
	(mil)	US\$ (milhões)	Do produto	Totais do país	(mil)	US\$ (milhões)	Do produto	Totais do país	(mil)	(milhões)	
NO	70 745	1 992	22,3	1,5	102 686	12 325	29,5	4,9	45,1	518,7	
PA	70 656	1 989	22,2	1,5	97 197	11 771	28,1	4,7	37,6	491,7	
AP	89	3	0,0	0,0	5 489	555	1,3	0,2	6 064,9	20 851,3	
NE	4 240	256	2,9	0,2	5 140	856	2,0	0,3	21,2	234,6	
MA	4 165	252	2,8	0,2	4 901	833	2,0	0,3	17,7	230,7	
Outros	75	4	0,0	0,0	238	24	0,1	0,0	216,4	470,5	
CO	2 811	94	1,1	0,1	5 361	575	1,4	0,2	90,7	508,4	
MS	2 811	94	1,1	0,1	5 361	575	1,4	0,2	90,7	508,4	
SE	164 731	6 607	73,8	4,9	217 644	28 061	67,1	11,1	32,1	324,7	
MG	122 000	3 617	40,4	2,7	169 532	19 454	46,5	7,7	39,0	437,8	
ES	42 731	2 989	33,4	2,2	48 112	8 608	20,6	3,4	12,6	187,9	
Brasil	242 527	8 949	100,0	6,6	330 830	41 817	100,0	16,6	36,4	367,3	
Preço médio: US\$36,9				Preço médio: US\$126,4				Var. % preço médio: 242,6			

Fonte: Secex

do país, ante 4,9% em 2006), no período analisado, com aumento de 324,7% no valor exportado,

Petróleo em bruto

As exportações brasileiras de petróleo somaram US\$21,6 bilhões em 2011, 212,8% maiores que 2006, com aumentos de 62,6% no volume exportado e de 92,4% no preço médio, conforme a Tabela 4. A região Sudeste responde praticamente pela totalidade das exportações do produto, ressaltando-se a elevação da participação do Espírito Santo, responsável por 7% das receitas de exportação do petróleo em bruto em 2011, que não tem registro de participação em 2006.

Tabela 4 – Exportações de petróleo

Regiões	2006				2011				Variação %		
	Toneladas	US\$	Participação nas exportações		Toneladas	US\$	Participação nas exportações		Toneladas	US\$	
	(mil)	(milhões)	Do produto	Totais do país	(mil)	(milhões)	Do produto	Totais do país	(mil)	(milhões)	
SE	18 513	6 638	96,3	4,9	31 098	21 490	99,6	8,5	68,0	223,7	
RJ	18 513	6 638	96,3	4,9	28 830	19 979	92,6	7,9	55,7	201,0	
ES	0	0	0,0	0,0	2 268	1 511	7,0	0,6			
Outros	679	256	3,7	0,2	101	77	0,4	0,0	-85,1	-69,8	
Brasil	19 191	6 894	100,0	5,1	31 199	21 567	100,0	8,5	62,6	212,8	
Preço médio: US\$359,2				Preço médio: US\$691,3				Var. % preço médio: 92,4			

Fonte: Secex

Complexo soja

As exportações do complexo soja totalizaram US\$23,9 bilhões em 2011, 168,3% superiores às de 2006, representando 9,5% das exportações totais brasileiras em 2011, ante 6,5% em 2006 (Tabela 5). As exportações de grãos responderam por 68,4% das vendas externas do complexo, ante 63,6% em 2006, seguidas pelas de farelo, 23,8%, ante 27,2%, e pelas de óleo de soja, 7,8%, ante 9,2%, na ordem, com redução absoluta na quantidade embarcada de óleo de soja no período analisado, produto de maior valor agregado e cujo preço médio apresentou a maior alta no período.

A região Sul respondeu por 43,8% das exportações do complexo soja em 2011, ante 36,5% em 2006, ultrapassando a região Centro-Oeste, com 40,1% de participação, ante 47,6%, respectivamente,

em decorrência do considerável crescimento do volume embarcado de grãos. Com isso, a participação das exportações do complexo soja da região Sul elevaram-se a 4,1% do total das vendas externas brasileiras no ano passado, ante 2,4% em 2006. Não obstante a perda de posição relativa, as exportações de soja da região Centro-Oeste permaneceram registrando dinamismo maior que o conjunto das exportações brasileiras no período, o que se expressa no aumento de participação nas vendas externas totais do país, passando de 3,1%, em 2006, para 3,8%, em 2011.

Tabela 5 – Exportações do complexo soja

Regiões	2006				2011				Variação %	
	Toneladas	US\$	Participação nas exportações		Toneladas	US\$	Participação nas exportações		Toneladas	US\$
	(mil)	(milhões)	Do produto	Totais do país	(mil)	(milhões)	Do produto	Totais do país	(mil)	(milhões)
NO	1 003	228	2,6	0,2	1 246	605	2,5	0,2	24,2	165,9
Grãos	986	224	4,0	0,2	1 244	604	3,7	0,2	26,2	169,7
NE	2 281	497	5,6	0,4	4 214	1 970	8,2	0,8	84,8	296,7
Grãos	1 496	339	6,0	0,2	3 364	1 642	10,1	0,7	124,9	384,2
CO	18 898	4 235	47,6	3,1	19 875	9 587	40,1	3,8	5,2	126,4
Grãos	13 961	3 172	56,0	2,3	13 478	6 699	41,0	2,7	-3,5	111,2
Farelo	4 650	924	38,2	0,7	5 985	2 376	41,7	0,9	28,7	157,1
Óleo	287	139	16,9	0,1	412	513	27,6	0,2	43,5	268,6
SE	3 192	689	7,7	0,5	2 401	1 270	5,3	0,5	-24,8	84,4
Grãos	2 118	478	8,4	0,4	1 610	824	5,0	0,3	-24,0	72,3
Farelo	1 046	197	8,1	0,1	688	319	5,6	0,1	-34,2	62,0
Óleo	28	14	1,7	0,0	103	127	6,8	0,1	274,1	820,8
SUL	13 572	3 253	36,5	2,4	21 138	10 450	43,8	4,1	55,7	221,2
Grãos	6 379	1 446	25,6	1,1	13 290	6 559	40,2	2,6	108,3	353,5
Farelo	5 833	1 137	47,0	0,8	6 838	2 683	47,1	1,1	17,2	135,9
Óleo	1 360	669	81,3	0,5	1 010	1 208	65,0	0,5	-25,7	80,5
Brasil	38 946	8 901	100,0	6,5	48 873	23 882	100,0	9,5	25,5	168,3
Grãos	24 940	5 659	100,0	4,2	32 986	16 327	100,0	6,5	32,3	188,5
Farelo	12 330	2 419	100,0	1,8	14 355	5 698	100,0	2,3	16,4	135,6
Óleo	1 676	823	100,0	0,6	1 533	1 857	100,0	0,7	-8,5	125,7
			Preço médio				Preço médio			Var. % preço médio
Brasil			US\$228,5				US\$488,7			113,8
Grãos			US\$226,9				US\$495,0			118,1
Farelo			US\$196,2				US\$396,9			102,3
Óleo			US\$490,9				US\$1 211,7			146,8

Fonte: Secex

Complexo carnes

As exportações de carnes somaram US\$12,5 bilhões em 2011, 77,7% superior ao valor registrado em 2006, reflexo dos aumentos de 12,3% no *quantum* e de 58,2% no preço médio,

com participação de 5% nas exportações totais, ante 5,2% em 2006 (Tabela 6). Dos seis grupos de *commodities* analisados, foi o único a apresentar crescimento inferior ao das exportações totais, refletindo as menores taxas de crescimento de bovinos e suínos, 33% e 29,9%, respectivamente, ante elevação de 141,9% nas exportações de carne de frango. Ressalte-se que, enquanto o *quantum* exportado de frango cresceu 38%, os de bovinos e de suínos recuaram 33,1% e 9,9%, respectivamente.

A região Sul manteve a maior participação nas exportações desse segmento, 49% tanto em 2006 quanto em 2011, com participação de aproximadamente 2,5% nas exportações totais nos dois anos mencionados. A região Centro-Oeste aumentou sua participação nas exportações de carnes de 21,7% para 25,2%, assumindo posição de destaque frente à região Sudeste. Esse movimento decorreu de expansão significativa de participação nos três tipos de carnes, conforme a Tabela 6. Relativamente à região Sudeste, a diminuição de sua

Tabela 6 – Exportações de complexo carnes

Regiões	2006				2011				Variação %	
	Toneladas (mil)	US\$ (milhões)	Participação nas exportações		Toneladas (mil)	US\$ (milhões)	Participação nas exportações		Toneladas (mil)	US\$ (milhões)
			Do produto	Totais do país			Do produto	Totais do país		
NO (bov.)	80	194	2,8	0,1	101	459	3,7	0,2	25,4	136,3
NE (fr.)	6	5	0,1	0,0	3	6	0,0	0,0	-55,1	11,2
CO	738	1 526	21,7	1,1	979	3 161	25,2	1,3	32,7	107,2
Frango	287	315	10,8	0,2	574	1 207	17,1	0,5	99,7	283,0
Bovino	417	1 150	36,7	0,8	337	1 750	42,0	0,7	-19,3	52,1
Suíno	33	60	6,1	0,0	69	204	15,9	0,1	106,0	238,1
SE	944	1 876	26,6	1,4	845	2 764	22,1	1,1	-10,5	47,3
Frango	296	306	9,8	0,2	467	871	12,3	0,3	57,7	185,1
Bovino	631	1 539	49,1	1,1	357	1 834	44,0	0,7	-43,3	19,2
Suíno	17	32	3,2	0,0	20	58	4,5	0,0	22,5	84,7
SUL	2 528	3 443	48,9	2,5	2 899	6 128	49,0	2,4	14,7	78,0
Frango	1 997	2 294	78,6	1,7	2 525	4 979	70,5	2,0	26,4	117,0
Bovino	96	250	8,0	0,2	27	126	3,0	0,0	-72,5	-49,8
Suíno	434	898	90,7	0,7	347	1 024	79,6	0,4	-20,1	14,0
Brasil	4 296	7 044	100,0	5,2	4 826	12 519	100,0	5,0	12,3	77,7
Frango	2 587	2 920	100,0	2,1	3 570	7 063	100,0	2,8	38,0	141,9
Bovino	1 225	3 134	100,0	2,3	820	4 169	100,0	1,7	-33,1	33,0
Suíno	484	990	100,0	0,7	436	1 286	100,0	0,5	-9,9	29,9
			Preço médio				Preço médio		Var. % preço médio	
Brasil			US\$1 639,7				US\$2 593,9		58,2	
Frango			US\$1 129,0				US\$1 978,5		75,2	
Bovino			US\$2 557,9				US\$5 083,0		98,7	
Suíno			US\$2 044,7				US\$2 949,3		44,2	

Fonte: Secex

participação nas exportações brasileiras de carnes, de 26,6% para 22,1%, decorreu exclusivamente da queda de participação de 49,1% para 44% em bovinos, não compensada pelos aumentos de participação em frango e suínos.

Açúcar de cana em bruto

As exportações de açúcar de cana em bruto somaram US\$11,5 bilhões em 2011, 193,4% maiores que as registradas em 2006, com a região Sudeste preservando a posição de maior exportador do produto, mas perdendo participação no período analisado, de 72,2% para 66,1% (Tabela 7). A participação da região Nordeste também declinou, de 14,8% para 14%, enquanto a da região Sul subiu de 10,4% para 12,2%. A região Centro-Oeste, a despeito de sua menor relevância, teve sua participação ampliada no total exportado da *commodity*, de 2,6% para 7,7%. Considerando-se a participação do produto nas exportações totais, as quatro regiões registraram expansão, com elevação conjunta de 1,7 p.p. no período.

Tabela 7 – Exportações de açúcar em bruto

Regiões	2006				2011				Variação %		
	Toneladas (mil)	US\$ (milhões)	Participação nas exportações		Toneladas (mil)	US\$ (milhões)	Participação nas exportações		Toneladas (mil)	US\$ (milhões)	
			Do produto	Totais do país			Do produto	Totais do país			
NE	1 971	583	14,8	0,4	2 485	1 619	14,0	0,6	26,1	177,6	
AL	1 593	459	11,7	0,3	1 862	1 193	10,3	0,5	16,9	159,8	
PB	48	17	0,4	0,0	80	57	0,5	0,0	67,3	240,1	
RN	5	2	0,1	0,0	10	8	0,1	0,0	125,6	271,3	
PE	326	105	2,7	0,1	512	348	3,0	0,1	57,1	231,1	
SE	0	0	0,0	0,0	21	13	0,1	0,0			
CO	324	102	2,6	0,1	1 655	891	7,7	0,4	411,4	770,2	
GO	128	42	1,1	0,0	409	237	2,1	0,1	220,8	465,6	
MT	28	6	0,2	0,0	3	3	0,0	0,0	-87,9	-50,5	
MS	168	54	1,4	0,0	1 242	651	5,6	0,3	637,7	1101,3	
SE	9 065	2 842	72,2	2,1	13 416	7 629	66,1	3,0	48,0	168,4	
MG	955	278	7,1	0,2	2 224	1 208	10,5	0,5	132,8	334,1	
ES	0	0	0,0	0,0	57	36	0,3	0,0			
RJ	0	0	0,0	0,0	4	3	0,0	0,0			
SP	8 109	2 564	65,1	1,9	11 131	6 382	55,3	2,5	37,3	148,9	
SUL	1 448	408	10,4	0,3	2 597	1 410	12,2	0,6	79,3	245,5	
PR	1 448	408	10,4	0,3	2 597	1 410	12,2	0,6	79,3	245,5	
Brasil	12 807	3 936	100,0	2,9	20 153	11 549	100,0	4,6	57,4	193,4	
Preço médio: US\$307,3				Preço médio: US\$573,1				Var. % preço médio: 86,5			

Fonte: Secex

Café em grãos

As exportações de café, que totalizaram US\$7,6 bilhões em 2011, representando aumento de 162,7% em relação ao valor de 2006, concentram-se na região Sudeste, com participação ampliada de 93,4% para 95,5% nas vendas externas do produto e de 2% para 2,9% nas do país. O aumento da participação do produto nas exportações totais no período refletiu expansões de 16,3% na quantidade exportada e de 126% no preço médio (Tabela 8).

Tabela 8 – Exportações de café em grãos

Regiões	2006				2011				Variação %		
	Toneladas (mil)	US\$ (milhões)	Participação nas exportações		Toneladas (mil)	US\$ (milhões)	Participação nas exportações		Toneladas (mil)	US\$ (milhões)	
			Do produto	Totais do país			Do produto	Totais do país			
SE	1 361	2 700	93,4	2,0	1 621	7 252	95,5	2,9	19,1	168,6	
MG	1 027	2 097	72,5	1,5	1 210	5 791	76,2	2,3	17,8	176,2	
ES	191	301	10,4	0,2	259	753	9,9	0,3	35,9	150,2	
RJ	0	1	0,0	0,0	0	1	0,0	0,0	-28,4	60,8	
SP	144	302	10,4	0,2	152	707	9,3	0,3	6,1	134,1	
Sul	44	85	2,9	0,1	35	165	2,2	0,1	-20,0	94,3	
PR	44	85	2,9	0,1	35	165	2,2	0,1	-20,0	94,3	
Outros	53	106	3,7	0,1	39	180	2,4	0,1	-27,0	69,0	
Brasil	1 458	2 892	100,0	2,1	1 695	7 597	100,0	3,0	16,3	162,7	
Preço médio: US\$1 983,7				Preço médio: US\$4 482,7				Var. % preço médio: 126,0			

Fonte: Secex

Considerações finais

No período 2006-2011, as principais *commodities* negociadas pelo Brasil no mercado internacional contribuíram de modo expressivo para o crescimento das exportações. Em cenário econômico pós-crise financeira marcado por incertezas e estagnação de algumas economias maduras, as *commodities* neste boxe revelaram-se fundamentais para o desempenho favorável da balança comercial, que apresentou vigorosos superávits comerciais no período analisado.

Considerado-se o desempenho por produto, minério de ferro foi o principal destaque no período, com US\$32,9 bilhões de elevação nas receitas de exportação, seguido pelo complexo soja e pelo petróleo em bruto, respectivamente, com US\$15 bilhões e US\$14,7 bilhões. Essas três *commodities* responderam, conjuntamente, por 53,8% da elevação total de receitas de exportação

no período, percentual que atinge 69% quando incluídos os outros três grupos analisados.

Em termos de distribuição regional das vendas externas, as regiões Centro-Oeste e Norte ampliaram seus pesos nas exportações totais brasileiras, enquanto as demais regiões perderam participação (Tabela 9).

Tabela 9 – Exportações por região

	Norte		Nordeste		Centro-Oeste		Sudeste		Sul		Brasil ^{1/}
	US\$ milhões	% do total									
2006	8 918	6,6	11 629	8,6	7 563	5,6	80 012	58,9	27 801	20,5	135 923
2007	9 809	6,2	13 086	8,2	9 776	6,2	91 277	57,5	34 752	21,9	158 700
2008	13 060	6,7	15 452	7,9	14 331	7,3	110 961	56,7	41 964	21,4	195 767
2009	10 112	6,7	11 616	7,7	14 240	9,4	81 928	54,3	32 887	21,8	150 782
2010	15 111	7,6	15 868	8,0	15 764	7,9	115 494	57,9	37 140	18,6	199 377
2011	20 861	8,3	18 830	7,5	20 805	8,2	145 906	57,8	45 872	18,2	252 276
Var. 2011/2006	133,9%	1,7 p.p.	61,9%	-1,1 p.p.	175,1%	2,7 p.p.	82,4%	-1,0 p.p.	65,0%	-2,3 p.p.	85,6%

Fonte: Secex

1/ FOB, exceto reexportação, consumo de bordo e provisões.

O desempenho favorável da região Norte decorreu da expansão das exportações de minério de ferro, concentradas no Pará, e o da região Centro-Oeste, da dos complexos soja e carnes e do açúcar de cana.

Distribuição Regional da Produção Agrícola Brasileira

A produção agrícola nacional experimentou expansão relevante nos últimos quinze anos, contribuindo para que o Produto Interno Bruto (PIB) do país registrasse crescimento médio anual de 3,1% no período. Nesse contexto, o objetivo deste boxe consiste em identificar a contribuição de cada região para o desempenho do setor agrícola do país e a importância das principais culturas, com ênfase em sua relevância regional.¹

Gráfico 1 – Participação no valor da produção agrícola

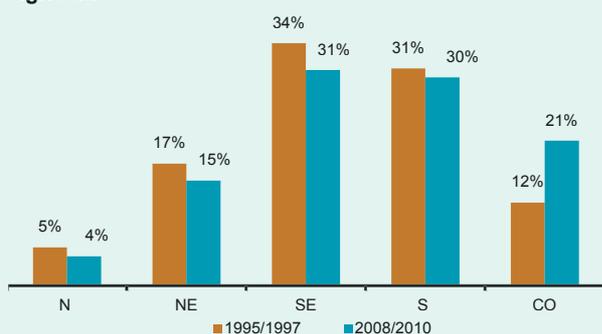
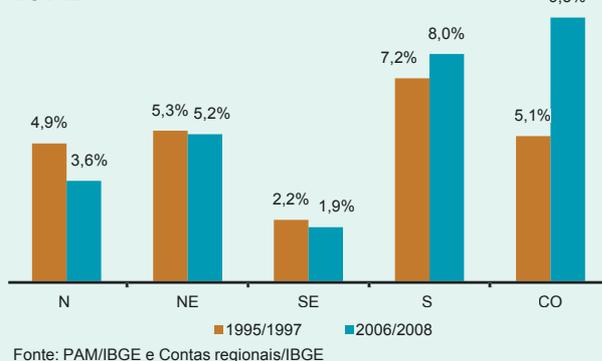


Gráfico 2 – Participação do valor da produção agrícola no PIB



As participações médias do setor agrícola de cada região na produção nacional desse segmento, relativas aos triênios 1995/1997 e 2008/2010, encontram-se no Gráfico 1. Ressalte-se o aumento significativo da participação da região Centro-Oeste, de 9 p.p., para 21%, no período considerado, e a retração das participações médias das demais regiões. Ainda assim, observe-se a manutenção da maior importância relativa das regiões Sudeste e Sul.

A análise do Gráfico 2, consideradas estatísticas da Pesquisa Agrícola Municipal (PAM), das Contas Regionais (CR), e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),² evidencia que a relação entre o valor da produção agrícola e o PIB registrou aumento importante na região Centro-Oeste, evolução compatível com o crescimento da importância da produção da região na agricultura do país.

A evolução da representatividade das principais culturas na produção agrícola do país e das regiões encontra-se nas de Tabelas de 1 a

1/ Foram utilizados os resultados da PAM do IBGE relativos aos triênios 1995/1997 e 2008/2010. Objetivando amenizar o efeito de variações bruscas nas estatísticas anuais, foram utilizadas, no decorrer da análise, médias relativas aos triênios considerados.

2/ Tendo em vista que os dados regionais para o PIB estão disponíveis até 2008, foram considerados os triênios 1995/1997 e 2006/2008.

3/ O crescimento médio foi calculado a partir dos valores médios nos triênios 1995/1997 e 2008/2010.

Tabela 1 – Brasil: principais culturas

Discriminação	Crescimento % anual médio (1995/1997-2008/2010)					Participação % no valor da produção	
	Área colhida	Rendi- mento	Produção (c=a.b)	Preço (d)	Valor (e=d.c)	1995/ 1997	2008/ 2010
	(a)	(b)	(c=a.b)	(d)	(e=d.c)		
Soja	5,4	1,7	7,2	0,2	7,3	15,7	25,8
Cana-de- açúcar	4,8	1,3	6,1	-2,4	3,5	16,1	16,5
Milho	0,5	3,6	4,0	-1,1	3,0	12,0	11,5
Café	0,9	0,2	1,1	-0,3	1,0	9,2	6,9
Arroz	-1,8	3,7	1,9	-0,8	1,1	6,1	4,6

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal/IBGE

Tabela 2 – Norte: principais culturas

Discriminação	Crescimento % anual médio (1995/1997-2008/2010)					Participação % no valor da produção	
	Área colhida	Rendi- mento	Produção (c=a.b)	Preço (d)	Valor (e=d.c)	1995/ 1997	2008/ 2010
	(a)	(b)	(c=a.b)	(d)	(e=d.c)		
Mandioca	1,3	1,2	2,5	-3,5	-1,2	34,0	24,8
Soja	28,6	3,3	33,0	1,3	34,9	0,4	15,7
Arroz	-2,3	3,1	0,7	0,1	0,8	10,3	9,8
Milho	-0,7	4,0	3,2	-0,5	2,7	7,2	8,6
Banana	-1,9	-2,8	-4,7	3,4	-1,4	8,5	6,0

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal/IBGE

Tabela 3 – Nordeste: principais culturas

Discriminação	Crescimento % anual médio (1995/1997-2008/2010)					Participação % no valor da produção	
	Área colhida	Rendi- mento	Produção (c=a.b)	Preço (d)	Valor (e=d.c)	1995/ 1997	2008/ 2010
	(a)	(b)	(c=a.b)	(d)	(e=d.c)		
Cana-de- açúcar	0,2	1,3	1,5	-2,1	-0,6	23,8	16,7
Soja	9,0	2,7	11,9	-0,0	11,8	4,4	14,2
Milho	0,2	5,5	5,7	-1,6	4,1	6,0	7,6
Mandioca	0,5	0,1	0,6	-3,1	-2,3	12,3	6,9
Banana	0,8	-0,8	-0,0	2,9	2,8	5,4	5,9

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal/IBGE

6.³ No país (Tabela 1), ressalte-se o crescimento médio anual de 7,3% no valor da produção de soja, resultando em elevação de 10,1 p.p., para 25,8%, na sua participação no valor da produção agrícola do país, consideradas as médias dos triênios analisados. Esse desempenho refletiu, em parte, o aumento de 30,6% registrado, em 2010, na produtividade da cultura na região Sul. Vale mencionar, ainda, o crescimento médio anual do valor da produção de cana-de-açúcar, mesmo em cenário de retração anual média de 2,4% em seu preço implícito.⁴ As participações do milho, do café e do arroz recuaram no período, com destaque para a redução no preço do milho, a reduzida expansão do rendimento do café e a para a retração na área colhida do arroz.

A contribuição média da atividade agrícola para o PIB da região Norte recuou de 4,9% para 3,6%, entre os triênios considerados, contribuindo para que sua representatividade na produção nacional decrescesse 1,0 p.p., para 4%, no período. O valor real da produção da região aumentou 17,2%, com destaque para as contribuições respectivas de 18,0 p.p. e -5,0 p.p. exercidas pelas culturas de soja e mandioca. O desempenho da produção de mandioca, principal cultura da região, refletiu, em especial, a retração média anual de 3,5% no preço e os recuos respectivos de 4,7% e 6,7% registrados nos volumes colhidos em 2010 e no ano anterior. Em oposição, a participação da produção de soja cresceu 15,3 p.p., para 15,7%, no período, com ênfase em sua expansão anual média de 60% registrada de 2003 a 2005 (Tabela 2).

O valor real da produção agrícola da região Nordeste aumentou 31,5% entre os triênios considerados. A participação da cultura de soja, responsável por 14,3 p.p. da elevação mencionada, atingiu 14,2% no triênio encerrado em 2010, crescendo 9,8 p.p., no período (Tabela 3). Em sentido oposto, a representatividade da produção de cana-de-açúcar, principal cultura da região, recuou de 23,8% para 16,7%, evolução associada tanto ao comportamento desfavorável dos preços quanto à retração de 6,9% registrada na produtividade em 2010 e no ano anterior. Os aumentos registrados nas participações das culturas de milho e banana

4/ Calculado a partir da relação entre o valor da produção (deflacionado pelo IGP-DI) e a respectiva produção física.

Tabela 4 – Sudeste: principais culturas

Discriminação	Crescimento % anual médio (1995/1997-2008/2010)					Participação % no valor da produção	
	Área colhida	Rendi- mento	Produção	Preço	Valor	1995/ 1997	2008/ 2010
	(a)	(b)	(c=a.b)	(d)	(e=d.c)		
Cana-de- açúcar	5,4	1,0	6,4	-2,1	4,2	27,6	34,6
Café	0,8	0,3	1,1	-0,2	1,1	22,3	19,1
Laranja	-1,8	1,8	-0,1	4,2	4,2	7,5	9,4
Milho	-1,7	4,3	2,5	-0,6	1,9	8,9	8,4
Soja	2,3	2,2	4,5	0,3	4,8	4,5	6,1

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal/IBGE

Tabela 5 – Sul: principais culturas

Discriminação	Crescimento % anual médio (1995/1997-2008/2010)					Participação % no valor da produção	
	Área colhida	Rendi- mento	Produção	Preço	Valor	1995/ 1997	2008/ 2010
	(a)	(b)	(c=a.b)	(d)	(e=d.c)		
Soja	3,5	1,3	4,9	0,4	5,1	24,9	32,7
Milho	-0,7	3,6	2,8	-0,9	2,0	17,7	15,7
Arroz	1,1	2,7	3,8	-1,3	2,4	11,7	10,9
Fumo	3,5	0,8	4,4	-0,3	4,1	8,5	9,7
Trigo	3,6	3,1	6,6	-0,6	6,1	3,4	5,0

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal/IBGE

Tabela 6 – Centro-Oeste: principais culturas

Discriminação	Crescimento % anual médio (1995/1997-2008/2010)					Participação % no valor da produção	
	Área colhida	Rendi- mento	Produção	Preço	Valor	1995/ 1997	2008/ 2010
	(a)	(b)	(c=a.b)	(d)	(e=d.c)		
Soja	7,0	1,6	8,8	0,3	9,1	47,8	55,7
Milho	5,1	2,0	7,2	-1,3	5,8	17,5	13,7
Cana-de- açúcar	9,9	0,9	10,9	-3,0	7,6	10,1	9,9
Algodão herbáceo	8,6	5,6	14,9	-0,7	13,9	4,1	8,4
Feijão	-4,3	3,6	-0,8	0,4	-0,3	2,5	2,6

Fonte: Pesquisa Agrícola Municipal/IBGE

decorreram, em especial, de elevações médias respectivas de 5,5% e 2,9% no rendimento e no preço. Assim como observado na região Norte, a menor participação da produção de mandioca resultou de expressiva redução no preço médio.

Conforme observado no Gráfico 1, a produção agrícola da região Sudeste, mesmo recuando 3 p.p. entre os triênios analisados, manteve-se como a mais representativa do país. O aumento de 35,9% registrado no valor da produção da região, no período, evidenciou a contribuição de 19,4 p.p. da lavoura de cana-de-açúcar, que representou 34,6% do valor total, com ênfase no crescimento médio anual de 5,4% na área colhida (Tabela 4). A região Sudeste foi responsável, no triênio 2008/2010, por 69% da produção nacional de cana-de-açúcar e por cerca de 80% das lavouras de café e de laranja.

A produção agrícola da região Sul, com importância para o PIB regional inferior apenas à observada na Centro-Oeste, aumentou 46,2% entre os triênios encerrados em 1997 e 2010. Essa evolução foi impulsionada pela contribuição de 22,9 p.p. da cultura de soja, cuja participação no valor da produção da região cresceu 7,8 p.p., atingindo 32,7% no triênio finalizado em 2010. Os valores relativos às colheitas de milho, arroz, fumo e o trigo refletiram os impactos das elevações nas produções físicas desses produtos, mais intensos do que os associados às retrações nos respectivos preços (Tabela 5).

A participação da agricultura no PIB do Centro-Oeste aumentou de 5,1% para 9,3%, entre os triênios finalizados em 1997 e em 2010, enquanto a participação do segmento na produção do país passou de 12% para 21%. Essa trajetória, compatível com o aumento de 166% no valor da produção agrícola da região, foi impulsionada pela expansão da cultura da soja, que contribuiu com 100,3 p.p. para o crescimento mencionado, ressaltando-se o aumento médio anual de 8,8% no volume produzido (Tabela 6). Vale destacar que essa elevação decorreu de aumentos de 7,0% na área colhida e de 1,6% no rendimento, que é o maior dentre as regiões – 3,0 toneladas por hectare (t/ha), ante 2,5 t/ha na região Sul, segundo maior produtor. As culturas de milho, cana-de-açúcar e algodão

herbáceo registraram elevações acentuadas nas quantidades produzidas, sustentadas, em especial, por aumentos das áreas colhidas.

Em síntese, o principal destaque da atividade agrícola nacional no período considerado foi a expansão da fronteira agrícola da soja. Como resultado, observa-se expressivo crescimento dessa lavoura em todas as regiões, principalmente via expansão de área plantada. Cabe mencionar, também, a acentuada elevação da produção de cana-de-açúcar na região Sudeste e na Centro-Oeste, também por meio de expansão de área plantada, apesar de retrações no preço relativo.

Evolução Regional das Operações de Crédito por Atividade Econômica

Tabela 1 – Saldo das operações de crédito a pessoas jurídicas por atividade econômica – Brasil^{1/}

Setores	R\$ bilhões			
	Saldo		Contrib. ^{2/} Var.	
	2007	2011	%	%
Comércio atacadista (exceto veículos)	42,7	83,2	7,0	95
Geração, transmissão e distribuição de energia elétrica e gás	35,2	79,1	7,5	124
Construção	21,8	78,8	9,8	261
Comércio varejista	25,5	62,2	6,3	144
Indústria de alimentos e bebidas (exceto açúcar)	27,2	58,0	5,3	113
Refino de petróleo, coque, álcool	8,2	54,6	8,0	568
Transporte rodoviário de carga	16,6	44,0	4,7	166
Comércio e reparação de veículos	16,4	39,0	3,9	137
Siderurgia	11,0	32,9	3,8	199
Governos estaduais e municipais	10,7	30,5	3,4	185
Demais setores	247,3	482,0	40,3	95
Total	462,7	1.044,3	100,0	126

Fonte: Sistema de Informações de Crédito (SCR)

1/ Operações com saldo superior a R\$5mil.

2/ Percentual de contribuição na variação entre novembro/2007 e novembro/2011.

Gráfico 1 – Evolução do saldo das operações de crédito a pessoas jurídicas – Brasil^{1/}



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

O Banco Central divulga, desde outubro de 2008, o saldo das operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional (SFN) desagregado por região geográfica e por segmento do mercado. O objetivo deste box consiste em avaliar a evolução do crédito a pessoas jurídicas no período novembro de 2007 a novembro de 2011, com ênfase em sua destinação por região e por atividade econômica.¹

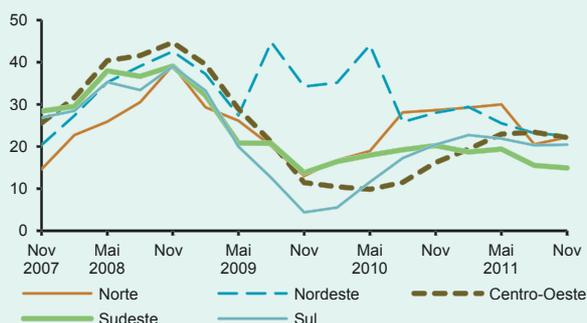
Em âmbito nacional, o saldo das operações de crédito para pessoas jurídicas totalizou R\$1.044 bilhões em novembro de 2011, aumentando 126% em relação a novembro de 2007, conforme a Tabela 1. Destacaram-se, no período, as elevações nos segmentos construção civil, em ambiente de crescimento da renda disponível e dos financiamentos habitacionais, e refino de petróleo, coque e álcool e no setor elétrico. Vale ressaltar que os dez segmentos especificados na Tabela 1 foram responsáveis, em conjunto, por 59,6% do aumento da carteira das pessoas jurídicas no período.

O crescimento do volume de crédito atingiu o máximo no terceiro trimestre de 2008, 39,7% em doze meses (Gráfico 1). O ritmo de expansão do crédito desacelerou após a crise financeira no final de 2008, estabilizando-se em torno de 20% nos últimos quatro trimestres.

A análise regional revela que, embora ocorressem diferenças de intensidade e de defasagem, de modo geral, a evolução do crédito no segmento de pessoas jurídicas registrou ciclos semelhantes de crescimento e arrefecimento nas cinco regiões do

1/ A agregação por atividades considerou o cadastro da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

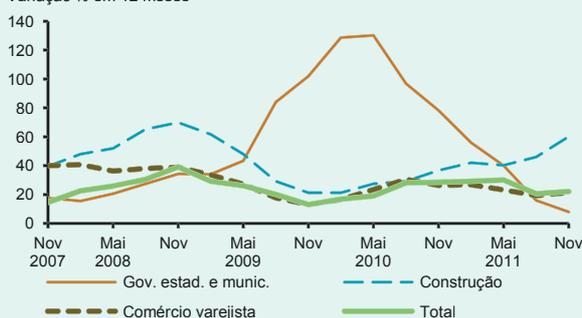
Gráfico 2 – Evolução do saldo das operações de crédito – Pessoas jurídicas^{1/}



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Gráfico 3 – Evolução do saldo das operações de crédito a pessoas jurídicas por atividade – Norte^{1/}

Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

Gráfico 4 – Evolução do saldo das operações de crédito a pessoas jurídicas por atividade – Nordeste^{1/}

Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

país, conforme observado no Gráfico 2.² A partir de meados de 2010, registram-se moderação na expansão do crédito nas regiões Norte, Nordeste e Sudeste e crescimento marginal na região Sul. Na região Centro-Oeste, última a registrar inflexão no ciclo de desaceleração pós-crise de 2008, o crédito registrou crescimento mais significativo em 2011, em contraste com a média nacional, alavancado pela expansão dos setores de energia elétrica e construção.

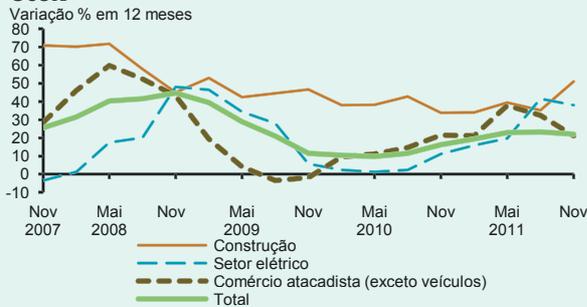
O saldo das operações de crédito concedido às empresas na região Norte atingiu R\$33,8 bilhões em novembro, aumentando 147% em relação a novembro de 2007, com ênfase nas contratações dos governos estaduais e municipais e dos segmentos construção civil e comércio varejista, responsáveis, em conjunto, por 42,9% da expansão registrada no período (Gráfico 3). Considerados períodos de doze meses, o aumento do saldo das operações de crédito no segmento de pessoas jurídicas da região recuou de 28,6% em novembro de 2010 para 22,2% em igual mês de 2011, evolução associada, em especial, à contração nos empréstimos no segmento geração, transmissão e distribuição de energia elétrica e gás e à moderação nas contratações do setor público. Em oposição, o volume de financiamentos captado pelas empresas de construção aumentou de 36,7% para 60,2%, no período.

Os empréstimos contratados pelas empresas na região Nordeste somaram R\$121,6 bilhões em novembro de 2011, elevando-se 200% em relação a novembro de 2007. Essa evolução, a mais acentuada regionalmente, foi impulsionada pelo elevado volume de recursos contratado para a construção da Refinaria Abreu e Lima, em Pernambuco, em julho de 2009, equivalente a 13,6% do saldo dos empréstimos no segmento no mês. Destacaram-se, ainda, as contratações realizadas nos segmentos geração, transmissão e distribuição de energia elétrica e gás, principalmente no Ceará, Bahia e Maranhão, e indústrias químicas, especialmente na Bahia e em Pernambuco. Em conjunto, esses três setores foram responsáveis por 32,5% da variação do saldo dos empréstimos mencionados. Considerados

2/ Operações de elevado valor podem alterar a trajetória de expansão do crédito de determinada região. Nesse sentido, a contratação de financiamento para construção de refinaria em Pernambuco, em meados de 2009, alterou significativamente a tendência de crescimento dos empréstimos no Nordeste. Isolada essa operação, o comportamento do crédito no Nordeste foi semelhante ao registrado nas demais regiões.

períodos de doze meses, o crescimento do crédito no segmento de pessoas jurídicas passou de 28% em novembro de 2010 para 22,6% em novembro de 2011(Gráfico 4).³

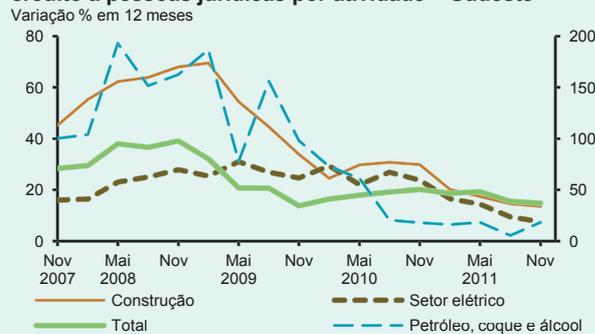
Gráfico 5 – Evolução do saldo das operações de crédito a pessoas jurídicas por atividade – Centro-Oeste^{1/}



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

O total das operações de crédito superiores a R\$5 mil contratadas no segmento de pessoas jurídicas atingiu R\$72,3 bilhões na região Centro-Oeste em novembro de 2011, aumentando 129% no período analisado, conforme o Gráfico 5. Essa expansão foi influenciada, em especial, pelo dinamismo das contratações nos segmentos construção civil, particularmente no Distrito Federal e em Goiás, geração, transmissão e distribuição de energia elétrica e gás, especialmente no Distrito Federal e em Mato Grosso, e comércio atacadista – exceto veículos, concentrado em Mato Grosso e Goiás. Em conjunto, esses três setores foram responsáveis por 32,6% da expansão dos financiamentos a pessoas jurídicas na região, no período. Considerados intervalos de doze meses, ressaltou-se a elevação de 22,1% na carteira de pessoas jurídicas da região, ante 16,2%, em novembro de 2010, impulsionada pela demanda da construção civil, do setor elétrico e do comércio atacadista.

Gráfico 6 – Evolução do saldo das operações de crédito a pessoas jurídicas por atividade – Sudeste^{1/}



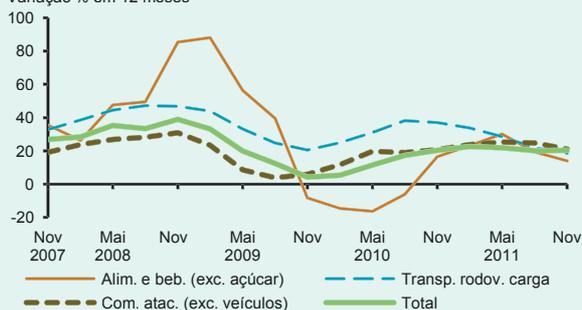
1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

A carteira das pessoas jurídicas, concentrando cerca de 60% das operações superiores a R\$5 mil no país, atingiu R\$637,9 bilhões em novembro de 2011, registrando crescimento de 119% em relação a novembro de 2007 (Gráfico 6). Destacaram-se, no período, as expansões na construção civil, em especial em São Paulo e nos segmentos refino de petróleo, coque e álcool, concentradas no Rio de Janeiro, e geração, transmissão e distribuição de energia elétrica e gás, particularmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Esses três setores foram responsáveis, em conjunto, por 27,1% do crescimento da carteira de pessoas jurídicas na região. A análise em doze meses evidencia a perda de dinamismo das contratações na região, que, após expandirem 20,2% em novembro de 2010, cresceram 14,9% em novembro de 2011, menor aumento entre as regiões brasileiras. Esse decréscimo traduziu, em especial, a moderação nas concessões para os setores de energia, comércio atacadista – exceto veículos e construção.

3/ Tendo em vista a acentuada expansão do crédito no setor de refino de petróleo mencionada anteriormente, o gráfico para a região Nordeste foi construído com a utilização de dois eixos, com o da direita representando as variações no segmento de refino de petróleo.

Gráfico 7 – Evolução do saldo das operações de crédito a pessoas jurídicas por atividade – Sul^{1/}

Variação % em 12 meses



1/ Operações com saldo superior a R\$5 mil.

O total dos créditos às pessoas jurídicas atingiu R\$178,7 bilhões na região Sul, em novembro de 2011, aumentando 110% em relação a novembro de 2007, menor taxa nas cinco regiões geográficas do país (Gráfico 7). Nesse período, destacaram-se as contratações das indústrias de alimentos e bebidas, especialmente em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, do comércio atacadista – exceto veículos – e do segmento transporte rodoviário de carga, com maior presença no Paraná. Esses três setores contribuíram com 30,2% do aumento do crédito às empresas na região, no período. Considerados períodos de doze meses, a taxa de crescimento dos empréstimos às pessoas jurídicas na região passou de 20,4%, em novembro de 2010, para 20,4% em novembro de 2011, com ênfase nas contratações do comércio atacadista, das empresas do setor elétrico e da construção, em oposição à moderação assinalada na demanda do setor transporte rodoviário de carga, da indústria de alimentos e do comércio varejista.

Em síntese, a carteira de crédito das pessoas jurídicas registrou crescimento médio anual de 22,6% de novembro de 2007 a novembro de 2011, com a maior taxa regional ocorrendo no Nordeste, 31,6%, e a menor, 20,4%, no Sul. Considerados períodos de doze meses, a taxa de crescimento das operações de crédito superiores a R\$5 mil contratadas no segmento de pessoas jurídicas nas regiões situou-se, em novembro de 2011, em patamar inferior à média do período analisado, excetuando-se no Centro-Oeste. Destacou-se, no período 2007/2011, o dinamismo das contratações no setor elétrico e na construção civil, com presença entre os mais representativos em três regiões, e da indústria de refino de petróleo, coque e álcool e do comércio atacadista – exceto veículos, com destaque em duas regiões. A análise por atividade econômica revela maior concentração dos empréstimos na região Norte e maior diversificação na Sudeste, ressaltando-se que as contratações do setor público detêm peso relativo mais acentuado nas regiões Norte e Nordeste.

Apêndice

Banco Central do Brasil

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Banco Central do Brasil

Presidente

Alexandre Antonio Tombini

Diretor de Política Econômica

Carlos Hamilton Vasconcelos Araújo

Chefe do Departamento Econômico

Tulio José Lenti Maciel

Representações Regionais do Departamento Econômico

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belém

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Fortaleza

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica no Recife

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Salvador

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belo Horizonte

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica no Rio de Janeiro

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Curitiba

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Porto Alegre

Representações Regionais do Departamento Econômico do Banco Central do Brasil

Gerência-Técnica de Estudos Econômicos em São Paulo
Chefe: Maurício Barreto Campos

E-mail

Av. Paulista, 1804 – Bela Vista
Caixa Postal 8.984
01310-922 – São Paulo (SP)
: gtspa.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belém
Chefe de Equipe: Irene Guedes Paiva

E-mail

Boulevard Castilhos França, 708 – Centro
Caixa Postal 651
66010-020 – Belém (PA)
: pa.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Fortaleza
Chefe de Equipe: Henrique Jorge Medeiros Marinho

E-mail

Av. Heráclito Graça, 273 – Centro
Caixa Postal 891
60140-061 – Fortaleza (CE)
: ce.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica no Recife
Chefe de Equipe: Fernando de Aquino Fonseca Neto

E-mail

Rua da Aurora, 1259 – Santo Amaro
Caixa Postal 1.445
50040-090 – Recife (PE)
: pe.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Salvador
Chefe de Equipe: Itamar Marins da Silva

E-mail

Av. Anita Garibaldi, 1.211 – Ondina
Caixa Postal 44
40210-901 – Salvador (BA)
: ba.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Belo Horizonte
Chefe de Equipe: Rodrigo Lage de Araújo

E-mail

Av. Álvares Cabral, 1.605 – Santo Agostinho
Caixa Postal 887
30170-001 – Belo Horizonte (MG)
: mg.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica no Rio de Janeiro
Chefe de Equipe: Maurício Botelho Ribeiro

E-mail

Av. Presidente Vargas, 730 – Centro
Caixa Postal 495
20071-900 – Rio de Janeiro (RJ)
: rj.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Curitiba
Chefe de Equipe: Vanderlêia Centenaro

E-mail

Av. Cândido de Abreu, 344 – Centro Cívico
Caixa Postal 1.408
80530-914 – Curitiba (PR)
: pr.depec@bc.gov.br

Núcleo Regional de Pesquisa Econômica em Porto Alegre
Chefe de Equipe: Vera Maria Schneider

E-mail

Rua 7 de setembro, 586 – Centro
Caixa Postal 919
90010-190 – Porto Alegre (RS)
: rs.depec@bc.gov.br

Siglas

ACSP	Associação Comercial de São Paulo
BNB	Banco do Nordeste do Brasil S.A.
BNDES	Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
Caged	Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CNAE	Classificação Nacional das Atividades Econômicas
CNC	Confederação Nacional do Comércio
CNI	Confederação Nacional da Indústria
Conab	Companhia Nacional de Abastecimento
Condepe/Fidem	Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco
CSA	Companhia Siderúrgica do Atlântico
Depec	Departamento Econômico
Deral	Departamento de Economia Rural
Emater/RS	Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural
Etene	Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste
EUA	Estados Unidos da América
Fecomércio Minas	Federação do Comércio do Estado de Minas Gerais
Fecomercio SP	Federação do Comércio do Estado de São Paulo
Fecomércio-RJ	Federação do Comércio do Estado do Rio de Janeiro
Fecomércio-RS	Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do RS
FEE	Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser
Fenabreve-PR	Federação Nacional da Distribuição de Veículos Automotores do Estado do Paraná
Fieam	Federação das Indústrias do Estado do Amazonas
Fiec	Federação das Indústrias do Estado do Ceará
Fieg	Federação das Indústrias do Estado de Goiás
Fiemg	Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais
Fiep	Federação das Indústrias do Estado do Paraná
Fiepe	Federação das Indústrias do Estado de Pernambuco
Fiergs	Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul
Fiesp	Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
Firjan	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
FOB	<i>Livre a bordo (Free on Board)</i>
Funcex	Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior
IBC-Br	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Brasil
IBCR	Índice de Atividade Econômica do Banco Central
IBCR-CO	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Centro-Oeste
IBCR-N	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Norte
IBCR-NE	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Nordeste
IBCR-S	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Sul
IBCR-SE	Índice de Atividade Econômica do Banco Central – Região Sudeste

IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICC	Índice de Confiança do Consumidor
ICCBH	Índice de Confiança do Consumidor de Belo Horizonte
Iceb	Indicador de Confiança do Empresariado Baiano
Icei	Índice de Confiança do Empresário Industrial
IDI	Índice de Desempenho Industrial
Iepe	Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas
IFC	Intenção de Consumo das Famílias
INC	Índice Nacional de Confiança
Indi	Instituto de Desenvolvimento Industrial do Ceará
Ipardes	Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPCA	Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo
Ipead	Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, Administrativas e Contábeis de Minas Gerais
Ipece	Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará
LSPA	Levantamento Sistemático da Produção Agrícola
Mapa	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MDIC	Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
Nuci	Nível de Utilização da Capacidade Instalada
p.p.	pontos percentuais
PAM	Pesquisa Agrícola Municipal
PEA	População Economicamente Ativa
Peic	Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor
PIA	Pesquisa Industrial Anual
PIB	Produto Interno Bruto
PIM	Pesquisa Industrial Mensal
Pimes	Pesquisa Industrial Mensal – Emprego e Salário
PIM-PF	Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física
PMC	Pesquisa Mensal do Comércio
PME	Pesquisa Mensal de Emprego
PO	População Ocupada
RMB	Região Metropolitana de Belém
RMBH	Região Metropolitana de Belo Horizonte
RMC	Região Metropolitana de Curitiba
RMF	Região Metropolitana de Fortaleza
RMPA	Região Metropolitana de Porto Alegre
RMR	Região Metropolitana do Recife
RMRJ	Região Metropolitana do Rio de Janeiro
RMS	Região Metropolitana de Salvador
RMSP	Região Metropolitana de São Paulo
Seab/PR	Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Estado do Paraná
Secex	Secretaria de Comércio Exterior
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
SIF	Serviço de Inspeção Federal
Sincodiv PR	Sindicato dos Concessionários e Distribuidores de Veículos no Estado do Paraná
SNIC	Sindicato Nacional da Indústria do Cimento
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
VBP	Valor bruto da produção